

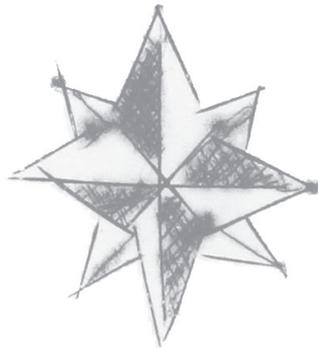


MYRIAM FRAGA

POESIA  
REUNIDA

*Myriam Fraga*

# Poesia reunida



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F811p Fraga, Myriam, 1937-2016.  
Poesia reunida [recurso eletrônico] / Myriam Fraga. – Salvador : Oiti,  
2021.  
1 recurso eletrônico (11.966.555 bytes).

Reedição sob Selo Myriam Fraga do livro “Poesia reunida” através do  
Programa Aldir Blanc Bahia.  
ISBN 978-65-89858-00-3 (e-book).

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD

869.1

*Duro espelho o papel em branco  
restitui apenas o que eras*  
Giorgos Seféris

*Esses trapos azuis, olhai, sou eu.  
Se vós não os vedes, culpa não me cabe  
de andar vestido em túnica vermelha.*  
Jorge de Lima

*Rigor e lucidez na intensidade*  
Murilo Mendes



*A todos que acompanharam esta longa caminhada,  
dedico este livro.*



## Poesia e memória

De que é feita a poesia? De muitos materiais. Cada poeta elege seus materiais e com eles constrói seu universo de palavras, ritmos, imagens, personagens. As concepções tradicionais da lírica a definiam como a voz de um eu que expressa sentimentos e emoções, uma voz que se funde com o mundo, com as paisagens que projetam no espaço do poema a subjetividade de um eu que reverbera através da linguagem. Nesta concepção, tudo converge para a subjetividade, e é por isso que, em muitas teorias sobre a lírica, afirma-se a sua precariedade para falar sobre o social. Foi Theodor Adorno quem reverteu esta concepção realçando o seu potencial para expressar o social e o histórico, pois, no espaço do poema, o eu soa através da linguagem. E a linguagem, como considera Adorno, é um instrumento de comunicação social. É, por excelência, a possibilidade da história do homem, além de ser também a possibilidade de registro da história. É assim que a inserção social da lírica realiza-se através de sua linguagem.

Na lírica moderna, podemos falar da despersonalização do sujeito lírico, resultante do abandono do caráter confessional do paradigma romântico e tradicional. Esse processo de despersonalização compreende um processo de ficcionalização: de um eu ou de uma subjetividade, até então associada à própria figura do autor, à voz

autoral. Fernando Pessoa, no início do século 20, exibiu de forma radical esse caráter de encenação e dramatização do sujeito lírico, ao se multiplicar, encenando-se, através de seus múltiplos heterônimos.

A poesia de Myriam Fraga insere-se nesta vertente que não apela para o tom confessional do sujeito que canta. Poesia de grande força expressiva, épica e dramática, configura um eu que se coloca em constante estado de alerta para colher e acolher os resíduos de acontecimentos que constituem a história — a individual, que insere no poema marcas da biografia desta escritora e da história coletiva através de seus personagens e seus mitos. A biografia projeta-se a partir da paisagem local, a da Cidade do Salvador, de suas marinhas, da ilha de Itaparica com seus pescadores. Mas, na cidade plantada junto ao mar, estão também as histórias e os personagens que protagonizaram momentos importantes da Bahia e do Brasil, e ainda aparecem mobilizados por fragmentos de narrativas ancestrais, imersos nas camadas imponderáveis do psiquismo humano.

Este é o cenário mais amplo da poesia de Myriam Fraga, deste conjunto de poemas que constitui esta *Poesia reunida*. A voz lírica *navega* — uma das palavras prediletas de sua poética — por diversas paisagens. Partindo de acontecimentos passados, projetando a voz de personagens históricos, incorporando histrionicamente estes personagens, este sujeito navegante, em outras passagens, desprega-se do contingencial e do factual e assume a voz do mito. Dentre os personagens mitológicos, as figuras de Penélope e de Ulisses corporificam o sujeito poético, desdobrando-o em suas múltiplas faces e transformando as no motivo principal do livro *Os deuses lares* (1992). Ulisses, o que viaja, navega por paragens distantes e desconhecidas. Penélope, a que espera o retorno de Ulisses, fica a tecer e a destecer os fios que enredam a sua história — o seu *Inesgotável mar [...] interior, onde mergulho e / volto*.

O eu lírico reconhece-se em Ulisses e em Penélope, na sua tarefa de navegar, de desterritorializar-se, e de tecer, fiar e desfilar os fios que enlaçam as ruínas do passado — os seus naufragos e naufrágios — para retecê-

los no espaço do poema. O poema é este emaranhado bordado com muitas histórias *Tapeçaria infinita* onde Penélope/poeta passa os dias *fazendo e desfazendo / o nó dos nomes, / o fio da meada e / — mapa estranho — / os riscos do bordado*. As metáforas relacionadas com a viagem e o tecer enxertam o tecido poético de Myriam Fraga, como imagens que inscrevem no espaço literário o périplo existencial do homem na sua travessia para o infinito.

São muitos os personagens mitológicos que circulam nesta poesia. Mesmo os personagens históricos ganham uma consistência lendária, tornando-se emblemáticos de situações humanas. O sujeito poético, entre tantas paisagens visitadas e revisitadas, navega também pelos subterrâneos do inconsciente humano, de onde emergem os fantasmas do passado — seus naufragos ou os arquétipos que configuram as imagens submersas *do inconsciente oceano*. A imersão no subterrâneo do inconsciente enceta uma viagem às regiões obscuras, às geografias desconhecidas. Nestas paisagens, o sujeito assume a consciência de sua atividade como poeta que é criar *além do / Que existe, / Território do mostrado*. O nomear, tarefa primordial da poesia, é este penetrar no âmago das palavras, portanto, da história. O que a poesia canta não é a mesma história contada e registrada nos manuais e compêndios que nos fornecem a versão oficial dos heróis e dos vencedores. Declara o sujeito poético: *Toco o bojo das palavras, / Miolo do sofrimento, // E então instauro / Um momento / Onde tudo se estilhaça*. Esta é a tarefa do poeta: estilhaçar o mundo, pois este se constitui através da palavra, está nas palavras, e a palavra torna-se o mundo. Cabe ao poeta construir outras realidades, dar ao leitor outras versões dos acontecimentos, já que *Conhecer é trair / O que foi dito*.

Como bem definiu Walter Benjamin em seu ensaio sobre o drama barroco alemão, a literatura se constrói com as “ruínas do passado”, portanto, com aqueles resíduos de acontecimentos esquecidos e recalçados pela historiografia oficial. Hoje, sabemos como a literatura tem sido uma importante reserva documental. Sabemos também como o próprio discurso historiográfico descobre-se ficcional, pois nada mais faz do que fornecer uma

versão de um acontecimento, entre tantas versões possíveis. Por isso é que a literatura é uma historiografia inconsciente e inoficial. Inconsciente por assumir o *outro* da história, por mobilizar as marcas recalçadas e esquecidas. Não oficial, porque sua função é diferente da do discurso historiográfico que tem por tarefa o registro e a interpretação dos fatos.

A historicidade da literatura e, particularmente, da poesia lírica (esta voz aparentemente tão subjetiva e descolada das emergências sociais, políticas e econômicas) reside na possibilidade de tornar-se um registro dos acontecimentos, uma consagração das potencialidades realizadas e não realizadas da história de um sujeito e de uma coletividade. No espaço literário, é pelo crivo da contemplação lírica e pelo viés da extrema condensação imagística da sua linguagem — da força expressiva da voz lírica — que se recuperam os rastros de uma história realizada e não realizada, nos planos individual e coletivo. Por esta via — a da contemplação e a da condensação imagística operada pela linguagem, tecelagem das palavras com o silêncio do mundo — é que a lírica representa uma fissura na racionalidade da técnica e uma imersão nas esferas subjetivas através das quais se projeta o mundo, com suas catástrofes e suas belezas, mas sempre interligado ao sujeito que canta e se decanta.

Na lírica de Myriam Fraga, a palavra conserva essa potência revitalizadora e revigoradora da linguagem poética, onde tudo se estilhaça e se refaz quando flagrado pelo olhar do poeta, quando tocado pela mão do poeta. É vigorosa a capacidade com que o eu lírico assume a voz de uma coletividade, incorporando personagens históricos e mitológicos, numa viagem através do tempo na qual os acontecimentos se desconstroem e se refazem. E, nesta perspectiva, o tempo e a memória constituem importantes vertentes da poesia desta autora, transformando-se em uma temática que perpassa os vários poemas: *Guardo a memória / Do mundo / E amadureço / Intemporal e eterna / No que teço.*

Podemos confirmar na poesia de Myriam Fraga esta marca do eu que se funde com o outro, como característica primordial da lírica, preservada na con-

temporaneidade. Todavia, o eu lírico, nesse processo de dramatizar-se, fundindo-se com o outro, de multiplicar-se nos personagens que encarna, afasta-se do tom confessional, vez que assume um certo distanciamento ou, talvez, uma certa impessoalidade. Ao atualizar os rastros do passado, o sujeito poético não apela para qualquer derramamento confessional. Pelo contrário. A voz de Myriam Fraga, neste aspecto, traz o sabor da lírica de João Cabral de Melo Neto: contida, precisa, sem derramamentos, muitas vezes construindo-se com versos compactos e densos, configurando-se de forma potente e vigorosa. Cito o poema “Caramuru” que prima pela concisão, exemplificando o tónus vigoroso e econômico com que se reconstituem os feitos do personagem Caramuru. A noção de ruína, tomada como expressiva e significativa da história, pode bem ser observada neste poema síntese, poema estilhaço, ou, ainda, poema resíduo: *O espaço vazio / Entre o tiro e o silêncio. / / E todo um reino construído / No momento.*

A exacerbação das vozes que pode ser encontrada na lírica de Myriam Fraga provém da vertigem diante dos fantasmas que assombram o sujeito poético e, por extensão, o leitor, que também experiencia a vertigem do abismo, ou do naufrágio. Chama atenção, em muitos poemas, como a dicção feminina é usurpada pela voz desses personagens históricos e mitológicos que transitam pelo cenário do poema. No que diz respeito à mitologia, são mobilizadas figuras do imaginário clássico europeu, egípcio, africano, indígena, bíblico, bem como figuras da contemporaneidade — a exemplo da *pop star* Carmem Miranda e de John Lennon. Quando incorpora personagens históricos, com tal ardor a voz dessas figuras ressoa no presente, que os vestígios da dicção feminina abrandam-se, cedendo lugar à voz do outro, colocando-se acima de qualquer tentativa de identificação no que diz respeito à caracterização de uma voz feminina. Poemas como “Pedro Álvares Cabral em Santarém”, “Tomé de Souza”, “Francisco Frias ou das fortalezas”, “Galeão Rosário”, entre outros, trazem para o presente a força dos acontecimentos catastróficos da história da Bahia, onde se dissemina a metáfora do nau-

frágio, que ganha importante dimensão dentro dessa perspectiva de reconstrução do passado. O sujeito poético empresta sua visão a estes personagens, como se, pela mediação do olhar do poeta — *Olbo espiral / [...] Um olbo canibal / [...] Olbo monstrengo* —, eles pudessem rever a própria história, atualizando-a no presente, através da dicção poética.

É interessante observar que, em vários poemas, mesmo quando o eu lírico assume a voz feminina, a dicção poética transcende este lugar de fala, desconstruindo e revertendo os parâmetros através dos quais se concebeu historicamente a voz feminina. Este eu inscreve na linguagem a potência de uma força reprimida ao longo da história, de uma voz silenciada ao longo dos anos: *Guardo de mim / Ferozmente o silêncio / E o apascentar de cóleras / Subterrâneas*. Ao transmigrar para esses diversos personagens, o eu lírico procura entender os investimentos dos desejos reprimidos, fazendo-os explodir no presente, encontrando as motivações que mobilizaram as mais diversificadas ações desses personagens no passado. Desse modo, os aspectos líricos mesclam-se com elementos dramáticos, e até mesmo trágicos, tal a dimensão das ações transgressoras dessas mulheres.

Não é por acaso que as personagens femininas trazidas à cena, no conjunto dos poemas que compõem *Femina* (1996), caracterizam-se por uma marca transgressora, expondo uma libido desreprimida, que investe nas imagens do prazer — às vezes, um prazer sádico, beirando a crueldade (crueldade no sentido artaudiano), exibindo os monstros que se escondem nos labirintos do inconsciente, e flagrando uma força libidinal entranhada e represada no próprio corpo. Não encontramos nestes poemas — e refiro-me aqui a poemas como “Judite”, “Dejanira”, “Salomé”, “Maria Bonita”, dentre outros — vozes femininas apaziguadoras ou conciliadoras. Deparamo-nos com a irrupção de figuras emaranhadas em sentimentos fortes, prestes a explodir, uma voragem amorosa inquieta e inquietante ou, uma “poesia fêmea” como define o texto “O risco na pele”: *É da fêmea / O abismo / E as obscuras / Forças da terra, // É da mulher / A longa / Geração dos metais, [...]*

*Recomeço de mim, / De meus conflitos, / Reponho os alfinetes / Neste grito / De cólera solto / Como um risco / Na pele.*

O poema “Trajetória”, inserido no livro *As purificações ou O sinal de talião* (1981), é uma espécie de síntese desses vários poemas, vez que o eu lírico assume a enunciação e se desdobra em várias personagens femininas transgressoras, rebeldes, “marginais”, porque fora dos padrões comportamentais estabelecidos. O poema recompõe a trajetória das reencarnações — das transmigrações — do eu lírico através do tempo, onde ele é simultaneamente, *Maria, a Sanguinária, / Isabel, a Católica, / Rainha destronada, / Inocente e assassina. [...]* / *Estrela absoluta / Dos filmes de pornô.* A reencarnação do eu no outro, aqui, não se dá no plano da transcendência platônica, mas na malha das letras que encorpam textos e personagens.

\* \* \*

É significativa a freqüência com que a palavra *mapa* aparece no conjunto da obra de Myriam Fraga. No poema “V” de *Marinhas*, primeiro livro, há uma inscrição da palavra *mapa*, e aí também já aparecem alguns dos motivos de sua **Poesia reunida**: o barco, a viagem, a sonhada travessia malograda. Disseminando-se ao longo dos textos, “Mapa” será também o nome de um poema do livro *As purificações ou O sinal de talião*, onde aparece novamente o motivo da viagem-navegação, e onde *o tempo é a substância única / Em que naveg(a)* o poeta.

Não é por acaso que se encontra na abertura de *As purificações ou O sinal de talião* uma espécie de prefácio da autora, uma “Explicação (quase) desnecessária”, onde ela define os fios que tecem a sua poesia. Funcionando como uma espécie de arte poética, isto é, um projeto que define os rumos — o mapa — da sua travessia literária no que diz respeito ao conjunto dos textos que compõem este livro de 1981, observa-se que esta “explicação (quase) desnecessária” pode ser expandida para a leitura e compreensão da obra poética de Myriam Fraga.

Chama a atenção a maneira como a escritora já desconfia do próprio texto, pois o considera como

uma “explicação (quase) desnecessária”. Mas, mesmo com esta desconfiança, oferta-nos este projeto que define o roteiro que pretende traçar no périplo de *As purificações*. Como tantos projetos literários, este texto pretende ter uma ação prospectiva — prefácio de um novo livro, onde a escritora generosamente oferta aos seus leitores os principais códigos de estruturação e de decifração do seu texto —, este “mapa” de *As purificações* termina por se constituir como uma cartografia da **Poesia reunida**.

Assim, Myriam coloca-se como leitora de sua própria produção, religando os fios que trançam os temas anteriores ao texto de 1981: *Marinbas, Pescadores de Mar Grande, Sesmaria, O risco na pele*, ainda que o objetivo da explicação esteja direcionado para *As purificações ou O sinal de talião*, livro que a escritora considera *um roteiro de viagem, [...] Diário de bordo perdido num naufrágio, mapa do tesouro de uma ilha sem tesouro*. Além dessas definições, são ainda explicitados os elementos através dos quais ela define a poesia: *resíduo de experiências vividas por remotas ancestralidades*; forma de *recordação* que é também *conhecimento, salvação e purificação* e, finalmente, *memória*. Cabe ao poeta lembrar aos homens que o esquecimento da própria história pode levar à morte: *Assim, o que decifro / É um tempo morto / Na concisão / De sua geometria*. Ou ainda como está expresso neste mesmo poema intitulado “Cidade da Cachoeira I”: *Quando antes / Um tempo-glória / Reluzia nas senzalas, / FOMOS / Nobreza extinta / Que hoje apodrece / Nos álbuns*.

Como todo projeto literário, este roteiro poderia não corresponder ao mapa traçado para o périplo do poeta através das palavras. Entretanto, as poesias agora reunidas poderiam ser definidas como uma “cartografia memorialística”, uma vez que o precípuo gesto de nomear as palavras é aqui um ato de mapear o oceano da memória. Se poesia *é vivência de remotas ancestralidades*, cabe ao poeta traçar o roteiro da viagem de rememoração, de atualização do passado pelo presente, capturando os resíduos — suas ilhas — submersos na memória, desenhando um mapa que reconfigura no presente as ruínas do passado em uma outra geometria imaginária: *Didático / É o existir cotidiano / Que realça nas esquinas / Seus fantasmas*.

Inserindo-se em uma tradição de poeta viajante, confirmando o périplo de Ulisses como o início de uma estirpe que criará outras genealogias, Myriam revigora através de sua poesia uma das vertentes mais caras da literatura portuguesa e brasileira, refazendo o percurso de tantos antepassados que empreenderam uma viagem metafórica ou geográfica — Luís de Camões, *Os lusíadas*, Fernando Pessoa, *Mensagem*, Jorge de Lima, *Invenção de Orfeu*, Cecília Meireles, *Viagem*. Mas ela não dá continuidade apenas a uma estirpe de escritores viajantes. Ela refaz o percurso de muitos aventureiros europeus que atravessaram o mar em busca de sonhadas terras, ainda que transforme este sonho em naufrágio ou em uma *viagem do nada / Ao não sei onde*, vez que *o porto / É uma pedra no fundo / Do impossível*. E é por isso que *Viver é um naufrágio / Sempre repetido*.

Se a viagem realiza-se através do tempo, o poeta lida com os rastros imponderáveis do passado inscritos na memória — *O tempo é a substância única / Em que navego. / Bússola solta ao acaso, / Aeronave, // Geografia inventada, precipício / De símbolos, de sargaços*. A recordação da história pela decifração dos rastros da memória configura uma *geografia inventada*, bordada com muitos fios temporais — as remotas ancestralidades capturadas através dos símbolos do imaginário das mais diferentes culturas, acionados pelo eu lírico, e, por isso mesmo, esta poesia define-se como intemporal.

A intemporalidade da poesia — da literatura — é assim esta capacidade de entrecruzar distintos momentos da história individual e coletiva, de colocar em diálogo personagens, símbolos, espaços, temporalidades das mais diversificadas procedências, em constante interlocução com os símbolos do imaginário individual do poeta. Estes são os materiais que encorpam os poemas de Myriam Fraga, que sabe que fazer literatura é se perder nos labirintos da linguagem, que o mundo se constitui em linguagem, e que o poeta se enlaça nesse aglomerado de signos para decifrá-los e ressignificá-los interminavelmente. A literatura, como define Gilles Deleuze, é este *dever* louco, capacidade infinita de nos transformar em um *outro*: animal, monstro, sanguinário, aventureiro,

navegante, estrela de filmes de pornô, pequena notável, rainha destronada, Salomé, Dejanira, Judite, Maria de Póvoas, Caramuru, Tomé de Souza, Anchieta, Ulisses, Penélope, Édipo, Jocasta, a Esfinge, Teseu, o Minotauro, Prometeu. Síntese desse tornar-se *outro* pode ser considerado o poema “Eu sou ninguém”, onde o eu lírico proclama: *Eu que não tenho face / Eu sou ninguém / No entanto / Eu sou o canto a cólera a quimera.*

É assim que escrever é um constante *devir*, é uma tarefa sempre inacabada, sempre em via de refazer-se, e que ultrapassa qualquer matéria vivida ou vivível. Escrever é um processo, uma passagem da Vida que atravessa o vivido e o vivível. É ainda por isso que, para Deleuze, a literatura é também saúde. E a saúde da literatura, como escritura, consiste em inventar um povo que falta. Os arquivos contendo paisagens, personagens, acontecimentos (re)criados por Myriam Fraga colocam-nos diante dessa capacidade que tem a literatura de inventar um povo, uma geografia, cartografando outros cenários da memória que se refazem na imprevisão da linguagem. Em um dos primeiros livros, *A ilha*, o sujeito poético declara: *Invento a ilha / Mistério / De ser real / e sonhada, // E crio além do que existe, / Território do mostrado.* É esta capacidade de fabulação, de invenção, que atravessa o vivido e o vivível, que faz da literatura uma forma de conhecimento e, também, de salvação e purificação, como concebe a escritora na sua “explicação (quase) desnecessária”.

A ilha, neste conjunto de poemas, aponta para um território familiar, elemento constitutivo da paisagem física e política por onde transita o sujeito histórico, detentor de uma carteira de identidade que o situa na cena cultural contemporânea. *A ilha* é a ilha de Itaparica, como são também os *Pescadores de Mar Grande*, com seus barcos, seu porto, sua pesca, ou a Cidade do Salvador, plantada junto ao mar, cartografada em *Sesmaria*, que refaz a crônica da descoberta da Bahia e seu povoamento. Todos estes locais fazem parte do vivido, das experiências da escritora e intelectual baiana Myriam Fraga. Mas todas estas paisagens transformam-se em terra ignota, desconhecida, que se dá a conhecer quan-

do inventada, nomeada pela palavra poética, pois, como afirma o poema “Robinson”, numa alusão a Robinson Crusoe: *Sou naufrago de mim / E invento minhas ilhas*. Neste sentido, a ilha, a cidade, os personagens do cotidiano são rasurados, borrados, triturados pelo olhar *canibal, espiral e monstrengo* do poeta, transformando-se em potência fabuladora, força propulsora para a invenção de muitas outras fisionomias que se corporificam agora no plano do vivível, do devir, confirmando a dicção lírica: *O que contemplo todavia é o inexistido*.

\* \* \*

As imagens poéticas fertilizam a lírica de Myriam Fraga, imprimindo em seu texto o paradoxo, marca própria da linguagem literária, em que tudo é e não é. É, portanto, um texto que suscita múltiplas interpretações, e o motivo da viagem, do navegar, deflagra o movimento da leitura, pois estes textos convocam o leitor a percorrer diversos territórios discursivos, transitando do situado historicamente para o trans-histórico, do passado para o presente, do particular e do local para o universal, da história para o mito, do vivido para o vivível. Esta poesia, na definição do poeta Otávio Paz, consagra o instante — tira do esquecimento os acontecimentos históricos dos quais se apropria —, porém esta consagração se efetua, paradoxalmente, recorrendo a um processo de dessacralização, uma vez que, em muitos poemas, o que encontramos é o avesso das interpretações e dos sentidos que circulam através do senso comum, pois, para o sujeito lírico, como já foi referido anteriormente, *Conhecer é trair / O que foi dito*.

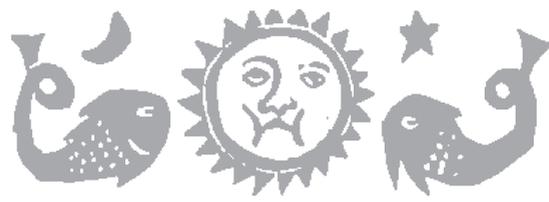
A abundância das imagens que fertilizam a linguagem — imagens da água, do fogo, da terra, do espaço, do ar — propicia um estudo riquíssimo sobre o imaginário individual e coletivo, inscritos nos mitos e retomados historicamente pela literatura, constituindo-se como uma forma de conhecimento que se processa a partir de uma rede de símbolos conforme já configurada pelo filósofo Gaston Bachelard, ao conceber a sua poética do devaneio e da imaginação. É como se o eu

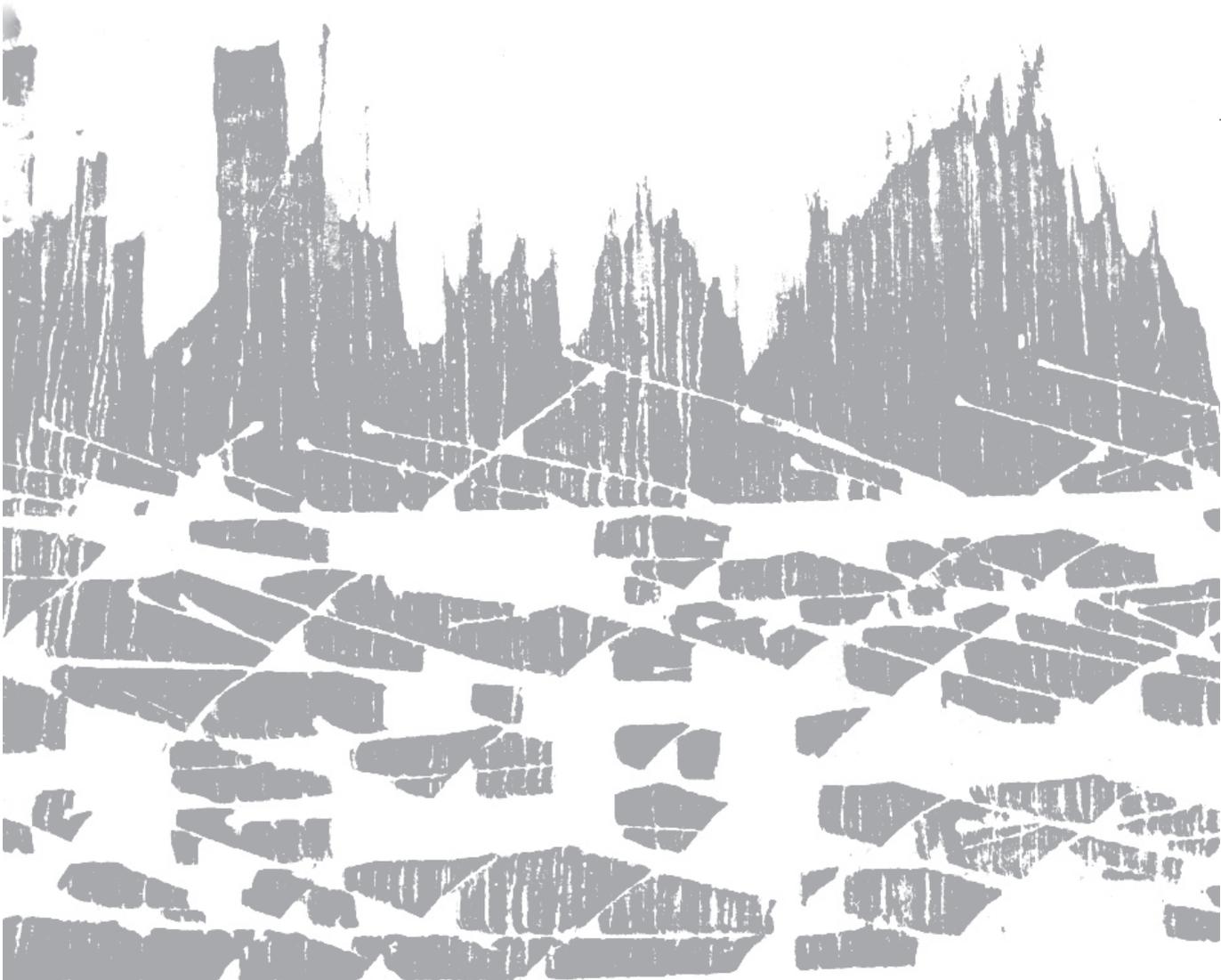
lírico buscasse, em todos os elementos da natureza, os rastros de uma trajetória individual e coletiva e procurasse religar as linhas que desenham as suas paisagens, em seus diversos níveis.

As imagens, na sua qualidade paradoxal, fundem sujeito e mundo, presente e passado, solidão e comunicação, confirmando este gesto preponderantemente lírico que afirma a interligação — a fusão — do eu com o outro, do eu com o mundo, do eu com o todo. Neste aspecto, encontramos no gênero lírico questões que hoje são revaloradas por determinadas correntes do pensamento contemporâneo que refletem sobre a inserção do sujeito no mundo, como a *deep ecology*, a ecologia profunda, vertente que vai além dos parâmetros da ecologia enquanto ciência voltada para um controle mais eficiente do meio ambiente e se amplifica para a unidade fundamental da vida, cerne da problemática lírica.

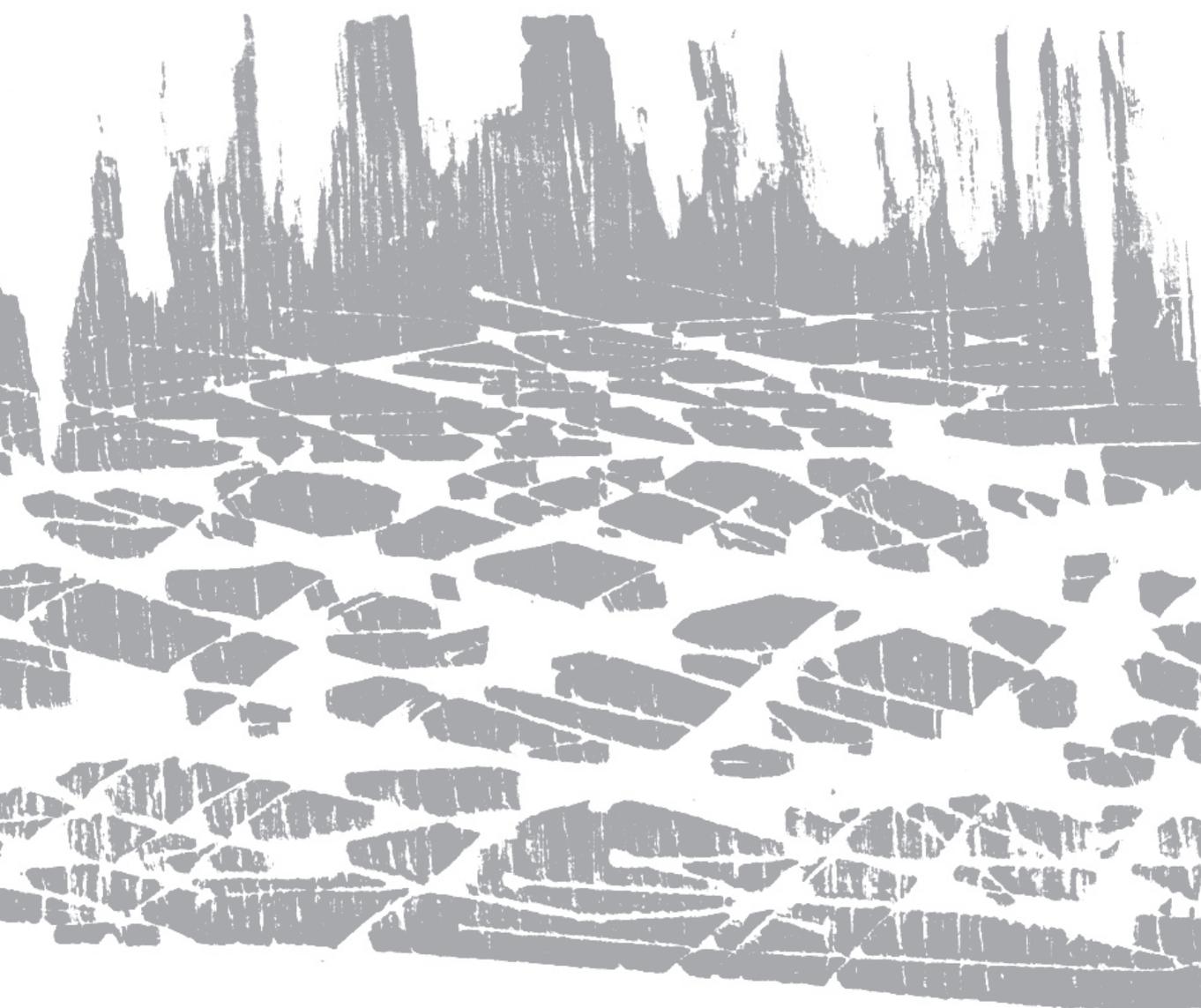
Em muitos aspectos, todavia, a lírica de Myriam Fraga aproxima-se de uma anti-lira, por se distanciar do tom confessional, por fazer do espaço literário uma espécie de geometria arquitetada e traçada pelas palavras, ou por construir uma lírica tão mescladamente épica e dramática que nela se abrandam o tônus especificamente lírico. Ao recortar e convocar uma teia de discursos e de símbolos para trançar a sua malha signíca, de tal forma esta malha esgarça-se e se expande que o leitor terá que singrar por mares nunca dantes navegados e, tal qual Ulisses e Penélope, tornar-se viajante e tecelão. Afinal, navegar é preciso, porque viver é preciso! Através da viagem literária estamos constantemente nos reinventando. Lição de literatura de Myriam Fraga, ao definir sua poesia como salvação e purificação. Assim, se a literatura se constrói de ruínas, resíduos, rastros, ela é, também, e paradoxalmente, “Plenitude”, como define a voz lírica: *Um verso que sonhei; / Mais do que um verso, / Estrela, / Faz minha vida brilhar / E a faz completa.*

*Evelina Hoisel*





# Marinhas





## I

Trago o metal  
                                e a linha.  
Anzóis dormindo nos cestos,  
Sonhando auroras  
E peixes.  
  
Com a enxada dos remos  
Planto a semente dos dias.  
  
Planto redes e esperança,  
Colho naufrágios e peixes  
Sargaço  
                                Búzios  
  Algemas.

## II

Com velas, cordame e mastros  
Construirei minha ausência.  
Das tardes de ouro e vento  
Ficou-me a face tatuada  
De ternuras impossíveis.  
  
Destino de maresias  
Tecido com as mãos do vento.  
  
Naufrágio de muitas vidas,  
Vazio porto sem nome,  
Restou-me uma flor de pedra;  
Papoula, estrela-do-mar.

## III

Alvarengas inventam  
                                praias, porto,  
Talude de cristais,  
Claricolorado mar  
E os arrecifes.  
  
Verde trilha (quilha)  
Reconstruindo naufrágios  
Em ternuras submersas.

Estilhaços de tempo,  
Frag  
    mentado azul  
A l u c i n a d a m e n t e.

#### IV

O que te doma é o casco  
(Em dilacero)  
Adagas que separam  
— Rastro  
Espuma —,  
Na profundez, no entanto,  
Permaneces.

Vela dormida  
Ou máquina intranqüila,  
Que dente mastiga  
A carne de teus peixes?

E que metais corrompe  
A língua do salitre?

#### V

Astrolábios quebrei,  
    e o sol é morto.  
Reinventado o caminho,  
    solta a vela,  
Reconstruí o sal e o horizonte.

Eis o barco  
E os mapas que tracei.  
Arquipélagos futuros,  
Promontórios,  
Sonhada travessia malograda.

Convés despovoado (HOJE),  
Âncora dormindo o sono  
    dos naufrágios,  
E na gávea partida,  
    o marinheiro cego.

## VI

E adormeceram barcos  
Pelas angras,  
Mastros espetados como espigas,  
A alimentá-los a raiz das âncoras.  
Pela manhã, florescerão mezenas.  
E as velas, inchadas como ventres,  
Trarão sementes  
de manhãs futuras.

## VII

Cativo o tempo,  
Relógios mortos  
E o sol  
castrado.

Só claridades  
Filtravam os olhos  
(Tão enganados).

Azul silêncio  
Calando o grito  
Na morte-espanto  
Dos afogados.

## VIII

O poço verde  
Na funda queda.  
A alga e o peixe  
Multiplicados.

Sono esquecido  
Dos naufragados.  
Rosa-dos-ventos partida,  
Barco fantasma, amarugem.  
No fundo a espada,  
Rastro de nada.

\*\*\*

No corpo azul do afogado  
Brilhavam estrelas-do-mar.



# Pescadores de Mar Grande





## I

De madeira  
Faz-se  
Um barco,

Amanho seco  
E seguro.

Crava, martela  
Calafate.  
De estopa e breu  
Faz-se.

Um barco,  
Seu porto obscuro  
Traçando seu leme  
Duro.

De trabalho  
Faz-se  
Um homem

Lavrado de dor  
E espuma,

Cinzel de tempo  
Na cara  
E a violência  
No punho.

## II

Eu falo do que o sustenta  
Profissão ou  
penitência.

Mais  
Falo do que procura  
Rota de vento,  
Rachadura  
No fino cristal  
Do tempo.

Na mão (a palma),  
Secura

De lixa que  
Se desprende.

Mais  
Falo do que investiga  
Sob o chapéu desabado.

Além da praia  
O arrecife  
E além do além  
O naufrágio.

\*\*\*

Defronte ao mar,  
Seu legado,  
Joga a vida.  
Sai lesado.

### III

Um pescador  
Tem seu jeito  
De pescar,  
Sua postura.  
Senta a manhã  
Nos joelhos  
E enlaça a linha  
No tempo  
Além de toda procura.

Um pescador  
Tem sua hora  
De olhar  
Atrás do silêncio  
Que lhe congela  
A figura.

## IV

Pela manhã  
(vento norte)  
Que todo o mar  
Incendeia

Procura a barra  
No rastro  
Do passo  
Da ventania.

Dobrado ventre  
De lama  
Cede à sede  
Que o reclama.

Um homem e  
Um punhal de flecha  
Curvado cetro,  
Caniço,  
Breve arco distendido  
Entre a mão e  
O precipício.

## V

É pão de sal  
Que recolhe,  
Oleiro ou  
Padeiro atento  
Ou operário  
Que amanhã  
Ao sol  
Seu claro cimento.

É pão de espuma  
E de areia  
Ou outro qualquer  
Fermento,  
O peixe é  
Só o pretexto  
Com que ele  
A fome alimenta.

## VI

Carrega a morte  
No pulso,  
Corda e o mais  
Que na ancoragem  
Necessário  
Se faz.

Feroz respingo  
O minuto  
De ferro descendo  
Ao fundo.

Defronte ao mar,  
Seu legado,  
Joga um trunfo.  
Sai lesado.

## VII

Assim o pescador  
Aos outros  
Se anuncia.

A fisga  
E o meditar solene  
Da pesquisa.

Conhecer o caminho  
Passo a passo,

A fúria azul  
E a violência casta  
Com que o mar devora  
Seus achados.

## VIII

Cospe o tempo  
No imprevisto  
Ou rumo de  
Navegar.

Lajedo, desvão,  
Descida,

Da linha sabe  
A medida.

Salmoura,  
Cinza do tempo,  
Cortou-lhe o corpo  
Por dentro.

Ele existe  
Em cicatrizes.

## IX

De madeira  
Faz-se  
O barco,

Rigor de proa  
Cortada.

Rigor de máquina  
Ou inerme  
Bicho deitado.

Um barco,  
Sua concha exata,  
Seu esqueleto  
Lapidado.

Escoiceando no escuro,  
Rompe o muro  
De gusanos.

Um lenho n'água  
E seus vermes.

## X

Tem a morte  
Sobre a quilha  
E tem os dedos  
Da mão.

Tem a fome  
Sobre a mesa

E tem a mulher  
Marcada  
Com o ferro  
Da penitência.

Tem o vento  
Sobre a casa  
E um cachorro  
Madrão  
Que à noite  
Lambe a soleira.

Tem a sede  
Na garganta  
E uma espinha  
De peixe  
A corroer-lhe  
A entranha.

## XI

Sonha a sombra  
Sobre a areia,  
Acocorado descansa.

Rumina o peixe  
E reconta  
A mesma estória  
Falhada.

Sabe-lhe a sal  
A garganta.

*Mar Grande, 1970*

# A ilha





## I

Invento a ilha,  
Mistério  
De ser real  
E sonhada,  
  
E crio além do  
Que existe,  
Território do mostrado.

Toco o bojo das palavras,  
Miolo do sofrimento,

E então instauro  
Um momento  
Onde tudo se estilhaça

E o centro do mundo  
É nada.

## II

Insulares somos  
Habitantes do acaso,  
Nascimento ou naufrágio  
Nossa dura emergência.

Viver é repetir-se  
Na areia o mesmo signo,  
O mesmo passo incerto  
De cauteloso bicho.

No centro, o mesmo enigma,  
O mesmo fuso inquieto  
À procura do abismo.

O mesmo cão selvagem  
Lançando o mesmo grito.

## III

A ilha é um aconchego,  
Um redondo limite.

Toda ilha é um círculo,  
Circunferência, circo.

Toda ilha tem um ponto  
Que a fixa ao abismo.

À noite, se sente  
O balançar de barco  
Na água primordial  
De onde todos viemos.

Toda ilha é um pássaro  
De dor e de silêncio,

Toda ilha é um homem  
Devorado por dentro.

#### IV

A solidão se habita  
Como um claustro.

Há um pavor de precipício  
Surgindo a cada passo,  
Cada novo compasso  
É símbolo de um engano.

O verde do mar  
Se tornará cilício,  
Quando a ilha girar  
Como um relógio insano.

A moradia do sal  
Lentamente se apaga,  
E um polvo milenar  
Esmaga-me nos sonhos.

#### V

Todas as ilhas  
São Ilha,  
Cristal escuro no  
Tempo.

Arquetípica paisagem  
Onde dormem celacantos,

O mesmo sono,  
O mesmo denso

Mudar-se em patas  
E mamas.

Todas as ilhas  
São praias  
Do inconsciente oceano.

## VI

Solidão habitada  
É a ilha.  
Desvão no tempo,  
Parada  
Nos precipícios.

Circunferência de tédio,  
Dois extremos  
De um compasso  
Girando morno  
No espaço.

Torre de areia, borbulha  
De sal e vento,  
Excremento  
De aves predestinadas.

## VII

Esta ilha é crisol,  
É mercúrio, alimento  
Da noturna alimária.

Sob a crosta, sente-se  
O perpassar de bicho  
E o pulsar dos anéis  
No fundo da cratera.

À noite, é o dragão,  
A mágica avantesma,  
Um terror ancestral  
Corrompendo as estrelas.

E a serpente do sono  
Devora-se a si mesma.

## VIII

A ilha é um pousar  
De pássaros migratórios.

O ritmo do verão  
Se aprende nos dedos,  
Tabuada de adeus  
No silêncio das vergas.

Decoremos o mapa,  
O sinal nos rochedos,  
Planisfério tecido  
Em moluscos e vento.

Hieróglifo indecifrado,  
Maiúsculas do tempo.

## IX

Um ruivo girassol  
Ou estrela cadente,  
Um coágulo azul  
Teu rígido horizonte.

Arrecifes de sol  
Cinturaram-te a ilharga,  
E te abismas no mar,  
Nave presa ao acaso  
Das rotas que inventamos

Nesta fábula parida  
Do oceano,  
Metáfora desgastada,  
Mas que amamos.

## X

Esta ilha é o ventre  
Da baleia de vidro.

É o fundo da noite,  
O ferrolho do abismo,  
Final de travessia  
Às guelras do imprevisto.

Aos naufragos do medo  
O silêncio das vísceras.

Profetas deglutidos,  
Nosso grito  
É um marulho de concha  
Nos ouvidos.

## XI

Retiremos o fel,  
Como abelhas malditas,  
Desta suja corola,  
Desta flor de antracite.

Há um mistério a cumprir  
Nesta suja existência  
De conchas e corais  
Que se dissolvem em lama.

Viver é semear-se  
(Boca olhos sexo),  
É cortar a si mesmo.

Viver é um naufrágio  
Sempre repetido.

As volutas de um búzio  
Capturam o infinito,  
E o horizonte é um círculo  
Que rápido se fecha.

## XII

Esta ilha é  
Mistério,  
Curva densa do acaso.

É uma forma de ser  
Dilacerado e incólume,  
Primavera de peixes  
A repartir-se inteira.

É roda da fortuna  
E calendário,

É signo, astrolábio,  
Escorpião e Antares.

Princípio do mundo,  
Umbigo teosófico,

Olho imóvel do abismo  
Centro das mandalas.

### XIII

Há um arcanjo  
Submerso  
Nos limites do sono,

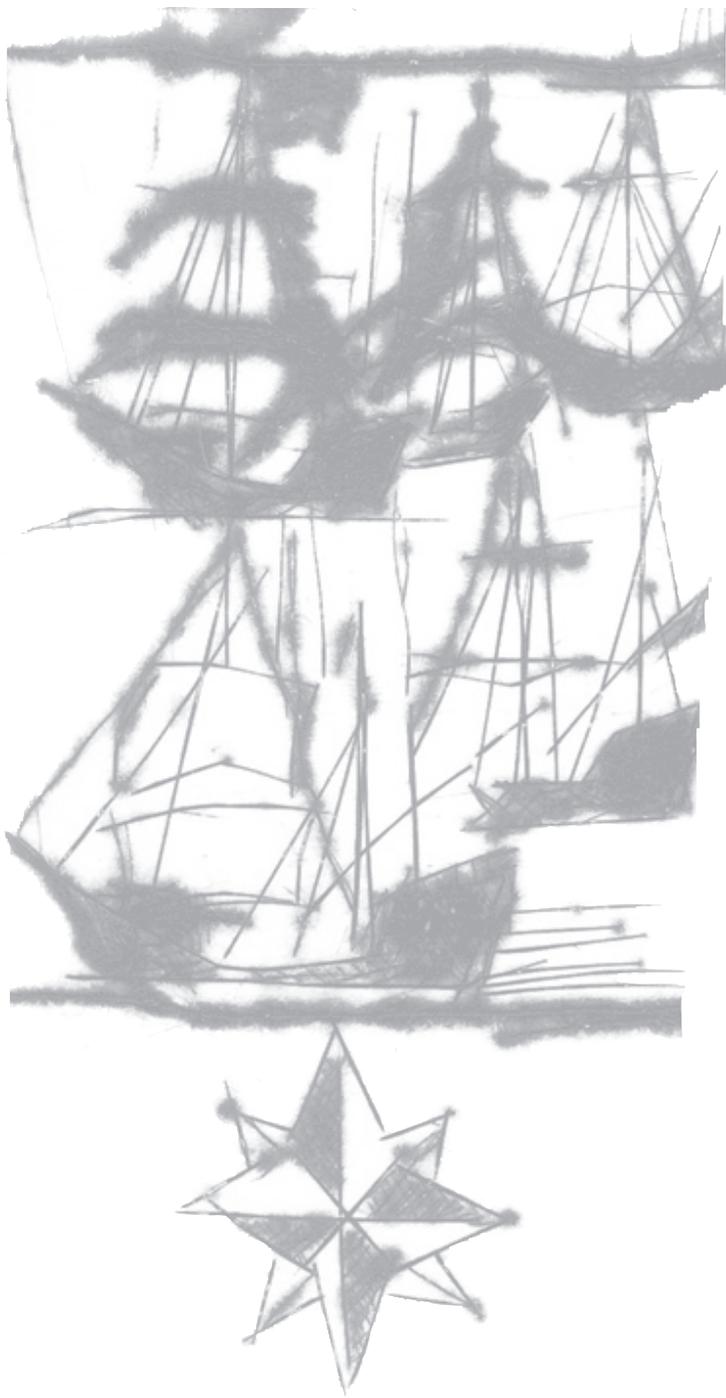
Quando a fúria  
Do mar  
É sangue nos ouvidos

E súbitos arrecifes  
Emergem  
À sombra do que fomos.

Arquipélago de embuste  
Nos tornamos,

Multiplicadas ilhas  
Que sonhamos.

*Salvador, 1975*



# Sesmaria



# A cidade

*E assim edificou, povoou, e fortificou a cidade,  
que chamou do Salvador,  
onde ela hoje está, que é meia légua da barra para dentro  
e por ser aqui o porto mais quieto e abrigado pera os navios.*

Frei Vicente do Salvador

*Nunca a cidade tão possuída  
como hoje pela beleza  
física da ferocidade.*

Cassiano Ricardo

*Mas o mar é tão belo que sua beleza cega.*

Sônia Coutinho



## A cidade

Foi plantada no mar  
E entre corais se levanta.  
O salitre é seu ar,  
Sua coroa, sua trança  
De salsugem,  
Seu vestido de ametista,  
Seu manto de sal  
E musgo.

Armada em firme silêncio  
Dependura-se dos montes  
E tão precário equilíbrio  
Se propõe  
Que, além de porta ou portada,  
De janela ou de horizonte,  
O que a sustenta é o mistério,  
Triste chão, sombra vazia,  
Tempo escorrendo das pedras,  
Lacerado nas esquinas,  
Tempo — sudário e guia.

Mas que fera (ou animal)  
Esta cidade antiga  
Com sua densa pupila  
Espreitando entre torres,  
Seu hálito de concha  
A babujar segredos,  
Deitada entre meus pés,  
Minha cadela e amiga.

Repete esta dureza,  
Este arfar entre dentes,  
Seu pulmão de basalto  
Onde a morte respira.  
E nas sombras da tarde  
Em sangue no poente,  
Abre os olhos sem pálpebras  
E dança. Em maresia  
E estrelas afogada.

E nesta coreografia,  
Sopro de antigas paisagens,  
Um calendário se arrasta,  
Nas corroídas legendas,  
Apodrecidas fachadas,  
A mastigar as divisas  
E outros símbolos manchados,  
Nos brasões onde goteja  
O limo do esquecimento.

Não fosse a imaginada  
Profecia, face e apelo  
Das inscrições lapidares,  
Palimpsesto ou astrolábio  
Na pedra, na cal, nos muros,  
Fendida casca de um mundo  
Coagulado em memórias,

Restavam ossos e nomes,  
Desassistida batalha  
Contra o tempo. E esta cidade,  
Com seu signo, seu quadrante  
De cristal,  
Sua mensagem de calcário,  
Desfeita em vaga ou soluço,  
Mergulharia no espaço,  
Pássaro alado, albergália.

## Repetição de paisagem

Quase  
Ilha de sal.

Medusa calcificada  
Sua encosta salgada.

Seu lento escorrer-se  
Em preamar,

Seu corpo de anêmona,  
Ruas azuis correndo  
Como rios,

Seus filtros ácidos  
E a pupila contráctil  
À luz que cega.

Seu verão de sargaços.

## O dia

Ferocidade azul  
Entre lâminas  
Cintila.

Poliedro de luz e  
Cristal nos rochedos  
Do mar.

Inocência de garras  
Em rubra pele  
Se desdobra e  
Salta.

Leopardo entre  
Estátuas.

Enterrada no cachaço  
Uma espada de salgema.

## E a noite

Dorme  
O seu sono de pássaro  
Cansado.

Imóvel perfeição  
De ave marinha,  
Sereníssima e exata.

Sepultada em silêncio,  
Dorme  
O seu sono de âncora  
Esquecida.

E o vento-galileu,  
Caminheiro das águas,  
Apascenta um rebanho  
De líquidas ovelhas.

## Noturno

Da balaustrada da noite  
Se debruça  
Pantera na tocaia do imprevisto.

Estende com vagar  
As suas patas,  
Na felina postura  
Sobre as rotas do mar  
E a salgada colheita.

Volta o úmido focinho  
E a corcova simétrica  
Aos ventos do sul  
Que lhe arrefecem o pêlo,  
  
Os olhos corroídos  
De sombras e naufrágios.

# Domingo

Resíduo e fóssil  
A cidade,  
Em ovo (ou útero)  
Apodrece.

O fruto sazizando  
Poluídos açúcares  
Num cone de silêncio  
E sol cansado.

Mornidão de regaços...  
Tropismos?

E o tempo,  
Só coágulos.

## Farol

Na Ponta do Padrão  
Dois olhos cegos  
De desespero acendem  
Todo o mar.

Carapaça ou atol  
Entre ventos  
E espuma  
Te ergues, marinha  
Fortaleza,  
Guardiã de navios.

Semideus ou tritão  
Ou fálica escultura  
Te embebedas de azul,  
Olho duro de escama.

Cristalizas o tempo  
E na pétrea carnadura  
Inscreves teu ciclo:  
Calendário e mandala.

# Os fantasmas



## Pedro Álvares Cabral em Santarém

Não o tempo esquecido  
Mas o tempo  
Coágulo de cristal,  
Bolha de vidro,  
Onde, vidente caolho,  
Me adivinho.

Meu passado de seta,  
Meu destino de ave,  
nave

Sobre o vazio poço  
Mar-oceano.

Juntar o acaso ao  
Vento foi o gesto  
Da mão crispada,  
Palma  
Sobre o leme.

Hoje o tempo plantado  
Como um mastro  
No peito.

Já não sei navegar,  
Piloto cego,  
Argonauta sem sonho  
A me guiar.

E cuidadoso apago  
Todo um mapa,  
Inútil planisfério,  
De outro mundo a encontrar.

## Francisco Pereira Coutinho

Assim o olho fidalgo  
De turva cor se exaure  
E a roupagem.

O fracasso é a  
Lavra deste chão  
Doado,

Um lagar de puro  
Ócio  
Sobre a fome  
De não dar.

Aqui jogou sua vida  
Que ganhou  
E foi perdida.

Aqui plantou seu destino,  
Um dente branco  
Canino  
Duas presas minerais.

Nos quatro cantos  
Do tempo  
Plantou sua solidão.

Agora move o silêncio,  
Cultiva seus edifícios  
De pó e vento.

Aqui plantou seu destino,  
Plantou os dentes  
Da morte  
Com os dedos de  
Sua mão.

Mil léguas de sesmaria  
Roendo os ossos no chão.

## D. Baltasar de Aragão

Reparto meu horizonte  
Ao sabor da fantasia.  
Mar-oceano defronte  
Até onde a vista alcança,  
Atrás um mar de esperança  
Na onda doce e contida  
No talo verde das canas.

Não fosse eu senhor de guerra,  
D. Baltasar de Aragão,  
Dono de gente e de terra  
E de um império construído  
Com a palma da minha mão.

Tenho um destino de areia,  
Presentimento de algas  
Na fita clara das canas.

Engenho barco ancorado  
Ou barco de navegar,  
Fabrico meu ataúde  
Com velame e mastaréu,  
Sentado ao leme da morte  
Singradura de naufrágios  
Adivinho,

Uma couraça no peito  
E a funda garra (ÂNCORA)  
Nos pés.

## Tomé de Souza

Aqui cheguei — eu vim  
de sol  
a  
sol

De mamar  
Cumprindo  
O salsamor, roteiro  
Destas quilhas.

Cumpri.  
Um fio prumo herói  
Do elmo à espora  
No duro aço-arnês  
Em que me abraço  
A solidez do aço  
ou

Minha carne,  
Fragilidade de poros  
Que disfarço.  
Hoje cheguei — eu vim  
de sal  
a  
sal

Destino de servir  
Meu rei  
Pera a morte (Arzila)  
Ou  
Pera a vida (Agora)  
Aqui cheguei.

Outra lavoura traço,  
Antes o aço (na pele)  
Hoje a semente  
De cal,  
Sua raiz de calcário  
talo  
haste

Gavinhas de metal  
Planto a cidade.

## Catarina

O lavor daquela lavra,  
Arabesco ou  
Pedra fina,  
Face de mito e sereno  
Se adivinha.

*Catarina jaz num berço  
Feito de terra e segredo*

Será de pele ou  
Areia  
Aquela mulher no  
Escuro  
Que se incendieia?

*Hoje o corpo-correnteza  
Deita raízes no chão*

Calcanhar de duro  
Sílex  
Um osso branco  
Navega  
No rio mar ou  
Memória

*Galopam fantasmas presos  
Ao roteiro de seus passos*

Redemoinho,  
Voragem  
de tempo  
Que se estraçalha.

*Das duas tíbias silentes  
Caminhos germinarão*

# Caramuru

O espaço vazio  
Entre o tiro e o silêncio.

E todo um reino construído  
No momento.

## Francisco Frias ou das fortalezas

Do fundo do poço,  
No frio cimento,  
Com régua e compasso  
Medias o tempo.

Esquadro e grafite  
Na escala do sonho  
Vidente e operário  
Construías a fria  
Beleza dos muros.

De vento e argamassa  
Fazias o espaço  
Da pedra esculpida  
De areia e marulho.

De chumbo e de bronze  
As fauces abertas  
E a língua de fogo  
Cuspindo o momento  
Da fúria acendida.

Dragão e avantesma  
Guardavas o sono  
Do tempo futuro,  
Derrota e troféu.

A mão prolongava  
Além do traçado  
Um risco no escuro.  
E hoje a semente  
Da antiga bravura

Renasce das sombras  
Na cinza do ódio  
Já neutro, difuso,  
Da voz da gerena,

Ferindo as ameias  
Quebrando os ferrolhos,  
Torcendo as aldravas,  
Feroz consciência  
Da extinta vigília.

## Anchieta

Tempo é o espaço vazio  
Em que transito,  
Encruzilhada das cousas  
Que procuro.

A circunstância de ser  
Não mais impeça  
Assassinar em mim  
O que é preciso.

Vão nascendo caminhos  
Dos meus passos,  
Em meus cabelos  
Aves fazem ninhos.

Sei. Deus é crível  
E é tudo quanto faço:  
Canção de columins,  
Fúria e cansaço,

Areia tracejada de poemas,  
Canção maior que o vento modulou.

## Hipupiara

Um dia afundarei todos os barcos,  
E em meu tranqüilo mar nenhuma quilha  
Perturbará o ardor deste silêncio.

## Os ancestrais

Meu avô, passadas mágoas,  
Reisados de maravilha,  
Sou teu neto ou teu pecado?  
Nascido de velas livres,  
Batizado no oceano,  
Marcado com ferro em brasa.

Meu avô, meu marinheiro,  
Galera real, gaivota,  
Remo escrevendo na tarde,  
Pergaminho que se arrasta,  
Biografia ou astrolábio,  
Minha rota ou meu naufrágio.

Nereida, tritão, sargaço,  
Minha origem foi um mapa,  
Minha infância, uma rosácea  
De sal. Meu destino, o cais.

## Gabriel Soares

Buscava um rio de prata  
E pelas asas do grifo  
Que nas ondas o levava  
De ouro pintou sua vida.  
(Riqueza — morte comprada.)

Buscava o centro da terra,  
Nascedouro de vertentes,  
Umbigo, espiral do mundo.  
Nos pés um roteiro,  
No peito a coragem,  
Na mão o impossível.

Cresceu o sonho no escuro,  
Virou punhal na garganta,  
Virou sangue nas pupilas,  
Virou espinho no dedo.  
Um mapa nos olhos,  
No peito um abismo,  
E a morte no chão.

Tinha o sol por companhia,  
Seu olho branco o guiava,  
Guaraci era seu guia.

Sonhara um rio de ouro  
E ali armou sua tenda  
E levantou fortaleza  
Na nascente destas águas.

Ali armou sua tenda  
E estendeu seu sudário,  
E na lagoa Dourada  
Um sol de sangue dormia  
Com sua face irrevelada.

Teceu de verdade a morte,  
Nos passos que caminhou,  
E em seu escudo gravado  
Sobre o túmulo um epitáfio:  
Aqui jaz um pecador.



# Os naufrágios



## Galeão Sacramento

O casco de vidro  
Cavalgando a tormenta  
(Fragílissima estrutura),  
Precipícios de vento  
As velas engolindo.

Estilhaçam o peito  
As granadas do medo.

Silva-sibila o vento,  
Dilacera. O mar,  
Sua foice escura,  
Seu punhal de granito,  
Seu rebanho de fúrias.

Úmido ventre de sal,  
Matriz de nada,  
Emprenhada mentira  
De cobalto.

Silva-sibila o vento,  
Dilacera. O mar,  
Seu denso corpo azul,  
Sua pele de escamas,  
Seu destino de fera  
Súbito voltando  
A pupila gateada  
Ao vórtice do espanto.

## Galeão Rosário

Carrego nas minhas costas  
Um paiol e mutilados.

— *D. Frei Comandante,*  
*Pousa as tuas armas,*  
*Já vai tão distante*  
*O instante daquele dia.*

Impassível pela morte  
Fabriquei minha agonia.

— *D. Frei Cavaleiro,*  
*Agora descansa,*  
*Que nas tuas velas*  
*Sopra vento leve,*  
*De bonança.*

Traço de fúria no tempo  
Foi minha sina tão breve.

— *Frei Pedro Carneiro,*  
*Por que não afogas*  
*Tanto desespero?*

*Arrepio manso*  
*Já se encrespa o dia.*  
*Águas do levante*  
*Lavam a ventania.*

Três navios se espedaçam,  
Pelo inferno divididos.

— *D. Frei, D. Frei Pedro,*  
*Já se avistam corpos*  
*Brancos de afogados,*  
*Eu recolho os mastros,*  
*Cinzas e estilhaços.*

Três navios navegavam  
Aos pedaços.

## Nau Sra. da Vitória ou a morte do Bângala

Cavaleiro do mar  
Meu destino de verdes  
Cumprido.

Submerso e noturno  
Capitão de afogados.

Minha espada de espuma  
Cinjo.  
A couraça de nácar,  
O elmo de sargaços,  
Às órbitas corroídas  
A viseira baixando.

Navego no imponderável  
Silêncio das águas calmas.

Latifúndio de sal  
Minha lavoura de esponjas,  
Onde eu, senhor feudal,  
Colho apenas remorso.

Navego no imponderável  
Silêncio da sombra verde.

Retorno ao ventre do escuro,  
Reclino a fronte e contemplo  
Os meus dedos descarnados,  
As unhas se desprendendo,  
Rosadas conchas salgadas.

Meu corpo imóvel, navegável.



# Os invasores

*A 21 de dezembro do ano de 1623 partiu de Holanda uma armada de vinte e seis naus grandes, treze do estado e treze fretadas de mercadores, da qual avisou sua magestade ao governador Diogo de Mendonça, para que se apercebesse na Bahia, e avisasse aos capitães das outras companhias fizessem o mesmo, porque se dizia virem sobre o Brasil.*

Frei Vicente do Salvador

*Com a luz do dia seguinte apareceu a armada inimiga, que repartida em esquadras vinha entrando.*

Antônio Vieira

*Entrementes, tive notícias de que, em Amsterdam, se aparelhava uma grande frota destinada às Índias Ocidentais.*

Johann Gregor Aldenburgk



## Memória

No tempo inscrevo  
Um círculo  
Fechado.

Grande olho de espanto  
Traço  
Entre sangue e papel:  
alfabeto, ou ossário.

Personagem e memória  
Me reparto  
Inquisidor (herege?)  
No relato.

No tempo inscrevo  
Um olho  
A cutiladas,  
Uma pálpebra de sílex  
Sobre o sono,

Uma pupila de ágata  
Na face  
Do silêncio.

Estilete no tempo  
Gravo  
Maiúsculas no metal,  
Aço na carne:

Aqui cavalga o vento,  
A lua pasce.

## Revelação

No sentido da paisagem  
Vai crescendo esta quimera,  
E onde menos se espera,  
Brotará seu mel de sangue,  
Seu duplo sentido oculto  
E seu compasso de gesta.

Vai rolando nas estradas,  
Varando as faces do abismo,  
Ao passado regressando.  
Minha língua desatada  
Aos poucos vai revelando  
Sua escrita decifrada.

No sentido da paisagem,  
Meus olhos vão modelando  
Os gestos dos que deixaram  
As mãos perdidas no tempo,  
Pulsos de rios correndo  
Entre remotas miragens.

Vou tecendo a minha rede  
Sobre pedra e fantasia,  
Decifrando os arabescos  
Riscados na cal dos muros  
E a pisada dos obuses  
Enterrados nos mosteiros.

Revolvo as águas do Dique,  
Procurando os afogados.  
Desenterro as alabardas  
Corroídas de gusanos  
E nas areias da praia  
Pesco medo e desengano.

Estilete de outro ódio  
Disseco claras paisagens  
Na carne escura do sono.  
Reconheço o mutilado:  
Gesto de ausência e fumaça,  
Espantalho do sem nome.

Na parede devastada  
As armas dependuradas  
Sobre o corpo. E o fel salgado  
De seu sangue porejando,  
Lento escorrendo dos pulsos  
Seu inventário de enganos.

Mergulho na pedra fria  
Que cobre o forte do mar;  
E o soluço amordaçado  
Vira grito reboando,  
Sarabanda de trombetas  
Contra muralhas troando.

A limalha de outros dias  
Cobriu os ossos no chão,  
Cobriu de cinza os cabelos,  
A valentia do bispo,  
A sanha dos invasores,  
A espora do capitão.

Pelas pedras que hoje dormem  
Perpassa um frio de espanto,  
Nas salas abobadadas  
Fantasmas roem no escuro  
Pergaminhos e sentenças,  
A rendição e o orgulho.

Surgem couraças do espelho,  
Um elmo rola na escada  
Da clausura de um convento,  
E algum herói andarilho  
Levanta a laje do olvido  
Arrastando a sua espada.

Mas os ferrolhos oprimem  
As gargantas machucadas,  
E os cantos que escutamos  
São gritos roucos de aves  
Que despedaçam as chaves  
Da porta do que buscamos.

## Das grandezas

Aqui o ouro — o traço  
Do riscado da riqueza  
Vai na boca vai  
No fardo  
No baú do viajante  
Vai no casco vai  
Na quilha  
Na esteira das caravelas.

O ouro do outro  
Na mina na  
Mata  
No caule no cerne  
Madeira de brasa.

O ouro do outro  
É sangue na boca  
O ouro pepita  
De sal na garganta.

A terra é aguada é  
Caminho pousada  
É porto de espera  
de velas.

A terra é lavoura  
Plantada  
É sonho e fracasso  
Remorso de um morto  
esquecido.

É soma e memória  
Compasso e conquista  
É passo na dança  
Funeral ou  
Festim.

Dividir nós dividimos  
Eles mataram — matamos  
Nossos mortos — nosso crime.

Suportar nós suportamos  
Naufragados noutros gritos

Nós dispersos machucados  
Batizados com cauim  
Eles com hissopes  
Tatuados.

Tinha a febre tinha  
A fome  
Tinha a sombra da sotaina  
Tinha o bagaço do corpo  
Poluído de outros danos.

No fundo claro do abismo  
Nós  
Comparsas de outro crime  
Compondo algemas e troncos  
almanjarras  
rodas-d'água

Massapê sangue e  
Cansaço  
Os engenhos moem o tempo  
E as esporas na carne  
Viram cravos viram  
Dentes. Viram garras  
De silêncio.

Segue carta voa  
Vento  
E a notícia  
Corta o gelo da distância.

O ouro do outro:  
Na boca a saliva  
A fala falada  
No lacre a notícia  
No selo a legenda.

O ouro do outro  
É tinta na carta  
É risco no mapa  
Projeto de lucro  
conluio  
tratado.

Na sombra soprado  
o plano/projeto  
Do furto embuçado.

## Os invasores

Vinte luas estrangeiras  
Teciam teias de sombra  
Entre brumas e papoulas  
Nas noites frias de Holanda.

De Amsterdã a Antuerpia  
A febre queimou o sono  
Nas pupilas.

Verruma de sal no escuro,  
O olho dobrou o tempo  
E a distância,  
O lucro roendo os dedos  
Na contagem do empreitado.

No porto o barco ancorado.  
(São vinte e sete navios  
Carregados de ambição.)

Por cima da noite escura  
Giram asas de moinho,  
Gira o sonho, gira  
O grito,  
Giram remos na espessura  
Verde oleosa do rio.

O mar engole os presságios  
Ao receber os navios,  
São pássaros (velas),  
Deslizam  
Como aves migratórias,  
Na rota do sol deslizam.

## O aviso

Da distância trouxe uma vela  
O vento  
E uma carta d'el-rei.

Dou-lhe alvíssaras?  
Não sei,  
Pois um mistério se esconde  
Atrás da carta d'el-rei.

Soprou um vento de guerra,  
— Ou foi o selo real?  
Soaram trompas no escuro.

Entre avisos e ameaças  
(Um galeão carregado  
De açúcar  
Foi aprisionado  
No mar  
Por piratas de Flandres.)  
Vão crescendo fortalezas.

Já se levantam muralhas  
E se aprestam baluartes  
E nas noites transparentes  
As sentinelas tementes  
Revolvem as pedras do cais.

## A espera

Mais um dia é passado  
E no horizonte azul  
Nenhuma vela.

Um rosário de tédio  
São as horas iguais  
Desta vigília.

Pesa no ombro a espera,  
Como um falcão contido  
E fatigado

De buscar na distância  
A presa desejada  
E já descrida.

## Os marranos

*Con razón dijo un poeta  
Que eran caballos troyanos*  
Lope de Vega

São cavalos de metal  
Duras ilhargas de níquel  
Os cascos sutis, veludos  
Que deslizam, que deslizam.

São cavalos, são  
Centauros  
Mascando fios de sombra.

Arcabouço (quatro patas)  
Aqui jogam seu destino.  
Quatro patas de metal.

São cavalos, são centauros,  
Troianas bestas de astúcia  
Trazem a derrota no ventre.

E em seus úmidos cabelos  
Coladas cinzas do medo,  
Fogueiras do Santo Ofício,  
Revérbero ou precipício  
Em seus úmidos cabelos.

Que venham os lucros de Holanda  
Nas cirandas do dinheiro,  
Pois se nem é mais segredo  
Que aqui vivem perseguidos  
Pelo medo.

Serão cavalos de Tróia  
Duros cascos de madeira  
Pisando as fontes do tempo  
E os muros do desespero.

## A maldição do bispo

Semeando  
Fortalezas,  
Traz o escuro  
No gibão.

As muralhas  
Que semeia  
Muito cedo  
Cairão.

Por castigo  
Deste tempo  
Corrompido,

Dividido  
Entre a espada  
E a oração.

## D. Diogo

Cultivo agora o silêncio  
Com seus cavalos domados.

Que bocas sopraram os ventos  
Da descrença?  
Que maldição, que mentiras  
Semeadas como pássaros,  
Como alvos pombos alados  
Se assentaram nos telhados?

Sei que do mar como peixes  
Nascerão,  
Sei que virão os cisnes,  
As brancas lonas alvas,  
Bujarronas,  
Ao galerno sopro virão  
Seus bicos claros (proas)  
Que lançarão o medo neste dia.

E dos muros que plantei,  
Dos claros tijolos que juntei,  
Das pedras,  
Como esqueletos de conchas  
Ao sol,  
Branças paredes  
Preservando o espaço  
Onde sozinho destilo  
Gota-a-gota-o-mel  
Da paciência.

Sei que debruçados chorarão  
O tempo da descrença.  
A vaidade é como um cavalo cego  
Que relincha,  
Como uma redoma de vidro  
Que o vento estala.  
E se aqui joguei a vida  
Foi destino.  
Cumprir a minha parte.  
O resto é nada.

## As tardes de maio

Vertical  
Pouso o silêncio  
No chão,  
Rumino espadas.

Risco de giz  
É o horizonte intacto.

Cravo unhas no medo  
E a estragada  
Retina no cansaço  
Das lunetas,  
Vigias sobre a face  
Dos presságios.

Entre pestanas de sal,  
Um olho turvo  
Planta navios no acaso,  
Sortilégio de ver  
Entre sargaços.

Armadilha de luz  
(Gaivota ou nave)  
Mundéu de alarmes  
trave

Caminhos de salitre  
Onde, emboscada,  
Uma esfinge de sol  
Devora a tarde.

## O medo

O medo,  
O medo como um pássaro  
Calado,  
Como uma máscara de vidro  
Sobre a face.

O pressentido deslizar  
As velas VELAS  
As nadadeiras de ágata  
A tessitura de espuma  
E o branco traço,  
Risco de seta à beira do oceano.

O medo (digo)  
Aquele medo  
Como um menino doente  
No regaço.

E as nadadeiras brancas  
VELAS VELAS  
Um cardume feroz de peixes cegos.

## A chegada

Vinte luas estrangeiras  
Teciam teias de sombra  
Na intranqüila paisagem  
Da cidade ameaçada.

Flamengas naves ligeiras  
Afeitas à ventania,  
Duros mastros, rijas proas,  
Velame de cotonia

Surgiram com a luz do dia  
Sangue e morte publicando,  
Estandartes e bandeiras  
Pelos mastros volteando,

Rubros pavesees armados  
Trazendo a morte consigo.

Como aves de rapina,  
Aduncos bicos de bronze,  
Ávidas garras enterram  
Ou âncoras, nesta baía.

Trajectoria de silêncio,  
Submersa valentia.

Que defesas são defesas,  
Que muros brancos são muros,  
Quando o medo é cavaleiro  
Com elmo, viseira e espanto?

Das muralhas de caliça  
Caem as portas, saltam gonzos,  
O pavor recolhe as armas  
E organiza o abandono  
Da cidade.

Passos trilhando o escuro,  
Pelos portais rastejando,  
Sombras na sombra fugindo.

Varavam corcéis de fumo  
Pelos ventos do quadrante.

## Pânico

*Já entraram os inimigos, já entram,  
os inimigos já entram*  
Antônio Vieira

Assim vi rolar a lua  
(Caminhos da madrugada)  
Seu rosto se escureceu,

O céu cobriu-se de estrelas,  
E a sombra, de punhais.

Vi quatro bestas rinchando,  
Batendo os cascos ferrados,  
Patas abrindo na terra  
Um rastro de fogo e sangue.

Como um arado na pedra  
Seu tropel fazia um eco  
De mil bandeiras rasgadas,  
Agitadas nos penedos.

Vi caminhos sacudindo,  
Pelos ares galopando,  
Morcegos negros e súcubos  
Pelo espanto devastando.

Passos duros se arrastando  
No terror daquela treva.  
Rinchos vibrando, vibrando,  
Pelos crinas resvalando  
Salitre daquelas babas  
Venenosas babujando.

Senti garras na garganta,  
Grifo do inferno, duende,  
Grimpado na minha ilharga  
Meu terror esporeando.

Salto de sombra no escuro,  
Vazio olho de pranto,  
Minuto seco de espanto  
Entre a fúria e a danação,

Onde o medo é desafio  
Que se faz. Morte é medida

De passos que taconeiam  
Num tablado de algodão.

Dura noite aquela noite,  
Batendo os cascos no chão,  
Demônio de quatro patas,  
Mordendo os cornos da lua,  
No mar se precipitou.

Tiro na boca do mundo  
Explode o sol no horizonte,

E o dia então se desata,  
Pesado gládio de prata  
Empunhado no oriente.

## A fuga do bispo

Somente uma espada  
E eu, servo de Deus,  
sem nada.

Pássaro escuso,  
Que destino reservo  
Para o uso  
Das mãos além do báculo  
quebrado?

Somente uma bala,  
Tiro no escuro,  
E o inventário  
Das alfaias.

O medo fechou as portas  
Sobre a nave.  
Ave de Deus,

Eu,  
Pássaro implume do mal,  
O vôo ensaio.  
Nascem penas (pavor)  
Nas omoplatas.

No muro — a marca,  
Impressão digital  
Exata,  
A pegada no chão,  
O risco na parede  
do templo,

A súbita face do terror,  
E o sangue  
De repente no cálice  
Fez-se água.

Somente uma espada  
E eu, servo de Deus,  
sem nada,  
Múltiplas facas arrasto  
Os pés na estrada.

## Vigília de D. Diogo

Mastigar o silêncio  
Como um favo  
de sal,

Como um trapo  
De fumo  
A carnadura amarga  
Dos minutos.

Mastigar o silêncio  
Como um fruto,  
O sumo ácido  
A escorrer dos ponteiros  
(Noite em fio).

Tempo,  
Este fruto nascido  
Para a espera.

O tempo.  
Maxilares travados  
Na espessura  
Da carne-sombra desta noite  
Em bagos.

## A derrota

Agora escorre o silêncio  
Das janelas apagadas,  
Crucificaram os relógios,  
O tempo não vale nada.

E a morte-flor desabrocha  
Num campo de intriga e medo.

A noite escura repete  
O eco das colubrinas  
E o grito rouco do vento.

Vai nascer um sol de fogo  
Na manhã estilhaçada,  
Pesadas botas de chumbo  
Já despertam a madrugada.

D. Diogo de Mendonça,  
Afivelai vossa espada,  
Que já sobem os inimigos  
Os degraus de vossa casa.

Batavos de pele clara  
Pelejam com o sol moreno  
Pelas ruas da cidade.

Afivelai vossa espada  
Que o inimigo não tarda,  
Gerifalte que se farta  
De peçonhenta volúpia  
E ambição deslavada.

Já coronéis e soldados  
Vão traçando a liturgia  
Dos despojos,  
Cabedal desta cidade.

Ganharam em jogo de dados  
As vestes da liberdade.

## A rendição de D. Diogo

D. Diogo não me chamo  
E nem assim me chamara  
Se este fogo de loucura  
Não me esbraseasse a cara.

Os que fogem vão fugindo  
Pelo medo chibatados.  
Ferraduras no silêncio  
Malham num tempo sem claves.

Nas minhas mãos tenho chaves.

Abro a porta do silêncio,  
Encontro a morte no chão.

Abro a porta da coragem  
E vejo um corpo deitado.

Giro a chave no ferrolho  
Da porta mais percutida,  
Vejo sangue derramado.

Então penetro no escuro  
De outro quarto destrancado,  
Pressinto mãos tateando  
Pelos pulsos me algemando.

Estou só e derrotado.

## A cidade conquistada

Há um roteiro de guerra a ser cumprido.  
As lunetas farejam o horizonte  
E há ladridos de ânsia nos ouvidos.

Traçados os limites da conquista,  
Nos flancos das colinas plantam mastros  
Com bandeiras de sangue tremulando.

Fecham portas de ferro sobre o sono,  
Os punhos percutindo sobre a face,  
Pesadelo de alertas e combate.

(medo)

Quem uiva na penumbra além das portas?

(medo)

Noite bruxa e fatal. A sibilante  
Narina. A boca negra e espumante  
Engolindo sentinelas.

O escuro além das torres dividido.

## A resistência

Agora que tudo é claro,  
Que a luz do sol nada esconde,  
Mergulho os olhos no escuro  
Livro do tempo passado.

E é tudo um jogo montado.  
O peão com seu cavalo,  
Um rei em xeque no mapa  
E uma torre decepada.

O bispo com seu remorso,  
O soldado com seu medo,  
D. Diogo prisioneiro  
E a cidade conquistada.

Agora um risco na areia  
E uma espada no chão.  
Assentados no Conselho,  
O bispo por capitão.

— *Da nossa fraqueza, força.  
Teceremos a vitória  
Com fios de astúcia e sangue,  
De emboscada e de surpresa,*

*Por caminhos que não veja  
O inimigo. E nem se atreva  
Sem uma escolta de medo  
Além das portas pisar.*

Na boca cornos de prata  
Sopram fúria nos ouvidos,  
Soam patas de cavalo,  
Rasteja um corpo no escuro.

E na sombra do caminho  
O olho do bacamarte,  
Pupila de chumbo, fria,  
Espreita a morte que passa.

Pela noite da emboscada,  
Maduro, o sol da guerrilha  
Sobre a coragem se abria.

## O santo guerreiro

Ponta de lança dentro da noite,  
Cilício e espada  
Na mesma mão.

Veste a estamena sobre a armadura,  
Cavalga duro o mesmo chão  
Onde se deita.

Traz um rosário de contas negras  
Ou é corrente de balas feita  
A desfiar?

Dentro do corpo debilitado,  
Dedos de febre, a abençoar,  
Vive o soldado.

Olhos no escuro, não teme a treva,  
Mas sonha o mundo reconquistado,  
No caos repousa, na litania  
Dos mutilados.

## Arraial do bispo

Do remorso fiz a tenda  
Que cobre esta solidão.  
Tirei força dos caídos,  
Fiz muralhas de gemidos,  
Paliçada de oração.

Da fuga fiz um cilício,  
Fiz do medo uma legenda,  
Com um espinho no peito,  
Inconformado e desfeito  
Traço as rotas da contenda.

Assentei minha morada  
Num morro com três trincheiras.  
Numa estava Moniz Teles  
E olhava para o sertão;  
A outra de Tapuípe  
A Pero Coelho entreguei.  
E a da banda da cidade,  
Com duas peças armadas,  
Dei a Melchior Brandão.

Fabrico então o arremesso  
Dos combates que virão.  
Espalho teais de aço,  
Cerco pedras e o espaço,  
Entre delírios e gritos,  
Corroídas mãos exatas  
Traçando rotas e abismos.

Triturados na engrenagem  
Deste caminho de círculo,  
Inconformados e errantes,  
Cavaleiros do imprevisto,  
Entre rigor e ansiedade  
Vão do porto a S. Felipe,

Ressurgem, cortam o horizonte,  
Reaparecem na Vigia,  
Atravessam a Fonte Nova,  
Pastores negros na treva  
Apascentando demônios  
Nas pastagens devastadas  
Dos pastos da escuridão.

## Combate

Dos limites da noite violentada,  
Súbito tropel de fúrias se desata  
Dilacerando pedras e distância.

O rosto tenso, os nervos vigilantes,  
Os cavaleiros da Torre crivam o espaço  
Com as agulhas de prata de seus brados.

Enraivecidos no espanto da conquista,  
Espadas tilintam, elmos. Sementeiras  
De sangue as patas semeando.

A raiva liquefeita escorre. Arneses  
Se dissolvem. Giram punhais na treva,  
Os mortos se levantam. Voam flechas.

Revolvem outras paragens, outros gritos  
De dor. Soam buzinas derramadas  
Nos ares intranqüilos.

A estratégia do horror se desenrola  
Por entre campos sitiados e muralhas.  
Os assombros do medo, a emboscada,  
Súbito rolar de corpos naufragados.

## Os gigantes da fúria

Traçaram nossas rotas e o destino  
Do mal  
A linguagem das fugas camufladas.  
Somos gestos de dor e de vingança  
Acorrentados no tempo.

De ponta a ponta varamos trespassados  
De febre. Visões de estrelas rubras  
Se acendendo.

Nossas faces de marfim e as pupilas  
Exaustas giram na bruma opaca.  
Bocas ruminam angústia,  
Travo de antigas fomes.

Desterrados e insones galopamos,  
Ginetes absortos desta fábula.  
Itinerário de assombros, ressonâncias  
Do caos. Elaborado nos sumos, nas raízes,  
Um ódio oculto e grave se acendendo.

Quem viverá o tempo destes gritos,  
Alcatéia de vento nos ouvidos,  
E a noite como um pássaro varando  
Nossos olhos já cegos, sobre o abismo?

Tritura a rude fé os ossos limpos,  
Arcabouço de fúrias, corroído,  
Onde se embota o gume das espadas.  
Epitáfio construído com a ferrugem,  
Sangue, suor e sal da noite insone.

## Francisco Padilha

Embuçado no silêncio  
Traço a minha valentia.  
Fortalezas fiz de pedras,  
Trincheiras por toda parte.  
Surjo aqui, surjo adiante,  
Rastejante na emboscada,  
Olho atento, vigilante.

Dedo curto no gatilho,  
Punhal pronto no instante  
Da estocada. Retrocedo,  
Me esfumaço,  
Viro sombra no arvoredor,  
Saboto, queimo, devasto,  
Me evaporo na distância,

Me disfarço, viro lenda,  
Traço caminhos na treva,  
Campeio na escuridão,  
Cavalgando a incerteza,  
Rédea solta, sopro ardente,  
Espalho minha lavoura  
Semeada a mosquetão.

O tempo e sua chuva agreste  
Fermentam na solidão.  
E um dia serão história  
Este sangue, esta coragem,  
Esta dor que o corpo esquece,  
Este peso na memória  
Das gentes, acumulado.

Já não sei o que é preciso.  
Penetro na ventania,  
Sopro mensagens ao vento,  
Organizo o abandono  
Que devora esta paisagem.

Saio do escuro e regresso  
Trazendo a morte na mão,  
Fria pupila holandesa  
Brilhando na escuridão.

## Frei Vicente

Quando o sol com seus ginetes  
Traçava a rota do dia,  
Lá fora um sino tocava,  
E cá dentro escurecia.

O mundo se dividia  
Em tiro, explosão e grito,  
E Frei Vicente escrevia.

No porão ratos cresciam  
Nas noites de pesadelo,  
A cordoalha rangia,  
Vinham fantasmas de longe,

O mundo se dividia  
Em tiro, explosão e grito,  
E Frei Vicente escrevia.

Na gaiola pestilenta,  
Em náusea e grito cravados,  
Ao limbo predestinados,  
Escuros servos do frio,

No casco que apodrecia  
De mil gusanos ferido,  
No fundo do calabouço  
Onde a vida se esvaía,

Ouvia-se um som distante,  
De tiro, explosão e grito,  
E Frei Vicente escrevia.

## A morte de Johann Van Dorth

*E logo chegaram os índios selvagens de Afonso Rodrigues,  
da Cachoeira, que ali andava perto e, cortando-lhe  
os pés e as mãos [...]*

Frei Vicente do Salvador

### A EMBOSCADA

Há uma estrada que se arrasta  
Daqui a Monte Serrate.  
Vou tangendo meu cavalo,  
(Meu sonho vai adiante).

Vou na sela equilibrado,  
Ou o cavalo é que cavalga  
O tempo no seu galope  
Desmesurado?

Regresso sobre meu rastro  
Através de um precipício  
De sombra e pressentimento.

Já na soleira do espanto,  
Reconheço a emboscada,  
Olho espreitando no escuro  
Da folhagem.

Dividido no instante,  
Carrego medo e coragem,  
Manopla do desespero  
Tapa-me a boca e o horizonte.

Já galopes espedaçam  
A redoma do minuto,  
E ágeis se precipitam  
Arcabuzes e soldados.

Estaco.  
Um furor gelado  
Corta as rédeas do cavalo.

Sinto a morte na garganta.  
E a mão no punho da espada  
Vai serenando e resvala,  
Apaziguada.

## A MORTE OU O VENCEDOR

*Matou o Padilha ao Coronel*

Frei Vicente do Salvador

Circunda agora o espaço  
O olhar cansado.  
Retoma a espada.

Debaixo da sela,  
Sob o cavalo,  
Jaz o vencido.

Uma nuvem loura  
Camufla o sorriso.

E os olhos intactos  
Guardam o sal profundo  
Do mar refletido.

Uma espora de prata  
Tilinta no ouvido.

### AFONSO RODRIGUES

Caminha Afonso Rodrigues  
Pelas rotas seculares  
De seu sangue dividido.

Capitão de tantas fúrias,  
De tantas flechas contidas  
E assomos de canibais,

Caminha Afonso Rodrigues.  
Seu exército de penas,  
Pernas ágeis, percorrendo

O caminho das memórias  
Da mata. Fome de carnes  
Rociadas se acendendo.

Com botas de sete léguas  
Caminha. E na distância,  
Entre a fúria e o combate,

Renascem velhos odores  
De moquém, carnes danadas  
Do holocausto ressurgindo.

Canto rouco na garganta  
Em grito se desmanchando,  
E o sangue nas suas bocas

De mandíbulas tatuadas,  
Doendo em sal de antigas  
Ferocidades vencidas.

Festim de ossos, ossário,  
As tíbias brancas tilintam  
Na distância de outros tempos.

Caminha Afonso Rodrigues  
Com seus demônios atados,  
Legião de penas verdes  
Em sinistra cavalgada.

## OS SELVAGENS

Nós, ferozes tapuias,  
Nossos túneis,  
Ferocidades nativas  
Acorrentadas no tempo,

Cortamos ódios  
No corpo desfigurado.  
O morto, sua força imóvel,  
Sua bravura resgatada.

Lavamos em vermelho  
Nossa afronta  
Afogada em atávicas memórias.

Ó fábula vertical,  
Traço no escuro  
Das origens,  
Festim de canibais.

Apaziguados no sangue,  
Regressamos  
Sem culpa, sem memória,  
Sem castigo.

Domesticados e ausentes  
Deste crime.

## O MUTILADO

Agora dansam no espaço  
Como um estandarte macabro  
Pés e mãos do mutilado.

Há uma névoa de sangue  
Nos meus olhos ensopados.

Amadurece um remorso  
No silêncio.

Decerto o crime não é meu,  
Mas os dedos amputados  
Furam-me o peito.

As pernas cavalgam o vento,  
Acenam braços no escuro.

Dilacerados de espanto,  
Os lábios comprimem o grito

E a cabeça degolada  
É um sol de estranhas raízes  
Crescendo na madrugada.

# Francisco Nunes Marinho

Neste fuso, nesta roca,  
Que fio longo de tempo  
Se desenrola.

Que frio dente obscuro  
Morde o travo destes dias  
Onde algemado caminho,  
A morte como um cachorro  
Comendo na minha mão.

Há sempre um olho no escuro,  
Sobressalto que construo  
De estilhaços.  
No meu peito dividido,  
Um calendário de enganos,  
O que foi e o que tem sido.

Um grito bate no muro,  
Relincho solto no tempo,  
Aqui plantei solidão.

Hoje repito o caminho  
Com minha urna de palavras,  
Minhas defesas, meus ritos  
E estas sombras que ameaçam  
As certezas que cultivo,

Pesadelo de mortalhas,  
E este medo que destruo  
E que amanhece comigo.

## O socorro

O vento trouxe a notícia  
Na corcova.

Dromedário do silêncio,  
O vento,  
Mensageiro de inventos.

O cristal da mensagem  
É um búzio oco  
Onde assenta o milagre.

Flauta que se desdobra  
Ao ansioso sopro  
Da espera.

A fúria explode em velas  
Do outro lado  
Do deserto-oceano.  
Rompe o muro,  
Meridiano azul que nos separa  
Do sibilante recado.

O vento,  
Tração de animal louco  
Pelo mar,  
Trouxe a esperança  
Nos cascos,

Trouxe o grito  
De guerra  
E o pressentido sinal

Coagulado nos poros  
Do vazio, o alarme.  
Súbitas letras de sal  
Na tarde.

## D. Francisco de Moura

[...] *e com este socorro chegou D. Francisco de Moura*  
Frei Vicente do Salvador

Vela de meu barco, vela  
Sangrando em cruz, caravela  
Ou ataúde onde prossigo,  
Rota do inferno, jazigo  
Dos passados desenganos.

Rugas da face componho  
Minha máscara guerreira,  
Afivelo o desencanto,  
Baixo a viseira, e o pranto  
Vira cinza em minha cara.

Terror de mouros, meu braço,  
Sob o aço que o reveste,  
De tão crispado adormece,  
Minha coragem arrefece  
De sofrimento alquebrada.

Caminhos do desespero,  
Esta sanha, esta vigília,  
São meandros que procuro,  
Um labirinto obscuro  
Para esquecer o impossível.

Esperança sossobrada,  
Sombras de Alcácer-Quibir,  
Com seu sonho, sua espada,  
Meu rei partiu para o nada,  
Eu também tive que ir.

Jornada triste e fatal  
Naquela hora jurei  
Pelo estandarte que tinha  
Trilhar toda vida minha  
Amargo chão de perigos.

Peregrino do silêncio,  
De alto nome desejoso,  
Se quebrei a minha lança,  
Fiz de Tânger uma lembrança  
De bravura resgatada.

Minha vida trabalhada  
Onde procuro com mágoa  
Esquecer o que lembrado  
Faz o peito amargurado  
Estalar de surdo pranto.

Minha dor, meu estilete,  
Esta faca na garganta,  
Faminto lobo espreitando,  
Suas presas procurando  
O momento da emboscada.

Hoje retorno ao princípio,  
O mar de pranto e o passado  
Minhas quilhas machucando,  
Vou ao limbo regressando.  
Será ventre ou sepultura?

Nova empresa traz-me a sorte.  
Com fereza e brevidade,  
Ofereço minha espada  
Ao furor predestinada,  
O descanso será morte.

Cumprirei a minha parte,  
Capitão-mor desta guerra,  
Vencerei mesmo que enfrente  
Satanás com seu tridente,  
Belzebu com sua espada.

## O império

Tão forte é o império!  
O dedo do rei vai longe no mar...

Colunas de ouro sustentam o trono,  
E o rei, que é seu dono,  
Assopra no mapa,  
Separa o que falta  
E o que ainda lhe devem.

Tão grande é o império!...

Pisa o rei o mapa,  
Seus tacões de prata  
Cobrem terra e mar.

— *Quem ousa violar  
As minhas fronteiras  
E o poder de Deus  
Que o Papa me dá?*

Pisa o rei o mapa,  
Veleiros de prata  
Cospem cinza e chumbo  
E atravessam o mundo  
Para confirmar,

Colunas de ouro  
Que sustentam o trono  
Onde o rei se assenta  
E divide o mundo:

Rei, senhor e dono.

## A esquadra

*Met'el-rei barcos no rio forte*

Joan Zorro

Aqui armou seus navios,  
Mete o rei barcas no rio.

Nos escudos soam punhos,  
Soam trompas nos ouvidos.

A jusante vão navios  
Que a fúria do rei no rio  
Arrastou com seus vassalos.

E por mar alevantado  
Cortam proas de vingança  
Que lhe trarão sangue e vinho,

Que el-rei armou seus navios  
E pelas bocas do rio  
Soprou neles a esperança.

## D. Fradique

As velas de D. Fradique  
Caçavam naves de Holanda.  
Como harpias revoando,  
As velas de D. Fradique  
Pelos mares farejando,  
Astuto bando de tigres,  
As velas de D. Fradique  
Caçavam naves de Holanda.

As velas de D. Fradique,  
Pelos ondas cavalgando,  
Caçavam naves de Holanda.  
As velas de D. Fradique  
São como harpias voando,  
Como centauros em bando,  
As velas de D. Fradique,  
Pelos ondas cavalgando.

## A jornada dos vassalos

Pelos sonhos navegados,  
Perdidos pelos roteiros  
Dos mares já decifrados,  
Varamos noites de bruma,  
Vassalos desta jornada.

Sofridas carnes insones,  
De salmoura alimentadas,  
De escorbuto machucadas,  
Convalescendo na gávea  
Entre visões de naufrágios.

Pelos ossos que imolaram,  
Pelos gritos que gritaram,  
Nossa fé, nosso inventário,  
Cavamos túneis de pranto  
Cravejados de gusanos.

Entre o visto e o delirado  
Nossa febre destilamos,  
Pela luta que lutamos,  
Vamos sombras acordando  
Nas calmarias soprando.

Coivara de inconstantes  
Tições acesos com sangue,  
Esta raiva no quadrante  
Sopra as velas, morde o pano,  
Cospe sal no oceano.

Cravadas quilhas de bronze  
Vão espumas separando,  
Nosso roteiro compondo,  
Fogo-fátuo alumando  
Sete-estrela no cordame.

Surgidos do sumidouro,  
De madrugada ancoramos  
E a cidade contemplamos,  
Seus canhões, suas trincheiras  
As muralhas dominando.

Desespero da memória  
Sete vezes renegada,  
Nossa terra corrompida  
Com alheios estandartes,  
Nossa fome devorada.

Nossa fé, nosso inventário,  
Ameaças triturando,  
Das gargantas laceradas,  
Pelas praças dominadas,  
Nosso grito reboando.

Pelo ardor com que lutamos,  
Defendidos de outras cruzes,  
Da metralha resguardada,  
Pela raiva que espumamos,  
Nossa boca salitrada.

Pelas torres decepadas  
Labaredas coleando.  
Agora só o silêncio,  
E nossos passos soando,  
Sete vezes volteando.

Sete vezes as trombetas  
Nossas bocas soprarão.  
Remoinho, sorvedouro,  
Sarabanda de demônios  
Nas ameias volteando.

Sete vezes nossas bocas  
As trombetas soprarão,  
E à força de nossos gritos  
As muralhas cairão!

## O desembarque

Cospem cinzas

Neste dia

Já metralham?

Desembarcam?

Cimitarra ou

Meia-lua

Com seus chumbos

principia

Por veredas se inicia

O desembarque

A subida

Na enseada já flutua

Cimitarra ou meia-lua

No instante soam bronzes

nas igrejas

Panos roxos de quaresma

(Rezam rezas)

Nos canhões

(Cimitarra que flutua)

Óstias rubras remoinham

— que melhor páscoa teriam!

Late a morte sobre

Os muros

Nesta praça

A defesa — hornaveque

baluarte

Se estilhaça

Fogo anoitece

Na enseada (meia-lua)

Cornos de prata

Flutua

## O general

D. Fradique em seu casulo  
Arrodeado de espadas  
Que sabe do sofrimento  
Ou da morte que se espalha?

Sonha com o nome dos Alba  
E seus castelos de Espanha.  
Na mesa ou jogo de dados  
(Registro de condenados)  
Tece o muro dos mandados.

Couraça de orgulho e ouro  
Cobre-lhe o peito  
E um escudo perfeito  
Em forma de coração.

Patas de bronze, o cavalo  
Pisa a face dos vencidos,  
Relincho morde os ouvidos,  
E um vento de desespero  
Espalha sangue no chão.

Legenda no seu escudo,  
Da vida é pouco o que resta,  
Se o triunfo não revela  
A coragem pendurada  
No arnês de sua sela.

## A reconquista

Passou o passo  
mortalha paço  
a paço o cristal  
                            telha  
                            destelha  
metralha

Aqui o sangue  
na praça e  
pedra a pedra  
a rua se des  
calça

Nem voam pombos  
que  
de chumbo é a asa  
o roçar de penabrasa  
risco de fogo  
na cara

Nem couraça nem  
metal  
armadura ou  
armadilha  
de cristal

Nem trincheira nem  
cilada  
parapeito ou  
amurada  
colhe a morte  
na colheita  
tudo igual

## A morte

Três cordões puxava a Morte  
Sobre a cinza dos telhados.

Aral de sangue e fumaça,  
Semeadura de ferro  
Nos altos muros do Carmo.

Que lavoura de espantados  
Plantadores de estilhaços!

Três cordões puxava a Morte  
Com seus dedos arqueados.

Negras rajadas de fumo  
Sobre as portas de S. Bento  
Sua boca imunda soprava.

E de seu surrão macabro  
Caíam estrelas cadentes  
Sobre as defesas da Palma.

## Diogo Ferreira

Tijolo de cal  
A sorte no cubo  
Branco e igual

Irmão vira o copo  
(há sangue no bordo)

Ganhei honrarias  
(a morte nos dados)

Vassalo me alcanço  
Na empresa engajado  
(a sorte no dado)

Voei sobre o mar  
As velas marcadas  
Com tinta de guerra

Pelejo na terra  
Meu trunfo acabado  
(a morte no dado)

## As trombetas

Corta o limo  
Deste vento  
E o lamento

Gume ao sol  
Haste ou  
Lâmina

Lima-lavra  
Punhalada  
E a saliva  
No bocal

Rasga fúria  
No nascente  
(sol de frente)

Lábio silva  
Sibilado

Canhoneio é  
Meu discurso

E as trombetas  
Cospem chumbo  
ou  
Rendição

## Carta a el-rei

*Senhor, eu hei trazido a meu encargo  
As armas de vossa majestade  
A esta província do Brasil.*

E se assim venci, por vós, tão grande empresa,  
Por adversa e difícil, vos entrego  
O galardão e a luz da minha espada.

Nem desejo alcançar mercê de glória.  
Se assim venceu a Cruz mais este fado,  
Só de servir me tenho por premiado.

## Os enforcados

*Foram enforcados, no campo verde*

J. G. Aldenburgk

Campo verde de vingança

Verde o campo verde

A dança

Vede a dança

Quem flauteia

Vento verde de vingança

Sombra cinza veste branca

Labareda ou mutirão

Grita o grito salta

O salto

Num espaço vertical

Vento verde

Veste o verde

Nos limites do riscado

Entre as duas paralelas

De seus braços

Lava o campo morde

O pranto

Labareda ou cantochão

Medra o gesto por castigo

por exemplo

e punição

Verde o campo verde

A dança

Vede a dança

Dos artelhos

Espantalhos já flutuam

Guardam safras

De sobroços

O medo colado à cara

Escorrendo de seus

Pulsos

Espantalhos espantados

De aves

Que não recuam

## Os heróis

Tenho uma pedra  
E escritos nela  
Todos os nomes

Carrego um livro  
Sangue na capa  
E o heroísmo  
Dos que lutaram  
Gravado a fogo  
Na sua página

Sei de um papiro  
Justo guardado  
No mais secreto  
Dos escaninhos  
Nunca violado

E desenhado  
No seu silêncio  
A grande face  
Dos que ficaram  
Sem epitáfios

## Epílogo

Minha sombra na parede,  
Meus pés plantados no chão,  
Colho vozes neste campo  
Onde medra o esquecimento  
E germina a solidão.

Procuro agora um caminho,  
Um roteiro ou diretriz  
Nesta folha, neste branco  
Pergaminho onde decifro  
Caracteres de giz.

O que recorto não conta,  
Tesoura (nenhuma ponta)  
Rasga a trama do tecido.

O dedo risca no muro  
Seu recado de veludo,  
Semeado fruto escuro.

Hieróglifo ou entalhe,  
Emprego um traço seguro,  
Pincel (navalha) procuro.

Conforme o que digo, escuto,  
Semeia o eco o discurso,  
Cada passo me estraçalha.  
Palavras são ferraduras,  
Redonda marca do tempo,  
Tatuagem a quatro patas.

Palavras são estiletos  
De seu ódio castigado,  
E a mesma angústia que escreve  
Separa os dedos da mão.

Escondido na garganta,  
O homem tem o seu medo,  
O seu punhal de silêncio.

Tem sua fome e seu ódio.  
Relógio louco de tempo,

Cultiva um sonho doente,  
Na cara duas navalhas.

Complacência ou suicídio  
Tudo que é foi tecido,  
Vistoriado e medido.

Juntei os passos de outrora  
Donos da mesma aflição,  
Mas não sei se neste instante  
O que acendi se consome  
E as palavras escondem  
O que eu queria mostrar.

Que este é um livro encantado  
De leitura desigual,  
Tem linhas que se descobrem  
E outras linhas recobrem  
A tinta do que se leu.

Mas essa estória é verdade.

## Índice onomástico

**Afonso Rodrigues** - Natural da Vila de Cachoeira. Comandava um batalhão, de índios aimorés pacificados, que muito ajudou na expulsão dos inimigos. Muitas vezes, porém, os indígenas se excediam na vingança, como no episódio do coronel Van Dorth.

**Caramuru** - Náufrago português, de nome Diogo Álvares. Dando à praia, salvou-se da fúria dos índios, atemorizando-os ao matar um pássaro com uma arma de fogo.

**Catarina Paraguaçu** - Princesa indígena dada como esposa a Diogo Álvares.

**D. Baltasar de Aragão** - Também conhecido como o Bângala, senhor de engenho e importante figura de fidalgo na Bahia do século XVII. Morto tragicamente em naufrágio de navio de sua propriedade, do qual, ao ser construído, afirmam que dizia: “Faço meu ataúde”.

**D. Diogo de Mendonça Furtado** - Governador da Bahia por ocasião da chegada dos holandeses, tendo sido um dos poucos que conservaram a coragem. Em lugar de fugir, como a maioria, preferiu ficar em seu posto, onde foi feito prisioneiro.

**D. Fradique de Toledo Osório** - Comandou a Jornada das Vassalos, expedição destinada a libertar a Bahia dos holandeses.

**D. Marcos Teixeira** - Um dos opositores do governador D. Diogo de Mendonça, a quem criticava acerbamente o plano de fortificações da cidade, por estar entre os que não acreditavam na propalada invasão. Com a chegada do inimigo, abandonou a cidade, porém mais

tarde redimiou-se deste gesto, dedicando toda a sua energia à organização da resistência.

**Diogo Ferreira** - Tendo obtido, num jogo de dados com os irmãos, o privilégio de tomar parte na cruzada pela libertação da Bahia, para cá embarcou, vindo a morrer em combate.

**Diogo Moniz Teles** - Encarregado de vigiar a trincheira do Arraial do Bispo dos lados do sertão.

**D. Francisco de Moura** - Herói em campanhas de África, veio à Bahia, a mando do rei D. Felipe, para substituir Francisco Nunes Marinho. Era natural de Pernambuco.

**Francisco Frias** - Célebre arquiteto, responsável pela maior parte das fortificações da época.

**Francisco Nunes Marinho** - Capitão-mor da guerra contra os holandeses, após a morte do bispo D. Marcos Teixeira. Sendo já muito idoso, sua grande preocupação era morrer antes de cumprir sua tarefa.

**Francisco Padilha** - Herói da luta contra os holandeses, combateu sem tréguas o inimigo. Foi o responsável pela emboscada ao coronel Van Dorth, a quem matou com um tiro de escopeta.

**Francisco Pereira Coutinho** - Donatário da Capitania da Bahia, “fidalgo mui honrado, de grande fama e cavalaria em a Índia”, que aqui chegou no ano de 1535. Entrando em guerra com os gentios, foi por eles morto e devorado, ao salvar-se de um naufrágio na Ilha de Itaparica.

**Frei Pedro Carneiro** - Comandante do galeão Rosário, que, em 1648, abordado à entrada da Baía de Todos os Santos por dois navios holandeses, foi posto a pique pelo próprio Frei Comandante, que lançou fogo ao paiol de pólvora, explodindo juntamente com os inimigos.

**Frei Vicente do Salvador** - Franciscano, feito prisioneiro pelos holandeses, passou quatro meses encarcerado num porão de navio. Testemunha ocular das acontecimentos, deixou um depoimento muito vivo na sua famosa *História do Brasil*.

**Gabriel Soares de Souza** - Bandeirante baiano. Morreu nas nascentes do Rio Paraguaçu, chefiando uma expedi-

ção que pretendia chegar até o Rio S. Francisco e, por ele, à Lagoa Dourada, local de riquezas fabulosas, onde acreditava tivesse este rio sua nascente. Levava por guia o índio Guaraci, cujo nome quer dizer “o sol”.

**Johann Van Dorth** - Coronel holandês, morto em uma emboscada no caminho que ia da cidade ao Forte de S. Felipe, em Monte Serrate, então situado fora dos muros. Foi barbaramente mutilado pelos índios que combatiam sob o comando de Afonso Rodrigues.

**José de Anchieta** - Missionário jesuíta junto aos indígenas do Brasil.

**Melchior Brandão** - Um dos três defensores das trincheiras que guardavam o morro onde D. Marcos Teixeira montou o quartel da resistência, tendo sido encarregado de proteger o lado da cidade.

**Pedro Álvares Cabral** - Almirante português que comandou a frota que descobriu o Brasil. Morreu no mais completo esquecimento em Santarém.

**Pedro Coelho** - Encarregado da defesa da trincheira de Tapuípe, no Arraial do Bispo.

**Tomé de Souza** - Primeiro governador-geral do Brasil e fundador da Cidade do Salvador. Celebrizou-se em África pelo cerco de Arzila



# O livro dos adynata



*O impoder não é sabemo-lo, a simples impotência,  
a esterilidade do "nada para dizer" ou a falta de inspiração.*

*Pelo contrário, é a própria inspiração: força de um vazio,  
turbilhão do sopro de um soprador que aspira para ele  
e me furta aquilo mesmo que deixa vir para mim  
e que eu julguei poder dizer em meu nome.*

Jacques Derrida





# I - Definição ou da impossibilidade de dizer

*Não perguntem nada: nós estamos dentro  
do aro de frio, no frio do muro,  
tão longe, tão longe da feira do Tempo!  
Não perguntem nada.  
Nós estamos mudos.  
David Mourão Ferreira*

*Agora falando sério  
Preferia não falar.  
Chico Buarque de Holanda*



Aqui não falo  
Que a língua é um travo  
De maldizer.

E não desminto,  
Antes o avesso  
Sinto  
Do não dito.

Carrego um peso  
Por isso,  
Por tudo o que calando  
Consinto.

\*\*\*

E no entanto sei  
Do pouso aéreo  
Da verdade,  
  
Como navalhas ásperas  
Sintaxe de claridade.

E no entanto, do  
Que sei não digo,  
Antes calo.

Ferrolhos na cara,  
Maxilas-tenazes  
Sem alarme.

\*\*\*

O que dizer  
O que — sim —  
Sem ruminar a baba  
Espessa  
Do já dito.

Sem sentir,  
Sem ressentir o  
Caldo,  
A sopa fria do sempre  
Repetido.

Coisa amarga na boca  
Refluindo,

As palavras dissolvem-se  
Em seu ácido  
Silêncio e se devoram,  
Alimento e fome  
De si mesmas.

\*\*\*

Aqui não falo,  
Antes me calo,  
Que a vida é um favo  
De maldizer

E me sustento  
Do que reparo  
E em silo guardo  
De apodrecer

Carrego cestos  
Em mim balaios  
De não dizer

E a língua travo  
Com os alfinetes  
De só saber.

\*\*\*

Cidade de não ver,  
De não dizer.

Antes os olhos cegos,  
As mãos algemadas,  
Que este súbito saber  
De segredos fechados.

Urbe selada  
Sangrando o lacre  
De seus sinetes.

Emparedada  
No seu silêncio  
De sete portas  
Se abrindo ao medo.

\*\*\*

Um canivete  
Em ponta na garganta  
Arde.

E no entanto  
É tarde.

E um florete  
De fino aço  
Sustenta o passo  
Das tíbias gastas.

O exato corte  
Da faca exata  
Range nos dentes  
Por onde passa.

E as palavras  
Com suas patas  
Crescem na densa  
Saliva amarga.

\*\*\*

Sei do que arrasto,  
Fragilidade  
Dos argumentos.

No entanto,  
Calo,  
Aqui não falo.  
Antes lamento.

Dói-me o peito  
Do abecedário  
Que acalento.

Vomito estrias  
De consoantes,  
Na boca amarga  
Os bichos mansos  
E as patas-pêlos  
Das ruminantes.  
Letras que invento.

\*\*\*

Navegar no silêncio.

A paisagem  
Branca é de cal.

Navegar no silêncio.

O que apascento  
É um bando mudo  
De semoventes.

Navegar no silêncio.

A calmaria  
Enche de argaços  
A minha boca.

Num oceano  
De barro denso  
Navegar no silêncio,

Sem vento.

\*\*\*

Ervas daninhas  
Tapam-me a boca.

Palavras roucas  
De desespero  
Ruivas sangrando  
No céu da boca,

Palavras loucas  
Se dissolvendo  
No avinagrado  
Do cuspe lento.

\*\*\*

Antes o ingrato  
Signo. A palavra  
Constelada de tiros.

Como um veneno  
Justo guardado  
No corpo denso.

Como uma agulha  
Singrando a carne,

Metal submerso,  
Secreto.

Antes a sílaba  
Cortando a língua  
Na estocada,

Que este silêncio  
De desespero  
Que não disfarço.

Que sei? Não sei. Faço.

\*\*\*

Aqui não digo,  
Antes dissesse  
O que é preciso.

E nem maldigo,  
Que a paciência  
É o que persigo.

Será o medo  
Do que pressinto?  
Ou antes náusea,  
Seu mofo alambre  
Me destruindo.

E se me calo,  
Não te iludas:  
SINTO!



## II - Paisagem ou da impossibilidade de ver

*[...] mesmo em pleno mergulho,  
o propósito é ainda redescobrir o sol,  
mesmo em pleno delírio de interpretação  
o rumo é a Cidade,  
ainda que para tocar-lhe o coração  
seja preciso destruir-lhe as pedras.  
Mário Cesariny de Vasconcelos*



Insulares habitantes  
Do improvável  
Neste solário dividimos  
O inexato.

Nossa ração de azul,  
Nosso amargo  
Sustento,

Um cardápio de sol,  
Nossa fome e  
Alimento

E uma colher de prata  
Na boca,  
Azinhavrada  
Lentamente, por dentro.

\*\*\*

Aqui não vejo,  
Que a luz é chave  
De dois segredos.

Cem olhos cegos  
Enrugam a pálpebra  
Sobre o que espreito.

E nem reparo  
No que assemelha,  
Identidade de  
Dois espelhos.

Lâmina espessa,  
Porta trancada,

Um rosto abrindo  
Para o silêncio,  
E a outra cara  
Sorrindo ao nada.

\*\*\*

Cidade exata  
De apodrecer,  
Que olho fóssil  
Percorre os traços  
De não querer?

Cidade-rio  
Dissolve o tempo  
Em corredeiras  
De água morna,  
E as chuvas lavam  
A carne gasta,  
Coisas e bichos  
Na mesma intensa  
Barrela amarga.

\*\*\*

Suster o mundo  
Em andaimes,  
Escoras nas  
Quatro pontas.

Aqui  
Se mastiga  
O tempo,  
Um dente de  
Ouro, e  
O sangue  
Escorrendo das  
Gengivas.

Aqui se desfazem  
Os tetos  
Num derreter-se  
De estuques,  
Argamassa de excrementos  
De pássaros vagabundos.

\*\*\*

Eu que te explico  
Sei,  
Eu que te invento,  
Inexplicável e  
Obscuro labirinto.

Cumpro o meu giro  
E, paciente,  
Lentamente desfaço  
Os teus novelos.

Fim e princípio  
Desato,  
Suja meada viva  
Entre os meus dedos,

Súbito réptil,  
Serpente que se enrola  
Na pedra curva do  
Tempo  
E morde a cauda.

\*\*\*

Uma Cidade  
Como um borralho  
Onde me arrasto.

No quente espaço,  
Sujo regaço  
De cinza e trapo,  
Bicho deitado,  
Rumino as brasas.

O olho imóvel,  
Bola de vidro  
No duplo engaste,  
Aqui contemplo  
(Mas nada é claro)

Com a fixa córnea  
E a íris cega  
Dos empalhados.

\*\*\*

Ossário vegetal,  
Teu liquidante  
Acervo

jaz intato

Sob o bordão nefasto  
Do inventariante.

Proprietária de tudo  
O que é inscrito

circunscrito

E maldito,  
Te proponho:

Unir teus esqueletos  
Aos manes que disponho.

\*\*\*

Só decifro  
O que não vejo,  
Tua funda cicatriz.

Gilvaz na pedra  
E no tempo,  
Sinal aberto  
Aos segredos  
Que adivinho  
(E tenho medo).

Só desvendo  
O que se esconde,  
Marca de dente, vampiro  
Desfeito nos teus calores.

Penetro  
No que ignoro,  
Teus dispersos  
Labirintos.

E sinto que  
O que espreito  
É a sombra de mim mesmo.

\*\*\*

Este é o centro,  
O olho imóvel  
Do círculo,  
O agulheiro.

Uma Cidade  
Como adivinha  
Que não se explica.

Como um baralho  
De cartas cegas,

Um rodopio  
De pombajira,  
Na noite densa.

Como um espelho  
Girando em torno  
De imóvel eixo,

Uma Cidade  
Como satélite  
Da própria face.

\*\*\*

Sei que não vejo,  
Antes espreito.

A paisagem de sal  
Nos olhos  
É uma bolha  
De fogo lento,

É uma esponja  
De fel,  
Um travo  
De sede intensa,

Quando o silêncio,  
Leopardo, salta

E as finas garras  
Rápido enterra  
Na brancailharga.

\*\*\*

Bóiam peixes  
No aquário  
De teus dias,  
  
Solidão de carpas  
Nos rios do tempo.

No silêncio  
Do corpo,  
Um ciclo lento  
De ávidas sanguessugas

Ciranda que se arrasta  
Na pele áspera  
E suga  
O próprio ventre.

\*\*\*

Aqui o lógico fio  
Do tecido  
Se esfiapa,

E mágico risco  
Aparece  
De um debuxo,

Ladrilho de um chão  
Incerto  
Palmilhado de outros  
Usos  
E de outros passos  
Secretos.

E onde a escumilha  
Se esgarça,  
Adivinho um outro rastro  
E um desenho mais vasto.

III - Persona  
ou  
da impossibilidade de ser

*Cbora em mim um palhaço às piruetas.*  
Mário de Sá-Carneiro



Aqui não sou,  
Antes me invento,  
Num só instante  
Duplo momento.

Carcaça antiga  
De um novo rito,  
Se me divido,  
Rápido somo,  
Sou o que tive.

E o que não tive  
Gruda-se lento  
No duro salto,

Coturno alto  
Onde acrescento  
O que me falta.

E assim me arrasto  
Num outro mágico  
Tempo abstrato.

\*\*\*

Aqui não vivo  
Nem sei se existo,  
Que é salitroso  
Bafo o que aspiro.

Aqui não sou  
Nem me defino,  
Molusco inerme  
Frente ao destino.

Múltiplas faces  
Ao mesmo intento,  
— Se estou, não estou.

E escolho a máscara  
Como um disfarce,  
À semelhança da própria  
Face.

\*\*\*

Agora assumo  
O que invento,  
Idiotia ou verdade  
Não lamento.

E já corro fivelas  
Sobre o rosto  
E me inauguro Persona  
Nos espelhos.

Hoje sei do que sou  
(Do que não sou)  
Por exclusão, cansaço  
Ou desespero.

E diante da corte  
Me curvo  
E lanço o repto:

Eu, idiota profissional — POETA.

\*\*\*

Aqui não sou,  
Antes respiro.

Corpo habitado,  
Zumbi de antigo  
Gesto esquecido.

Resposta amarga  
De um outro grito,  
Aceito a máscara  
Como um cilício,

E meu suplício  
É este riso,  
Caricatura  
Que é meu limite.

\*\*\*

Um guizo  
No pescoço

E o silêncio  
No bolso.

Assim palhaço,  
Bufão do que não digo,

Polichinelo de mim,  
Me cambalhoto  
E me desdobro no troco  
À beira do improvável.

(Pintaram-me o rosto  
De ocre e alvaiade.)

\*\*\*

Na rua onde passo  
Fabrico um disfarce.

A pele no ombro  
E os pêlos  
E as patas,

Os chifres longos,  
Cerviz de chumbo  
E as guampas altas.

Tosão de sol,  
Assim me escapo,  
Mas deixo um rastro  
De pés fendidos  
No sujo asfalto.

\*\*\*

Aceito a marca  
No rosto,  
Como um sinal  
De passagem,  
Perdigueiro do  
Momento,  
Não sei quem sou  
Nem lamento.

Curinga truão palhaço  
Se falo, minha verdade  
Sai-me da boca  
Aos pedaços,  
Como uma colcha  
De trapos.

\*\*\*

O chiste, o parvo,  
O óbvio,

O só saber do claro  
Dito  
A séria servitude.

O cortesão,  
O sábio, o espantalho,  
O poeta oficial,  
O douto em reverência,

O símio, o sujo,  
O fraco,  
O dependente,

Cuspo na cara deles  
Mas não sentem.

\*\*\*

Agora tenho o destino  
Como um pássaro  
Em cada mão.

Malabarista do nada,  
Me divido,  
Bobo real, parceiro  
Do imprevisto.

Tragigargalho. O dito  
Por não dito.  
E a verdade que afirmo  
Amarga como o riso.

\*\*\*

Cuido a rigor  
Do *make-up*,  
Maquilagem que se  
Emplasta.

Negro e ocre  
Assim preparo  
O disfarce  
Mais perfeito.

Sobre os zigomas,  
Desenho  
A espiral  
Do meu medo,

E uma cruz de  
Vermelho  
Apaga a marca  
Do beijo.

\*\*\*

Desvendo agora o segredo,  
Ponta de giz no  
Infinito.

Giro o compasso,  
E outro ritmo  
Se inaugura  
Além do eixo.

Um corpo morto e  
Sua sombra,  
Parcelas da mesma  
Soma,  
Conto a vida  
Pelos dedos.

Que rei me enfrenta  
Com o espelho?

\*\*\*

Minha vingança  
É tudo  
Que me resta.

Dom Bibas de pano  
E estopa,  
Carminado e amarelo.

Minha vingança  
É o sarro  
Na garganta,  
É a marca da coleira,  
A escara  
No gasnete.

Minha vingança é  
Tudo apodrecendo,  
E eu  
Vendo o que vejo  
E não dizendo.



# O risco na pele





## A esfinge

Revesti-me de mistério  
Por ser frágil,  
Pois bem sei que decifrar-me  
É destruir-me.

No fundo, não me importa  
O enigma que proponho.

Por ser mulher e pássaro  
E leoa,  
Tendo forjado em aço  
As minhas garras,  
É que se espantam  
E se apavoram.

Não me exalto.  
Sei que virá o dia das respostas  
E profetizo-me clara e desarmada.

E por saber que a morte  
É a última chave,  
Adivinho-me nas vítimas que estraçalho.

*Salvador, 1964*

## Cão de caça

Da primitiva pureza  
Me despojam,  
Da fúria inocente  
E natural

E me fabricam de cólera  
E arremesso,  
Como um punhal  
Ou nítida azagaia.

E me fabricam de olfato  
E de inclemência,  
Uma garra no tempo,  
Um ríctus no selvagem  
Mundo feroz  
Onde rastejo e salto.

Assim me ensinam e faço.

Lição de estraçalhar  
Num claro mapa,  
Repito este traçado  
E risco o espaço  
Entre o instinto e o ato.

Pedagogia de súbitas cruezas,  
Onde a morte é didática,  
Racional.

*Salvador, 1964*

## Desencanto

Hoje tenho em minhas mãos  
A espada e a balança,  
Mas nenhuma justiça  
Em meus braços quebrados.

O mundo onde cresci  
Era um círculo fechado,  
Uma paisagem de sonho  
Partilhada com pássaros  
E uma parede caiada.

Mas o círculo era de giz,  
Os pássaros empalhados.  
E na parede branca,  
Grandes letras se abriram  
Em fogo e sangue  
Gravadas.

*Salvador, 1964*

## O avião

Somente as asas,  
Aço-metal,  
Linear o traço.

E o rastro,  
Sombra vazia  
No acaso.

Tão frio aço (metal),  
Vapor de sonho  
No espaço.

*Salvador, 1964*

## Barragem

Estrutura de cal,  
Subitamente o rio  
(Argila e metal)  
Se recompõe  
E pára.

Somente a fúria  
Calma do gesto  
Que se disfarça.

Barragem ou poço  
(Argamassa),

Simetria de iludidos  
Nas linhas duras  
Do cais.

Talvez a sombra,  
Íris-pupila  
Que se adelgaça,  
Recua e passa.

*Salvador, 1964*

## O gavião

O que o sustenta  
É o centro,  
Onde se apóia o compasso.

Ele mesmo faz a rota  
Da órbita  
Que não ultrapassa.

Assim o vôo é espiral  
Amplíssima e regulada,

Expectante planar tranqüilo  
Em que vibra uma emboscada.

E para que não se sinta  
Ausente,  
desvinculado,

Existe um fio estendido  
Em seu olhar imantado,

Um fio que o liga à presa  
E que, rápido, se enovela  
No mergulho vertical

Onde a morte se desdobra  
Em grito  
Das suas garras.

*Salvador, 1965*

# Cidade da Cachoeira I

## VISÃO INICIAL

(1º dia)

A - Este é um mundo interior

E cálido

Onde o presente se anula

E o tempo pára.

O sol é dividido nas arestas

E escorre molemente

Das fachadas.

É intenso e espesso

Como uma tinta espessa

E desenha leopardos

Sob as árvores.

E que dizer do casario

(Policromia)

De olhos arregalados

Para o rio?

B - Agora despirei todos os símbolos

E tentarei a soma dos concretos.

Não vou contar de lendas

Ou fantasmas,

Que este é um reino de pedras

E arenito.

(O que contemplo todavia é o inexistido.)

Eis o dilema:

É simples e inconteste,

Claro jogo de posses

E segredo

Compor um tempo

Além do nosso tempo,

Neste rio indefeso

E temporário.

C - Não são caricaturas que organizo  
Da máscara esculpida dos atlantes,  
Tampouco alegorias me sustentam.  
Invento os meus eternos e esta fábula  
Da epiderme de gesso de seus muros,  
Carisma de um passado que se entrega  
Em apagados espelhos flutuando.  
E desta pele de cal componho o mito.

## O TEMPO

(2º dia)

A - Agora sei desta cidade.  
Da estagnada  
Secura de seus ares,  
Das ruínas.

Já decifrei o rastro,  
Sei dos dentes,  
O cachorro do limo,  
Com seus dentes,  
Roendo devagar o osso  
Das paredes.

B - Esta é a essência  
De suas alternâncias:  
O que construiu outrora  
Na opulência  
E o que agora esmaga  
Na poupança.

Assim, o que decifro  
É um tempo morto  
Na concisão  
De sua geometria:  
Um chão arruinado,  
Um canto rouco  
E a carcaça de um sonho  
Desertado.

O RIO  
(3º dia)

A - Assim o rio esconde  
Suas navalhas,

No pressentido gesto  
De corte  
Sob as águas.

Este rio rolando  
Em suas pedras,  
Na furiosa dor  
Multiplicadas.

Nascimento e mortalha  
São seus mangues,  
Sua lavoura de sujos  
Caranguejos

A engatinhar num tempo  
Que supomos.

B - A mansidão de onda  
Se sente,  
De onda mansa.

Aqui nesta cidade,  
Dois rios correm  
Conjuntamente.

Diverso do rio-rio  
O rio-tempo,  
No deglutir sereno  
De animal preso,  
Com a língua corrosiva  
De suas águas  
E a saliva paciente  
Dos minutos,

A sua espuma gris  
De fina prata  
A branquear os tetos  
E os cabelos.

C - Há decerto outras respostas,  
Outros limos  
E outra engrenagem  
Que não seja a deste rio.

Há com certeza  
Sonhos mais inquietos  
E outras fomes  
Em bocas sem calíça.

Há memórias, suicídios,  
Complacências  
E vozes em delírios  
E acalantos.

E certamente angústia  
Com seus gritos.

Mas os olhos  
Estão cheios de cisalhas,  
E os ouvidos são búzios  
Calcinados,

E se calendários desfaço,  
Fica o rio,  
Ampulheta medindo  
Meus alarmes.

GENTE  
(último dia)

A - São discretas  
As lições que recebemos  
Destas caras apagadas  
Nos sobrados.

Didático  
É o existir cotidiano  
Que realça nas esquinas  
Seus fantasmas.

Este é um livro purgado  
De toda anterior escrita,  
Porque o que conta aqui  
É a pedra  
E sua estória intuída.

B - Quando antes  
Era agora  
E não apenas retratos  
Dispersos nas prateleiras,  
  
E não esporas tinindo  
No metal de antigas pompas,  
  
Quando antes  
Um tempo-glória  
Reluzia nas senzalas,

#### FOMOS

Nobreza extinta  
Que hoje apodrece  
Nos álbuns.

C - É com o rio que se aprende  
Que a vida passa.  
Por isso os mortos se enterram  
À beira d'água.

Por isso os mortos se enterram,  
E os vivos calam.

Calam a fome de sua boca,  
Calam o licor dividido  
De seu sangue,  
Calam os sapatos de lama  
E os ossos apodrecidos  
Calam.

Fica o rio,  
O raivoso espumar no peito  
E o peixe.

#### A VOLTA

Agora deixo a cidade  
Como quem sai de uma caixa,  
Rompendo o fio-metal  
Que nos ligava.

E já sinto em minha mão  
O vidro que nos separa.

E como a distância é lenta  
Que tudo aclara,  
Agora é que a vejo inteira  
E exata.

Agora é que a vejo extinta  
E viva,  
Em sua clara redoma  
De tempo e amor  
Protegida.

*Salvador, 1965*

## Cidade da Cachoeira II

### REENCONTRO

(1º dia)

A - Nem tempo interior  
Nem sortilégio  
Nem unidade de fruto  
Sazonando.

As arestas das casas  
Como facas.

Há leopardos soltos  
Pelas praças  
De um circo invisível  
Que queimamos.

Não te guardes  
Que tudo é provisório.

O mais é casario  
(ou é ruína),  
Escoras no silêncio,  
Grade aberta

E um olho arregalado  
No vazio.

B - Como despir o símbolo?  
Como fugir  
À sua carga precisa  
De tumulto?

Amarei o concreto?  
Saltimbanco  
A depender do guizo  
Não do riso?

Nenhum dilema,  
Angústia de ser claro:

Não existe futuro  
Nem passado,  
Somente o rio  
Devora suas espadas.

C - Mas são caricaturas,  
Cariátides,  
São máscaras pintadas  
Que me escondem.

E me sustento só  
De alegorias.

Me encontro nos espelhos  
Face a face,  
E o tempo, se o invento,  
É porque passa.

Não há eternos,  
Apenas os supomos  
No minuto sem fim  
Que arrebatamos.

Rasgo a pele de cal,  
Destruo o mito.

## O TEMPO

(2º dia)

A - As cadelas do tempo  
Com seus dentes  
Roeram as esperanças  
E as paredes.

Nem pude decifrar  
Mais do que o ausente  
Rastro de meus pés  
Sobre a calçada.

Aqui me vejo  
Secura de meus ares,  
Regresso no silêncio  
E não me encontro.

B - Retorno à mesma origem  
E à convergência  
De um destino geométrico  
E preciso.

Na opulência destruí,  
Construo agora

Entre ruínas entregues  
A seu dano.

Cumpri a previsão  
E o que decifro  
É minha sorte emboscada  
Nas esquinas.

Planto agora meus pés  
Num chão sem dono  
E arrasto a carcaça  
De meus sonhos.

## O RIO

(3º dia)

A - Há uma poça de fel,  
Um cais sombrio  
E pontes sobre abismos  
E navalhas  
Multiplicadas e escuras  
Como o rio.

Nesta cidade plantei  
Lavoura insana,  
Carapaças e pernas  
Sob a lama.

Nascimento e mortalha,  
Assim os anos  
Não se encontram jamais,

No entanto, as pedras  
Permanecem no tempo,  
Lisas, duras  
E se renovam naquilo  
Que buscamos.

B - Realidades diversas  
São teus rios,  
Fluindo para um mar  
Que não existe.

O rio-rio  
E o rio-lodo-tempo,

Animal de mergulho,  
Língua espessa,  
No cuspe de suas águas  
Que nos cegam.

Diversidades de astutas  
Concordâncias  
Neste rolar de pedras  
Nas barrancas.

C - Há um rio mais rio,  
Mais profundo  
No fundo de minha carne,  
No meu sangue,  
Onde delfins furiosos  
Se atropelam.

Há um rio sem medida  
E sem retorno,  
Ampulheta vazia.

E meus alarmes  
São gritos sem resposta,  
Imensuráveis.

GENTE  
(último dia)

A - São amargas as lições  
Que deciframos nas rugas.

Tragédia de todo dia  
Que escrevemos nas paredes,  
As unhas rasgando letras  
Na calíça dos sobrados,

Apascentando fantasmas,  
Amordaçando avantesmas.

Que este é um livro rasgado,  
Rasurado, corrompido,  
Porque o que conta  
É o homem  
E sua estória sofrida.

B - Quando agora  
Era antes  
E não apenas retratos  
Amarelado no escuro  
  
E não esporas sangrando  
No corpo que cavalgamos  
  
FOMOS  
  
Agora ou antes,  
Que importa?  
Há sempre a foice na porta  
E um sinal nos lembrando.

C - Fica o peixe e  
Seu espinho  
Enfiado na garganta.  
  
Não cemitério  
Marinho  
Mas um curral de  
Defuntos  
Debruçado sobre o rio.  
  
E sempre o mesmo vazio.

## A VOLTA

Não existem redomas  
Nem aquários.  
  
Há tentáculos,  
Ventosas nas paredes  
E monstros que fugiram  
Do dilúvio.  
  
A solidão cavou  
Seu próprio túnel,  
E não há proteção  
Contra o futuro.  
  
Estilhaços de tempo  
São teus dias  
Nesta caixa de vidro  
Espedaçada.

Nem te limita  
O que trazes no regaço  
Nem te protege o amor.

Estás sozinha.

*Salvador, 1968*

# O potro de cinzas

## I

... e este cavalo (rancor)  
Com correntes de fogo  
O estão travando

E o estão retalhando  
Com o dente frio  
Das esporas.

E esta espuma clara  
Em sua boca (freios)  
São mariposas nascidas  
Do casulo-sua-língua  
Lacerada.

*Tesouras de ódio,  
Navalhas de vento,  
Mastigam-lhe a carne  
Num deslumbramento.*

## II

Trêmulo o potro,  
Contido nos arreios,  
Preservando antigas forças  
E estilhaços.

No dorso o peso,  
Pavor  
Das ilhargas apertadas.

Sua sombra no chão  
Crescida de outra sombra  
E os olhos muito abertos.

*Está assim  
Como uma seta. Contida  
E aguardando  
Seu destino de flecha.*

### III

Estático.  
No ventre o nódulo, grito.  
A entranha espezinhada,  
A nostalgia do galope,  
O frêmito, a tenaz,  
O dardo,  
As mil espadas.

Assombro:  
Potro de cinzas  
Dor de antigas brasas.

*Crescem asas de rancor  
Nas suas patas.*

### IV

Antes (era)  
A força virgem,  
A inteireza vibrátil,  
Relinchos.

Antes (era)  
O verde  
E o vento — garrote desvairado —  
A cornear com a terra  
Duramente.

Agora  
Um curral de espantos  
MEDO e obstinadamente  
a DOR,  
Certezas destroçadas.

*Um apagado tição  
Vibrando apenas  
As narinas e as ancas  
Assombradas.*

## V

Flexível e fortíssima corrente,  
CENTAURO  
Lição de fúria,  
Agreste alegoria,  
Lutam apenas um homem  
E seu cavalo  
Dentro de um sol talhado  
De açoiteiras.

*A gana de vencer  
Já nos revela  
A mesma bestial  
Força domada  
Em que eles se entrelaçam  
E se incendeiam.*

*Salvador, 1968*

## Espaço jornal

*No espaço jornal  
Esqueço o lar o mar  
Perco a fome a memória  
Me suicido inutilmente  
No espaço jornal.*  
João Cabral de Melo Neto

### I

Da letra contida  
A pele  
Do silêncio  
Se desprende,

Cai como folha  
Ou semente,  
Como chuva  
Na parede.

Inquietação do esperado  
(Medo ou raiva?)  
Se insinua,  
Viagem de muitos gritos  
Batendo claros  
No muro.

Fabricam ecos  
No escuro  
As muitas mortes  
Tecidas,

Ortografia compacta  
Das manchetes  
Sibilinas.

### II

Decifro agora  
O recado,  
Hieróglifo no muro.

A língua bate no duro  
Palato que se distende.

Soletro tintas de sangue  
No papel que se enferruja,  
Montagem rompendo o aço  
Do tempo  
Que se inaugura.

### III

Cravo e recusa  
No peito,  
Espora do que se ajusta.  
Continentes que de estrias  
De sangue  
Fazem seu uso.  
Destino igual  
Nossos mortos,  
Acidentes que destruo.  
O medo colado à porta,  
Paisagem na moldura.

### IV

Antes um acidente,  
Tiro na memória.  
Porque crava os dentes  
(Bainha ou punhal)  
Já não se desdobra.  
Nada do que espera  
É esperança agora,  
Só o que incendeia  
É o que demora.  
Cicatriz na face,  
Cospe no imprevisto.  
Este tempo é fruto  
Que já se divide,  
Este tempo é aço  
Lâmina precisa,  
Todos têm na carne  
Sua medida.

## V

Se a bota (tacão)  
Nas portas  
Cava um poço  
De inclemência,

Se os homens (conselho)  
Escolhem  
Caminhos lisos de espuma,  
Salitre de seus venenos,

Se as tesouras repelem  
O fio claro do tempo,

Então desponta no escuro  
Outra verdade esquecida,  
Um grito ruivo  
No espanto  
Do silêncio de calíça.

## VI

Aqui tenho o instante  
E o mapa do tempo  
(Só importa o momento)

Um olho no mundo  
Debruço-me inteiro  
No campo vermelho.

O vento no lábio  
E a sombra  
Na cara.

Aprovo o teu gesto  
(O medo entre os dentes)  
Herói do obscuro  
Fabrico um disfarce

E, esfinge, devoro  
O mistério  
Que invento.

Espero o momento.

## VII

Verdade

É a ruga no rosto

É o emplastro

No olho.

É a sombra do outro

É a morte na sombra

É o chumbo é o

Grão.

É o encontro na tarde

É o amor

Desencontro no tempo

É o escárnio.

É a fome no

Bolso

É o tiro no escuro

É o muro

É o ácido e o fumo

A morte e a vida

O inútil da vida

O limite.

É a guerra

O seqüestro

Manifesto e mordança

A unha sangrando

Na ponta dos dedos

E os poros

E a pele.

O uivo e o lamento

Um olho de prata

Brilhando no escuro

E a flor de napalm.

*Salvador, 1970*

## Os retratos

### I

Na matemática severa  
Das imagens,  
Em retângulo brilhante,  
A face,  
Preservada.

Aqui o tempo é um esmalte claro,  
E o traço outrora impreciso  
É perfeito e mineral.

Somente extinta aparência  
Vislumbrada além do morto  
Com minha face

Nos retratos.

### II

Precisão de esquadro,  
Olho de lente,  
Nítido traço.

Sobre a superfície  
A linha traçada.

E a face polida  
Apenas instante,  
Entre a exata pausa  
E o tempo  
recomeçado.

### III

Em luz e sombra agora  
A contemplada  
Face de antigamente,  
Exata e rara.

Tudo o que foi  
Aqui está enterrado.

Em branco-e-preto  
A soma revelada  
Do que outrora foi vida  
E hoje é distância.

#### IV

Preso num só movimento  
Pela rede de seus ácidos,  
Colado em fotografia  
O corpo,  
Animal estático.

Folha esmagada  
Na página,  
Vegetal branco,  
trilobite,  
Vírus dormindo apagado  
Em sua lâmina de vidro.

## Sobrado amarelo

### I

Aqui  
Onde o oco das coisas  
Se disfarça

E se rumina o  
Passado,  
Sua amarga borracha,

Onde áspero o limo  
Da paisagem  
Se alastra

E uma ampola de tédio  
Aponta nas torres  
Altas.

Aqui  
É onde mais voraz  
O silêncio devora  
O que não gasta.

### II

Sobrado — salvado  
Salitre no vento.

A força do risco  
Corrói o alicerce  
A cal do riscado.

Sobrado — salvado  
Destroço na terra.  
Escória de tempo.

A gota que escorre  
O limo na pedra,  
A pedra de toque.

Sobrado — salvado  
Testemunha ou  
Legado.

### III

Onde o fazer  
Se divide,  
Multiplica-se e  
Consome.

Onde mínimo  
O dente  
(o que rói o que rói o que rói),  
Roedura imperceptível,  
Avança

E onde multidão  
É fome  
Que se constrói do  
Que come

E um bicho é  
Somente um nome  
Num túnel furando  
O tempo.

E então o fazer é  
Onde.

### IV

Uma casa  
E/ou  
Um sobrado,  
  
Sobrosso  
Sugado ao tempo,  
Caixão duro,  
Sepultura  
Parindo defuntos  
Dentro.

Uma casa  
Ou/e  
Um guardado,

Moinho de  
Muitos ventos,

A mó no peito  
Moendo  
Farinha amarga,  
Sustento.

## V

Uma coisa é  
O tempo  
Fugindo com suas  
Patas,

E outra o laço,  
O momento  
Exato do pulo,  
O salto.

Uma coisa é  
O círculo,  
Espaço contido,  
A casa,

E outra coisa  
É o mundo,  
Fera, fome, fúria,  
Faca.

Vida e morte,  
Sim e não,  
Senão.

## VI

Aqui nasci  
E nem sei  
Do que se abre  
No escuro,

Fruto esborrachado  
No muro.

Assim cresci  
E nem sinto  
Das muralhas  
Que me cercam,

Grade invisível que toco  
Com os dedos,  
Gaiolas a céu aberto.

## VII

Um bicho no oco  
Cupim no reboco  
Rebordo de calha  
Onde a chuva a tralha  
De noite se escoa  
Retalha.

Ouvidos de lata  
Papiro se enrasca  
Se enrosca no fogo  
Se parte a legenda  
Nos mapas.

Um bicho trabalha  
No fresco da palha  
No húmus na greta  
E se espalha.

## VIII

Ter sempre os olhos  
Acesos  
Em dividida miragem

Porque de dentro  
Para fora  
O que se vê é paisagem.

Mas se íntimo se debruça  
E no escuro perscruta,  
Olho de vidro vidrado  
No passado,

Então a íris vacila  
Na divisa do encontrado.

Sobrossos, sarro na sala,  
Espelho irmão ou retrato,

Um afligido fantasma  
Repete o mesmo silêncio  
E rói-se as falanges gastas.

## IX

Rói. A unha do passado  
Que a si mesmo destrói.  
O risco, riscado no corpo  
Vivo da cal.  
Um casulo,  
Um desdobrar-se  
Fino na areia,  
Um lampejo.  
Sobre o tijolo aceso,  
O caminhar de múltiplos  
Dedos.

## X

A morte,  
Fiandeira com bilros  
E almofada,  
Inventa bordados  
Sobre a seda  
Da tarde.  
A morte, fiandeira  
Nas varandas  
Altas,  
Com a unha curva  
Nas vidraças  
Risca  
Seu debuxo exato.

## XI

Te digo,  
Assim  
Eu te digo

Que esta casa é  
Como um selo,  
Sinete rubro no espaço  
Dividido  
Do que invento.

Te digo ou  
Melhor repito  
Que é como um  
Marco ou  
divisa

Do que não é  
Tendo sido.

*Salvador, 1970*

## Desenho rupestre

### I

Erecto,  
Cravo os olhos no mundo  
E face a face  
Invento um semelhante  
Ao meu disfarce.

Estalo em dor,  
Celenterados azuis  
Dividem-se em meus braços,

E os hirtos pêlos de símio  
Em que disfarço  
A solidão já pressentida  
— e que eu arrasto —  
Tapam-me a boca pura  
De sintaxes.

### II

O medo  
É o que me prende  
No chão.

Este é o escuro  
Mais escuro  
Da gruta,  
Onde me arrasto.

Aqui a fome roeu  
O ponto exato.

Um touro negro  
Na pedra,  
Um touro,

Bisonte na espera, espreita  
Destes olhos,  
Verrumas no mais espesso  
Do cavado das órbitas,  
Ilhas  
Rodeadas de pêlo.

### III

Talvez o desenhar aprisione  
A morte  
Nestes ruivos, nestes xistos,  
E o ato se torna tão real  
Que um grito  
Emerge do silêncio  
Das furnas.

Talvez o repetir  
Seja apenas um rito,  
Toda a arte das mãos,  
Uma covarde mentira.

Mas aqui eu posso e ousou,  
E o que risco na pedra  
É maior do que arrisco  
Lá fora.

Aqui eu sou deus,  
E o que creio é o que importa.

### IV

No fundo da pedra,  
No fundo de mim mesmo,  
Capturo pedaços.

Um focinho de espanto,  
Um dente onde estraçalho  
A carne.

Um movimento rítmico  
Dos braços,  
E em negro e ocre  
Desenho o instante calmo  
Do bicho dominado.

A ferida no dorso,  
A ferida no dedo,  
A sangue e oligisto  
Cumpro o rito  
E o mágico  
Instante da caça,

Enquanto lá fora  
Os gritos estalam.

V

Antes o punho

E a garra

Agora bastão

Tacape

Multiplico e desfaço.

Dura consciência

Da força

Além do braço.

São cinco dedos na mão

São cinco laços,

Com isto agarro

    e malho

    e mato.

A descoberta maior que de mim faço.

*Salvador, 1973*

# Corpo a corpo

## I

Amor,  
Seu olho insone,  
Seu naufrágio.

Inocência de flor  
E carne,

Como um redondo  
Inteiro molde,  
Como concha,  
Onde os dedos se gastam  
Ao percutir.

Um faisão enjaulado,  
Um tigre,  
Fera dormindo ou  
Pássaro,  
Assim seu espaço claro,  
Seu limite.

Sua espiral de silêncio,  
Seu borralho, sua cinza,  
Seu ritmado tempo,  
Seu compasso.

## II

Amor,  
Seu rumo exato,  
Sua voragem.

Como um mergulho  
No poço, como um lento  
Desespero de extinguir-se  
E de voltar.

Um desespero lúcido  
Na margem (fímbria),  
Na fronteira do escuro.

Um olho manso boiando  
No infinito percurso  
Da viagem.

— de solidão a solidão  
mesma paisagem.

### III

Mesma tatuagem  
Na boca,  
Mesmo estigma.

(Nos olhos de afogado  
O mesmo espanto)

Mesmo pranto  
Na face,  
Mesmo círculo  
De sal  
Sugem escorrendo  
Da cintura,

Quando ao ritmo  
Das marés  
O barco estala  
E salta

E entre peixes ferozes  
E medusas  
Desenha Amor seu signo  
E o desfigura.

### IV

Assim o que um desfaz,  
O Outro acende,  
Num bordado de pontos  
Desiguais,

Tensão de bastidores  
Entre os dedos  
E os novelos,  
Caprichado tecer  
De invisível tear.

O risco que um debuxa  
O Outro apaga,  
Cicatriz que renasce  
De suas brasas

E o que se inventa  
É simples  
Como o nada.

*Salvador, 1971*

## Olho de vidro

Nasci com olho de sapo.  
Olho vidrado  
No espaço.

Olho de parafuso,  
Olho estilete  
Cravado no cansaço  
Da luta desigual.

Olho espiral.

Um olho de aspereza,  
Sem azulejos, vitrais,  
Um olho canibal  
A devorar-se a pele  
Até os ossos.

Por isso este rigor  
No procurado,  
Estas lunetas  
No exato.

Por isso este  
Inventário,  
Esta rudeza  
No fato.

Pupila de cristal,  
Lente feroz no assalto  
Do impreciso.

O paladar de vidro  
Transparente  
A mastigar o vinho  
Falso, aos dentes.

Olho de xisto,  
Perdido,  
Olho monstrengo  
A dissolver o visgo.

A íris de açafião,  
Mirada oblíqua  
No caos.

Carambola no salto,  
Olho de gude  
No pranto ritual.

A foto, o fato,  
O traço, o risco,  
Costura de punhal,  
Periscópio a girar  
Sobre o infinito.

(Conhecer é trair  
O que foi dito?)

Por isso existo  
E sei. Rigor de lente  
Este buscar de espinhos  
Sob a pele,

Este roçar de pálpebras  
Translúcidas,  
Augúrio no previsto  
Sangrar da córnea  
Intacta.

Olho grudado  
No aviso,  
Olho imantado,

A lucidez do faro,  
A pupila de esquadro.

Saltar além do salto  
E ver  
(Tatuagem no acaso)

Que o tempo  
É escritura de estilhaços  
E a paz é um passaro  
Sem asas.

*Salvador, 1976*

## Labirinto

Seguiremos juntos.

Pálpebra

contra

Pálpebra

Respiras em mim.

A noite é como um tigre.

Tilintar de guizos,

As ferraduras brilham

Como cristal

nas patas.

São centauros com asas

Os dedos

Nas espáduas.

Em silêncio volteio,

Desespero de agulhas

Nos pés,

Um xamã entre brasas.

Dilaceram-me as têmporas

Os tambores do nada.

Seguiremos juntos.

O sal dividido,

Pedra polida, esponja,

Nosso pranto, limalha.

E o mel dividido,

As abelhas negras,

A noite dividida

(Calabouço de espumas)

Como um bolo

em fatias.

\*\*\*

Onde navego é silêncio.

Sangue na veia,

Oceano,

O espírito dos mortos  
Construindo trincheiras.

Frente a frente  
Riscas na areia o limite,  
Há um pássaro entre nós  
Morto: o destino nas vísceras.

Decifro-te.  
A escritura dos lábios  
Como pólen nas unhas.

Pérgamo é onde viajo,  
Água lustral. No teto,  
Dois demônios pintados.

O grito das cacatuas  
É um sinal de perigo.  
Esquece-me se puderes.

Sombras brancas no abismo  
Desenham-me o teu signo.  
Seguiremos juntos,  
Divididos, constantes,

Não serei como sou.  
Me exorcizas. Sigo.

\*\*\*

Eu, Ariadne,  
Caminho no que teço,  
No que vomito  
Da náusea de fiar  
Os novelos exatos.

Caminho sobre a marca  
Dos pés.  
(Todo fim é princípio.)

Refaço o mesmo traço,  
Mesmo sujo grafito.

O tempo é circular  
Como os relógios.  
Pode o amor resistir  
Nesta espiral de vidro?

Esquece-me se puderes,  
Meu caminho é vertigem.

\*\*\*

Não abduco ao que vim.

Será suplício  
Este severo pisar,  
Este inventado rastro  
Sobre o abismo?

Sei da fera escondida,  
Sei de ossos  
Que adornam o precipício.

Meu caminho é  
Buscar,  
É meu destino  
De perdido animal.

Caminho sobre mim  
Meu desespero  
De ser vítima e algoz.

Meu silêncio é um  
Oco  
Onde se apagam passos,

E o que ressoa lá fora  
É meu tumulto.

\*\*\*

Navego no teu corpo.  
Me alimento  
Da saliva dos dias.

Gorgolejo de sangue  
Na garganta,  
O possível punhal,  
Mudo franzir de olhos  
Sobre o acaso.

Debruço-me  
Em janelas de argila,

Feroz goela de lobo — o tempo  
Trifauce.

Estalaram os espelhos.

Somar o que divide  
É meu cansaço,  
O desespero do mundo  
Como um rastro,  
O cachorro nos pés,  
Nos calcanhares.

\*\*\*

Seguiremos juntos,  
Duas caras de pedra,  
Duas gárgulas  
De olhos perfurantes  
Como aves.

Te adoro como um ídolo,  
Te atavio de ouro  
E menta.  
Adorno-te com lágrimas  
E danço sobre o fosso  
Do improvável remorso.

Há um ritmo de açoite  
Perdido nos altares,  
A lembrança das vítimas  
É um hálito de narcisos.

Te atravesso com a espada  
De meus gritos,  
Tua solidão é minha  
Como os mitos  
Com que teço esta rede,  
Armadilha de seda,  
Projeto para o sono  
Deste monstro que habita  
Os labirintos.

*Salvador, 1976*

## O risco na pele

### I

Guardo de mim  
Ferozmente o silêncio  
E o apascentar de cóleras  
Subterrâneas.

É da fêmea  
O abismo  
E as obscuras  
Forças da terra,

É da mulher  
A longa  
Gestação dos metais,

O parentesco da argila,  
O lento cozinhar  
De tijolos ao sol,

Este fuso, esta linha  
Enrolada no tempo,  
É da mulher o cerne  
Do que importa,

A lâmina nos pulsos  
E o sinal da derrota.

### II

Que pode a solidão  
Contra o mistério?

Procriamos sem cessar,  
Nós, hemisférios  
De fúria e calma.

A ciência do corpo  
Como um toque  
De profundíssimo olhar.

Consciência de ser  
Nos seus limites,

Quando a vida é tão forte  
Que destrói.

### III

É da fêmea  
A tristeza  
E a cinza na testa,  
  
Este grito plantado  
No fundo do peito  
E o rastro desfeito  
  
É o poço do espanto  
E o lodo subindo  
Na cal de seus medos.

É da fêmea o segredo  
Das chuvas, o sêmen  
E o sal das colheitas  
  
É o prato e a fome,  
Os postigos, o claustro,  
A armadilha, o disfarce  
  
E os silos, as chaves,  
O muro sem portas,  
O anzol no vazio,  
  
E as traves, a trava.

### IV

Recrio no escondido,  
Me abandono  
Aos parques vis recursos  
Do que sonho.  
  
Neste chão me revolvo,  
Desentranho  
Toda uma inútil alquimia,  
Cão sem sono  
A imaginar-se sempre  
Além do preço  
Vil que nos pagam  
(nos pagamos).

Refaço sem cessar  
Meus horizontes,  
Meu círculo, meu limite  
Ou o que suponho  
Ser meu sinal de sangue.

Sou meu dono.

V

Assim se cumpre  
O ciclo  
Dos previstos.

Traço na areia,  
Passo repetido  
De um caminho  
Sem pontes  
Para o abismo.

Refaço o mesmo círculo,  
Mesmo girar  
Em busca de infinito.

Recomeço de mim,  
De meus conflitos,  
Reponho os alfinetes  
Neste grito  
De cólera solto  
Como um risco  
Na pele,

Como um friso  
Que vai do olho  
À boca  
Num sorriso.

As tesouras na carne  
São só o precipício  
Do princípio e do fim  
Que não arrisco.

*Salvador, 1977*

## Os cinco sentidos

Cumprirei a herança  
Dos penates.

Cem olhos de não ver  
Sobre o impreciso  
Terror que me destrói,

Cem horizontes  
Fechados sobre o medo.

Que a terra há de comer  
Meus olhos cegos

E a boca  
De lábios transparentes  
Ao ácido sabor  
De meus segredos.

Perfumes que esqueci,  
Cheiro de terra  
E sangue,

Um sopro amargo  
E doce,  
Um rendilhado  
Gosto de beijo  
E sal.

Pés descalços  
No chão,  
Que rumo incerto  
De dança, de procura,  
No teu ritmo mais íntimo,  
Mais secreto.

Cumprirei a sentença  
Dos meus manes.

Águre e vítima,  
Decifro a tatuagem,  
Esta sutura  
Bordada sobre as  
Vértebras,

Esta costura no peito,  
Este signo escarlate,  
Rastro de antigos ritos.

Na simétrica paisagem  
Das estátuas,  
Das serpentes com plumas,  
Nascem pássaros  
De olhos triangulares  
Como mapas.

Coroar-me de cinzas?

Todo espaço de ver  
São só pedaços,  
Hemisférios partidos.

Coroar-me de cinzas?  
De estilhaços?

Por detrás do silêncio  
Arrisca-se um compasso,  
Um crepitar de fogos,  
Um ritmo selvagem  
De latidos e flautas

E, no escuro da noite,  
Os atabaques  
Selvagemente repetem  
Meus combates.

*Salvador, 1977*

## Medusa

Há tambores na carne.  
No entanto,  
Defrontam-se em mim  
A vontade e o silêncio.

Há signos de evasão  
E ruínas egípcias  
E no fundo da memória  
Um cão chamado Cíclope.

Fontes ávidas do sangue,  
Indistinta cabala,  
Ifá devora os búzios.

Na espessura da treva,  
Meus achados  
São dentes de leopardo  
No pescoço.

Circulamos na arena,  
Olho no olho  
Pés no riscado  
Salto.

São teus olhos espelhos  
Estilhaços de  
Não  
Ver?  
Pedaços?

Dente por dente  
Recuso teus arautos,  
Górgona de ruivos pêlos,  
No entanto, viajo  
No silvo de teus répteis,

No entanto, procuro  
E te guardo os espelhos.  
Quero-te viva e não pedra,  
Inquieta e mortífera  
Na moldura das portas.

Teus venenos? Tua coma?  
Teus cabelos?

Não me perguntes jamais  
Porque te espreito  
Se não há entre nós  
Nenhuma espada.

Só o tempo dirá  
(os fados, o acaso)  
Se te afronto e te mato

Ou me abismo em teus olhos,  
Me resgato  
Em silêncio e solidão e jaspe,  
Estátua de pedra,  
Inútil,  
Nos teus braços.

*Salvador, 1977*



As purificações ou  
O sinal de talião





## Explicação (quase) desnecessária

Este livro é filho da Necessidade. Escrevê-lo foi construir no silêncio uma parábola sem limite. Persegui este projeto a princípio nebuloso, com a Tenacidade e a Dúvida ao meu encalço. A ele retornei, várias vezes, para abandoná-lo em seguida e, finalmente, lançá-lo ao mar da própria sorte, manuscrito encerrado numa garrafa.

A idéia primeira era fazer um poema a partir daquilo que reconheço, em mim, como uma herança de séculos, resíduo de experiências vividas por remotas ancestralidades.

Começava a perceber que cada indivíduo é o repositório de vivências antiquíssimas e, ao mesmo tempo, um espelho a refletir o futuro. Esta suspeita era menos fruto de um conhecimento que reflexo de uma intuição. De minha parte, sempre imaginei carregar uma culpa além dos meus propósitos.

Mas se, como pessoa, eu podia me contentar com os limites do sofrimento e os casos da biografia, como poeta alguma coisa extrapolava de minha própria condição. Alguma coisa muito especial que ditava uma norma, definia uma função: situar o poeta na faixa intermediária entre a Razão e o Mito, no circuito imaginário de uma história que se repete a partir do embrião, na água primordial onde tudo é gerado.

Recordar para conhecer e, ao conhecer, salvar-se. Regressar no tempo através da Poesia, que é conhecimento, mas é, também, purificação e ascese, pois “talvez o regressar nos devolva o previsto, o vácuo inicial, a grande mãe, o abismo”.

Ao desvendar de sua própria saga, o Poeta sente que entre os dedos a tessitura se esgarça e, através do véu que recobre sua origem, ele enxerga, vidente cego, uma realidade maior que o identifica e confunde com o primeiro sopro de vida, o separar das águas.

Não é à toa que, na sabedoria exatíssima dos mitos, Homero e Tirésias — aedo e adivinho — pagaram com os olhos o privilégio da vidência. É que a Poesia, como a Verdade, habita espaços mais profundos, e os olhos humanos são inúteis para ver o invisível.

Este livro é um roteiro de viagem. Peregrinação em busca de uma herança comum “que nos divide e soma”. Um navegar nos rios do próprio sangue à procura de uma decifração, de um rastro, do olho torto da Esfinge.

Mnemósine preside o encantamento, e nem é preciso lembrar que a função poética era, a princípio, fundamentalmente memória. Ao poeta cabe o ofício do *mnemon* — lembrar aos homens que o esquecimento da própria história pode levar à morte.

Este livro é um roteiro, mas é também um mapa. Roteiro de uma absurda “viagem do nada ao não sei onde”. Diário de bordo perdido num naufrágio, mapa do tesouro de uma ilha sem tesouro, onde cada conquista é apenas fracasso, e cada novo passo um novo princípio.

E se, viajante sem porto, assim mesmo prossigo (prosseguimos), é por saber que esta tragédia que encenamos — canto aos bodes de ouro do imprevisto — é nossa, nos pertence. E para lá dos espelhos ambíguos do destino e desta trágica “herança de bem e mal, que nos divide e soma, somos mais do que os deuses porque somos”.

# O talhe das pedras

*Não se trata de uma pessoa apreender-se a si mesma  
em seu passado particular,  
de se encontrar na continuidade de uma vida interior  
que a diferencia de todas as outras criaturas;  
trata-se de situar-se no quadro de uma ordem geral,  
de restabelecer sobre todos os planos  
a continuidade entre si mesma e o mundo,  
ligando sistematicamente a vida presente ao conjunto dos tempos,  
a existência humana à natureza inteira,  
o destino do indivíduo à totalidade do ser, a parte ao todo.*

Jean-Pierre Vernant

*[...] porque, com efeito, fui homem, mulher, planta  
e mudo peixe que salta fora d'água.*

Empédocles



## As purificações

Como um polvo éramos. Éramos. E agora espero a morte. A poeira da morte que nenhum filtro, nenhum capacete de aço, nenhum fio de pensamento ligeiro, nenhum nó de laçada, nada, conseguirá jamais retardar. Nós éramos como polvos, os múltiplos tentáculos, as ventosas fixadas nos minutos, no cerne dos momentos escorregadios, nós éramos...

.....

Agachados no escuro. Úmida sensação de começo, de esperma. É incrível, mas sinto. Há um grunhido especial para cada coisa nomeada. Os ponteiros retalham-me o rosto como sabres. O tempo fragmentou-se. Penduro minhas armas.

.....

A poeira da morte. Um clarão. O princípio? A memória é oceano. Um rio-oceano circular e infinito. E meu sangue é memória regressando no caos, reinventando a si mesma em cada sujo enigma, uma esfinge sem cabeça e sem resposta alguma.

## Vórtice I

Uma espiral descendente,  
Redemoinho ou  
Voragem.

Agora desço ao limite,  
Resvalo ao fundo  
do poço.

Brânquias, guelras,  
(Celacanto?)  
Mar de memórias,  
Me encontro  
No centro do precipício.

Regresso ao mofo do limbo.  
Mapa de assombro,  
Prefácio,  
No livro escuro onde traço

Um caminho circunflexo,  
Unindo as pontas  
Do laço.

## Vórtice II

Tateamos no escuro.

Bestas

deuses

homens.

O universo nos dedos,

As obscuras

Linhas do destino

Em cada palma.

Redemoinho feroz,

Ferozmente descemos

Ao fundo de nós mesmos.

Um molusco na concha.

Um sáurio

À procura de espaço.

O nó dos intestinos

Como laço.

## Rotação

A terra de ninguém é um útero de vidro.

Talvez o regressar nos devolva o previsto, o vácuo inicial, a Grande Mãe, o abismo. Um caminho às avessas, dos sapos aos girinos, ao escuro ventre vazio, primordial e infinito.

Somos todos destroços. Salvados de antigos crimes.

## Teogonia

No princípio era o Chaos.  
Riso enorme na boca  
(só gengivas)  
Babando astros confusos,  
Emprenhando-se,  
Girândola a girar, facas no açoite.

Degolados os nexos  
                  e os sexos,  
Devorados os filhos,  
A Beleza  
Pariu-se, fria e azul,  
Entre esponjas-espuma.

Coágulos para a sede,  
Sal nos olhos,  
Foi de barro e saliva  
Feito o homem.

— Ah, este selo na carne,  
Este alfinete  
Como abutre no fígado.

Foi de cuspe e de lama  
Fabricado,  
Manipanso no espelho,  
Imagem e desconcerto,

Um parafuso solto  
Nos avessos  
Da cabeça de Deus.

## Atavismo

A podridão das margens  
Se adivinha.  
Mas as guelras sufocam,  
E eu me arrasto.

Um réptil como os outros,  
Risco um traço,  
Me transformo em batráquio,  
Me refaço.

Um sujo animal na escala  
Para o alto.

BRÂNQUIAS GUELRAS PATAS MAMAS  
HOJE SOMOS O QUE SOMA  
PATAS PÊLO DENTES COMA  
PÁSSARO PUMA PANDORA

FARFALHAM ASAS DE ABUTRE  
VEM A NOITE ME DEVORA.

## Metamorfose

De que pata piscosa  
Me acrescento,  
Antigo sono nascido  
Para o sonho?

De que amor monstruoso  
Me distraio?  
(Antes nascer sem patas para o mundo)

Equilíbrio de sáurio,  
Passo a passo  
Rolamos nebulosas (ontem anfíbios)  
E nos sonhamos compondo carapaças,  
Nostálgico regresso.

E no princípio era o Chaos (não esquecer).

## Arqueologia

Na sala dos museus,  
Os cérebros colados  
E entre órbitas vazias  
A etiqueta e um número.

A ficha, o dossiê,  
A teoria, a hipótese.

Três molares pescados  
No entulho das grutas.

Digital no silêncio,  
Fóssil  
Entre lascas de sílex.

No entanto, a fogueira  
Era apenas o encontro,

E entre oferenda e banquete  
Devoramos os deuses  
E distribuímos as tendas,

Os filhos de Caim, a negra  
Estirpe de lobos  
Sem perdão.

## Sabat I

É preciso procurar, sem dúvida. E reunir os grafitos. Às margens do Grande Rio, erguemos os pilares e a pirâmide dos mortos. E, quando o fumo branco ascendeu, as narinas fremiram. Dançamos à volta toda a noite. E, pela manhã, partimos.

Dançamos à volta toda a noite. A voz rouca no escuro era a voz do destino. Um rodopio, a garra, um uivo espiralado. No sangue enlouquecido, a fome das leoas.

Havia uma chibata em cada grito de pantera.

## Bestiário

Na goela do feroz  
Dourado tigre,  
Eu sobre mim  
E a força  
Do princípio.

A coleira de ferro  
Sobre o peito liso  
Deslizo coleante.

Sou minha fera.

A mão prudente na alça  
Do gasnete,  
Farejo no meu rastro,  
Eu caçador/caçado.

Revolvo as armadilhas  
Arapucas mundéus as g  
aiolas os laços a cor  
rente na trilha a rat  
oeira a rede a isca o  
alçapão a coleira as  
algemas o hábito o ca  
nsaço a solidão o med  
o (ASSIM RESOLVO EM A  
STÚCIA MEU SEGREDO).

## Litúrgico

A porta sobre o acaso,  
A parede das furnas.  
Textura de pedra  
Onde inscrever o mito.

Mastigar lentamente  
Até somar um ritmo  
Frenético  
De buzinas bisontes.

Entrechocar de tíbias  
Em redor de tambores  
De terra.

E tingir de sangue a lua  
No altar dos sacrifícios.

## Altamira

E descemos cordilheiras  
Como surdos  
Rebanhos de tropelas.

Ontem fui eu,  
Foi meu o signo  
Inscrito,  
A mensagem na pedra.

Mas hoje é Ele  
Quem risca no escuro  
O sinal da caçada,

E de sua mão sangrenta  
É que explode em oligisto  
No fino risco exato  
O tropel dos bisontes.

## Imaginária

Entre fezes vômitos entre silêncios desesperados  
sangrando entre sílabas impossíveis corroendo a  
garganta entre o visto e o nomeado construímos  
o mundo

na pedra polida  
na pedra lascada  
no sílex  
no ventre  
da deusa

calipígia ternura  
de uma pedra com nádegas.



# O vaso ritual



## Os argonautas

É difícil partir,  
Dois oceanos  
Nos dividem ao meio.

Um é Descrença  
O outro Desespero,

E em cada despedida  
Um velho grita.

Um rei morreu menino.  
Seu fantasma  
Anda a vagar  
Nas capitais do medo.

É difícil partir,  
É tão difícil  
Desatreлар do cais  
Este navio  
Que se chama Conflito.

No entanto, esta tarde é  
Como um barco  
Onde me ausento  
De mim, de meus cansados  
Molhes de pedra.

A angústia é meu timão,  
Meu astrolábio  
Nesta inquieta jornada.

Razões de navegar,  
Cartografia  
Que recomeça ao estímulo  
Da pauta.

Ó minha Cólchida,  
Sonhada e nunca vista,  
Entrevista sequer,  
Nunca encontrada.

Há um velocino dormindo  
No meu peito,

Na lembrança das coisas  
Que não fui.

É preciso partir.  
No entanto, a roda  
Da vida nos limita.

E nos quedamos, Fiandeiras  
Sinistras destas cinzas  
De um sacrifício inútil  
Como os deuses.

Há os que partem  
E os que tecem.  
Na urdidura das sombras,  
É Penélope  
Mais astuta que Ulisses?

Quem dirá na surdina  
Do heroísmo dos pontos,  
O selvagem pontear  
Das agulhas na carne?

É difícil partir.  
Os argonautas  
São filhos do Destino.

Em seu caminho,  
Há um signo feroz,  
Impulso para o ato.

No entanto, os que ficam,  
Como barcos,  
Ancorados em si,  
No seu cansaço,

São aves paralíticas,  
São pedaços  
Apagados no mapa,

São pontos de um bordado  
Que não cresce  
Que se renova apenas  
Do que tece  
e destrói

Nos dedos que noturnos  
Desençam  
O fio das meadas.

E nos quedamos, Fiandeiras  
Soturnas, nesta praça  
Onde plantadas estamos  
Como mastros

De um navio que nunca partirá.

## Iniciação

Eis que agora penetro no mais profundo do labirinto. Na úmida caverna onde deslizo, apagaram-se as sombras. As tochas iluminam fracamente os vultos agachados. Um uivo soluço, um cântico esmerilha as paredes. Sinto braços peludos que se fecham (POR NOVE ANOS BUSCAREI) e empurram-me para a pedra do banquete. Sobre a língua que endurece, a carne é doce e amarga e pressinto o degredo. Por nove anos ainda hei de buscar.

Que me deste Lycaios?  
Além do grito, da dor  
E desta máscara,  
Que trago como um torpe diadema  
A relembrar os ritos mais selvagens?

## Roteiro

Decifrarei o mundo  
Nestes gritos.

Sombra de luz, meu obscuro  
Retorno. Viagem do nada  
Ao não sei onde.

Absurdo Aqueronte  
Onde um peixe navega

E este peixe é meu sonho.

## Ícone

As imagens de Deus com seus  
Tesouros, seu bezerro  
De ouro, seus talentos  
De prestidigitador.

Babilônia, Babilônia,  
Aqui meu grito,  
Eras a única coisa real  
E destruíram-te.

.....

Todos os deuses são hóspedes do sonho.

# Mapa

Viajante do caos,  
(Aeronauta?)  
Onde encontrar o nó dos pesadelos?  
O nóculo, a espiral  
Onde nascem os ciclones?

O tempo é a substância única  
Em que navego.  
Bússola solta ao acaso,  
Aeronave,

Geografia inventada, precipício  
De símbolos, de sargaços.

Há um Adamastor plantado  
Em cada traço  
Deste sujo papel,  
Deste papiro ingrato

Que se enrola e me esconde  
A outra face.

## Arúspice

Vivo  
À margem esquerda  
Do Eufrates.

Meu horizonte é um  
Círculo de frio.

O destino dos homens  
Jaz num pássaro cego.  
Adivinho na areia  
Os sinais do dilúvio.

Buscar tenho buscado  
Em toda parte,  
Mas a verdade é como um rio  
Que se nega.

Decifrador de estrelas,  
Meu suplício  
É este segredo nas tripas  
Repetido:

O inferno não foi feito  
Para os túbios.

## Memória

No palácio de Cnossos, numa ânfora quebrada, gravei teu nome. As colunatas vermelhas fremiam ao sol da tarde, e touros jovens laceravam a carne dos efebos. No palácio de Cnossos, uma meada de seda perdeu-se no tumulto, quando as dançarinas aladas eternizaram-se nas paredes, como borboletas trespassadas. E, na grande sala dos machados duplos, inventou-se o elo perdido entre o Sim e o Nada.

## Sinete

Um túmulo circular  
E as leas na porta.

Este  o sinal de sangue,  
 este o selo  
Que me imprimiram na espádua.

Rastreador de touros,  
Sacerdote  
Da Senhora dos Bichos,

Decifrei o silabário dos profetas.

*Não se distinguem as surdas  
das sonoras,  
As duas líquidas confundem-se.  
 incontvel a quantidade  
das vogais.*

E, no centro das estelas,  
Gravei uma espiral  
Relembrando meus mortos.

* urgente e necessário  
Reunir os grafitos.*

## Desalento

Pelo girar das estrelas,  
Pelos  
Astrolábios que crescem  
No jardim,

Pelas agulhas cruéis,  
Rodopiantes,  
Sei que não há norte  
Nem princípio.

Este navio existe,  
Mas o porto  
É uma pedra no fundo  
Do impossível.

Velas turvas do acaso,  
Que intranquilo  
É este mar que devoro  
E não tem fim.

## Linhagem

O passado é um rio  
Onde naufraga  
A barca escura  
Dos homens.

Tenho a chave do tempo  
E os pilares da ponte,  
Sou meu guia.

Anfiarau e Tirésias,  
Me adivinho  
E entre sombras caminho.

Guardo a memória  
Do mundo  
E amadureço,

Intemporal e eterna  
No que teço.

## Astrologia

O cego viajante,  
O impoluto  
Destruidor de signos  
E astrolábios,  
Amanheceu-me nas veias.  
Delirante.

Sou meu oráculo  
E decifro-me, esfinge  
De respostas inventadas.  
Desiguais.

Este horóscopo eu conheço.  
É meu o signo inquieto,  
O maligno  
Devorador da própria carne.

Sou meu súcubo.

## Anátema

Esta legenda é minha.  
É meu este grito  
E o sangue  
A espirrar no punhal.

Sou eu quem devora  
Os próprios filhos  
Sob a luz complacente  
Dos espelhos.

É meu o sono  
E o pesadelo dos mortos,  
A última carta na mão  
Do suicida.

E este trágico destino  
E esta herança  
De bem e mal  
Que nos divide e soma.

Somos mais do que os deuses  
Porque somos.

# O sinal de talião



## Guerrilha

Naquela noite no pântano, deitados lado a lado, tua face lacerada e meus dedos devorados por granadas. Naquela noite de lua calma e borbulhar envolvente de minúsculas, mínimas vidas, o pressentir de sanguessugas ávidas na carne, compreendemos. Nosso destino era aquele suave dom calado de matar-se e matar. O inimigo estava ali, bem perto, no que restou da floresta incendiada, o brilho anônimo de seus olhos no escuro, o inimigo estava em nós, do nosso lado, e a fome era um sapato apertado demais para descalçar-se.

Quando o vulto surgiu, reuni o que restava de forças e dedos e gatilho. O que ouvimos foi só um estampido e um baque. E então finalmente dormimos. Profundamente. Apaziguados.

## Metáfora

Quando cheguei,  
A solidão  
Era uma porta.

Havia uma cruz marcada  
E um círculo na fachada.

Quando cheguei,  
Era um muro,  
Com seus sinais  
Apagados,

Bandeiras rotas tremiam  
Penduradas nas sacadas,

Um fragmento de filme,  
Um pedaço de jornal  
E a fogueira dos bruxos  
Alteando-se na praça,

Um surdo rumor de pedras  
Reviradas  
E sal para os lábios secos  
E a cutilada do lado.

Mais:  
Um palácio de ossos  
Para o rei  
E seus vassalos.

## Simetria

Todo ato é uma pedra  
Que se lança.

Todo ato é o pêndulo,  
Relógio do que compramos.

Todo ato é o homem  
Que o constrói,

Nunca ilusão  
Mas começo  
Do instante que fabricamos.

O que se faz é o limite  
Do salto que projetamos.

A mão que escreve ao muro  
Se dissolve no infinito,

Mas fica a marca, o grafito.

## Retórica

Quem dirá o que é o mal  
E o que é o bem  
Se todas as coisas se tocam  
E se devoram  
— Alfa Omega —  
E no final  
É a mesma terra suja  
De ninguém?

## Sabat II

É preciso resistir, sem dúvida. E entender os grafitos. No centro da praça erguia-se o obelisco e a lembrança dos mortos. Havia no ar a esperança de um grito. Mas cantávamos apenas e chorávamos em surdina. Pela manhã, partimos.

*Bebemos toda a noite. No escuro da sala os copos tiniam. Um cheiro de sangue e suor corroía as narinas. A voz rouca do negro era a voz do destino. Um rodopio, a garra, um uivo espiralado. No sax enlouquecido, a fome das leas.*

*Havia uma chibatada em cada solo de trompete.*

## Ritual

Quando o ídolo morreu,  
Inventou-se o silêncio,  
E em todos os vídeos  
Correu  
Um filete de sangue.

Quando o ídolo morreu,  
As guitarras murcharam,  
E jovens na discoteca  
Arrancaram os cabelos  
E dançaram

Até cair, vencidos  
De cansaço.

## Trajetória

Eu,  
Que decepei a cabeça  
De Holofernes

E apascentava os leões  
Com vinhos de Marsala.

Eu,  
Que dormi com Pizarro  
Numa tenda encarnada,  
Sacerdotisa do jaguar  
E da serpente emplumada.

Eu,  
Maria, a Sanguinária,  
Isabel, a Católica,

Rainha destronada,  
Inocente e assassina.

Hoje masco chicletes  
Perfumados a menta,

Estrela absoluta  
Dos filmes de pornô.

## Minopauta

Não te mires no espelho  
Côncavo das virtudes.

Esquece o labirinto.

Não cogites,  
Devora.

# Terror

Esta é a lei  
Que me deram,  
Lei de cão,

Dente por  
Dente,  
Sinal de talião.

Me botaram na praça  
Nu,  
E pássaros  
Vinhão bicar-me  
O ventre,

E arrancaram-me as unhas  
E os segredos,  
E vieram outros pássaros  
Rapaces  
E me roeram os dedos.

Hoje o ódio é o melhor  
Que me consentem.

Vou explodir um mapa  
Cheio de gente.

## Inquisição

Costuraram sua boca  
Com alfinetes,

E ele dizia que NÃO,  
E perguntavam.

E cortaram seus dedos  
E o lançaram  
Bem no fundo do poço.

E ele dizia que não, que não, que não.

E seus cabelos cresciam como chamas.

## Cabala

Talvez para mim  
Baste a sorte,  
Bastem dados de jogar,

Baste o corte do baralho  
Na figura do enforcado.

Talvez para mim  
Baste a seda da meada,  
As três sentadas na sala  
Em volta da mesma roca.

A vida é uma coisa torta  
Escrita com linhas certas,

A mesma linha secreta  
Que adivinho em minha palma.

## Penélope

Hoje desfiz o último ponto,  
A trama do bordado.

No palácio deserto, ladra  
O cão.

Um sibilo de flechas  
Devolve-me o passado.

Com os olhos da memória  
Vejo o arco  
Que se encurva,  
A força que o distende.

Reconheço no silêncio  
A paz que me faltava.  
(No mármore da entrada  
Agonizam os pretendentes.)

O ciclo está completo,  
A espera acabada.

Quando Ulisses chegar,  
A sopa estará fria.

## Motim

Estou morto,  
Mas não me entrego.  
Estou mutilado,  
Mas nego  
Até o fim meu destino  
De pássaro cego.

Estou perdido,  
Mas aperto  
Ao peito este mapa  
Incerto  
Com seus rumos desconexos.

Estou mudo,  
Mas não sossego  
Este grito que carrego,  
Como lâmina nos dentes.

Estou cercado, mas resisto.

## Geografia

Este é o absurdo  
País do meu tormento,  
De fronteiras levantadas  
Contra o vento  
E caminhos que  
Levam  
A Nunca Mais.

Este é o espaço  
Perdido para o uso,  
Risco inconcluso  
No ar.

O mais é grito  
De gaivota no mar,  
Seu limite imperfeito,

O mais é o seguro  
Estar dentro do muro.

## Rotina

A bofetada nos dentes  
A risada na boca  
O sangue que se engole  
O vinho que se amarga.

A loucura dos mansos  
O invisível  
Ódio bordado  
A flores na camisa.

A servidão dos dias  
Habitados em círculo.

## Banquete

O vinho  
Que eu bebo  
É o preço  
De um homem.

O prato que eu como,  
Sem fome,  
É o salário  
Da fome  
De um homem.

Mas

O sonho que eu travo  
Com fúria nos dentes  
É somente a metade  
Do sonho  
De um homem.

## Albergália

Albergália é um pássaro  
De açoite,  
Asa negra no vento. Corvo  
Em minha noite, onde  
Nunca mais é jamais.

Albergália é o vôo  
Inconcluso,  
Riso ocluso na boca  
É só metade,  
A outra parte perdeu-se  
No tumulto.

A outra parte  
É a parte do mistério  
Que habita cada corpo  
E que o consome.

Albergália é este ardor  
Que me devora.  
É a chaga do lado,  
O bico nas entranhas.  
(A lembrança do fogo  
é somente o princípio.)

Albergália é este grito  
Com asas,  
É este aflito  
Ruflar de sombra alada  
No meu rosto,  
Êxtase em que me entrego:  
Precipício.

## Espelhos

O Rio do Esquecimento  
É um Rio de Morte. *Conhecimento é a água  
Deste rio.*

Na solidão navego,  
Neste ritmo  
De remos que se afundam *Navego no precário,  
Na fronteira No infinito*  
Exata de água e sonhos. *Caminbo do preciso.*

Assim *Meu limite*  
Regresso à origem, *É o espaço*  
Ao meu limite, *Onde me agito.*

À Mãe dos Animais, *Um eixo de metal,*  
À Grande Besta, *Um velocípede*  
Procriando no escuro. *Dando voltas ao muro.*

Outra força me cria, *Me sustento da fúria*  
Outro ideário. *Do que invento.*

Há um animal bifronte *Há um animal cortado*  
Nesta jaula *Neste espelho*  
Que se chama Destino, *Que se chama Possível,*

Uma face é silêncio, *Uma língua destrói,*  
Outra é conflito. *Outra edifica.*

E a ave que recolhe *Recolho meus despojos,*  
Meus despojos *Meus pedaços,*  
Devora-se infinita *E me devoro inteira*  
Enquanto cinza. *No que sinto.*

## O sétimo selo

A passagem para o nada é o princípio do abismo. Assim mesmo prossigo. Sugada para um centro obscuro e vazio. Absurda espiral onde bóiam detritos. Nenhum passo para trás. Só o infinito caminho no infinito. Onde o que somos será, mais denso e mais aflito. Bainha do punhal, avesso dos espelhos. Misteriosos portais franqueados ao mito.

.....

A morte com seus selos, a trombeta, os limites. Meu esqueleto branco no deserto é pasto de chacais. Graciosas hienas gargalham meu suplício, meu esquálido filho, meu sudário, minha fome. Meu corpo lacerado, minhas granadas, meus rifles; meu infame sacrifício — meu algoz, minha vítima.

.....

Estilhaços na carne. Um clarão. Precipício. A memória talvez nos devolva o previsto. As espadas do anjo, o cordeiro, o galope. A contagem do tempo, o tempo regressivo. O último olhar, o último grito, a última visão da Besta. O silvar das ogivas. A memória é oceano implacável, infinito. E eu navego no caos reinventando o Enigma. Esfinge sem cabeça, sem resposta e sem crime.



# A anunciação do silêncio



# Parábola

Composição em quatro movimentos

## 1º Movimento - Dos pássaros

Povoar o silêncio.  
Meu tormento  
É este saber-se  
Pronto para o salto,  
  
É este saber-se exato  
Para o grito,  
As palavras no ar  
Como pedradas.  
  
Saber do gesto o risco,  
O vôo oblíquo  
De asas sobre o nada.  
  
Formosura veloz,  
Fúria leve de espadas,  
Aves desceram do céu  
Com suas garras  
E devoraram a messe  
Que eu plantava.

## 2º Movimento - Das pedras

Entre o cristal e a pedra,  
Entre a surda  
Cintilação do quartzo,  
Entre o basalto  
E a íris do que cego  
Adivinha, do que surdo  
Caminha entre os novelos  
Do som.  
  
Entre as areias caldas  
O tegumento, raiz  
Que já não medra.  
  
Verbo inerme na boca.  
Nos ouvidos,  
A Palavra secou,  
Silêncio antes do grito.

### 3º Movimento - dos Espinhos

Vingar entre abrolhos,  
Devorar-se  
Em solecismo e mordança.

Virar pelo avesso  
A morte, porque a vida  
Resolve-se putrefata.

Crescer entre arames,  
Entre farpas,  
Entre agulhas, travando-se  
A batalha  
Da língua no palato,

Entre a miragem do grão  
Que se dilata  
Sufocado entre sarças.

### 4º Movimento - das Searas

O verbo se fez arma  
se fez corte  
Navalha.

O verbo se fez bala  
se fez  
Veneno em minha boca  
se fez

Parábola e semente.

O grito fez-se alarme  
fez-se terra  
Semeada.

Medrou o silêncio  
Em algazarra,  
E a verdade cresceu  
Como planta no estio  
Como messe sagrada.

Semeadura de cantos,  
Meu poema  
Ressurgirá das cinzas  
Destas brasas.

Quem tem ouvidos ouça  
Que a palavra  
Soará entre os frutos  
Da seara.

## Antielegia para John Lennon

### I

Ó suave naufrágio,  
Ó esse doce  
Amor dos outros em nós  
Crucificado.

O sonho acabou,  
E o que nos resta  
É o avesso do espelho,  
A fala assassinada,

A sombra do vazio  
De outra sombra  
Na ribalta apagada.

### II

Inventar o silêncio?  
Em nós o sol acaba  
E há mil dezembros  
Nesse insepulto ano  
Sem idade,

No entanto,  
O que já finda  
Não se exaure.

Há de ficar o gesto,  
As cordas da guitarra  
Com que viraste o mundo  
Pelo avesso.

Há de ficar apenas o começo.

### III

Não há de ser mais nada.  
Apenas música,  
Canção que enlaça o mundo  
E que se cala.

Apenas lance  
De um dado sem arestas,  
Apagado,  
Que um jogador vendado  
Joga e falha.

#### IV

Por que falar do Amor,  
Este inquieto suplício,  
Mão que tateia a ausência  
De outra face?

Por que dizer Agora,  
Se o espaço  
Que nos separa é maior  
Que todo espaço  
Do vazio do mundo,

É só pedaço  
De um destino cortado  
A faca e sabre?

#### V

Pode o mundo renascer  
Do canto, do embate  
De som e som?

Pode o acorde exato  
Alcançar o motivo,  
O instante de abrir  
A porta ao Nada?

Pode salvar o canto  
O que impossível  
Se faz salvar,  
A perda batalha?

## VI

Uma faca, um punhal,  
Uma bala assassina,

E aqui está teu nome  
Inscrito neste traço  
De borboleta azul,  
Neste fino traçado  
De caracóis exaustos.

E aqui está teu gesto  
Perdido neste leve  
Bater de pálpebra,  
Lágrima que de repente  
Suavemente desce.

## VII

Assim  
O Desejado não se alcança  
Sem amor,

Que Amor devora a morte  
Na constância  
Dos sonhos habitados,  
Das lembranças.

O que se foi apenas  
Deixou rastro,  
Uma pegada suave  
Numa trilha  
Palmilhada por aves.

O que se foi  
Deixou um rosto nas esquinas  
Do tempo,

Voz que cantou  
O exato mote,  
O fantástico estribilho

De uma canção maior  
Do que sonhava.

## VIII

Nesta bola de vidro  
Espreito tua face,

Teus olhos  
De oceano esvaído,  
Teu cansaço  
De explicar o obscuro.

Teu rútilo alfabeto,  
Tuas claves, teu canto.  
Teu unicórnio branco.

A nós restou apenas  
O compasso  
Do descompasso de um mundo  
— Alegre? falso? —  
Que inventaste na pauta  
E que hoje cala.

## IX

Assim a ausência deixou  
Um espaço claro,  
Mais que perfeito  
E raro.

Compasso absoluto  
De um compasso  
Mais alto,

Onde a morte compôs  
Seu próprio traço,  
Notas soltas na pauta,

Melodia na flauta  
Que um soprador oculto  
Assopra e despedaça.

## X

Os poetas têm barcos  
De papel,  
Esquadras de cristal

Para cumprir o exato  
Périplo dos naufrágios.

Ó inútil viagem,  
Aqui se acaba o cais,  
E o canto das sereias  
Cessou seu malefício.

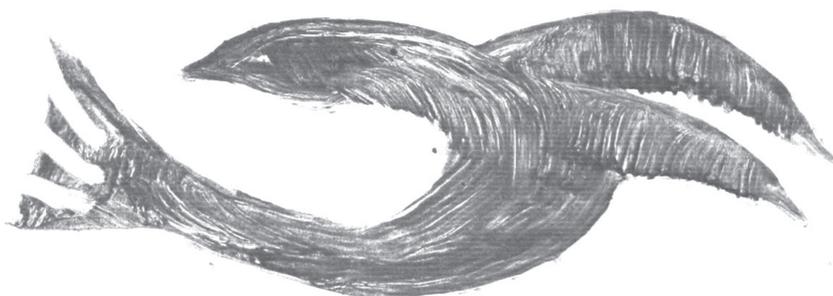
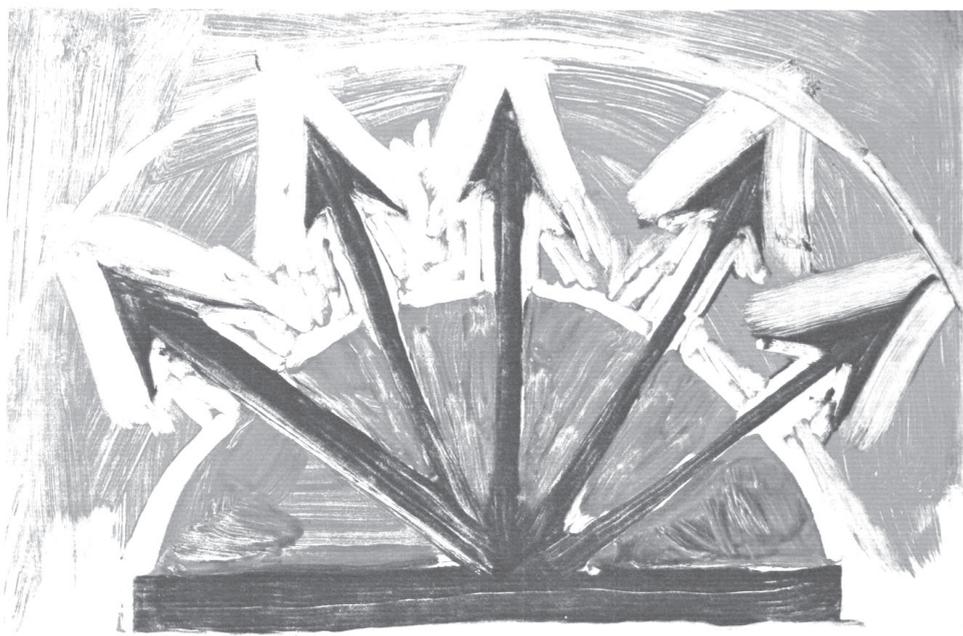
Aqui se acaba o sonho  
Da paisagem  
De uma ilha secreta  
Que buscavas.

Aqui se acaba tudo que se acaba.

*Salvador, 1981*



# A lenda do pássaro que roubou o fogo





— *Iure re petemui iché*  
Coaracy Uirá\*

*O fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal.*  
*Vive no nosso coração. Vive no céu.*  
*Sobe das profundezas da substância e oferece-se como o amor.*  
Gaston Bachelard

*A cor geral do pássaro, do tamanho de pombo,*  
*é verde-amarelo escuro com manchas amarelo-ferruginosas,*  
*o bico bruno com a ponta vermelha cor de cinábrio.*  
*Segundo a lenda, o bico ficou vermelho*  
*pelo sinal que lhe ficou de sua ida ao Sol,*  
*de onde trouxe o fogo para a Terra.*  
E. de Stradelli

Uma das muitas variantes do mito indígena da descoberta do fogo conta que um jovem guerreiro foi transformado em pássaro para ir ao céu roubar as chamas do palácio do Sol.

Ao retornar vitorioso, porém, em meio às festas e celebrações pelo seu feito, desfazendo-se o encantamento, verificou, cheio de mágoa, que o tição de fogo que trouxera no bico havia-lhe calcinado a face, tornando-a uma máscara disforme, à cuja vista todos fugiam. Inconsolável, pediu ao pajé que novamente o encantasse. Compadecido, o feiticeiro fez-lhe a vontade, transformando-o no pássaro chamado Japu ou Japuaçu, com plumagem verde-amarelo-alaranjada, que lembra a cor das labaredas, e um bico cinzento com a extremidade vermelha, recordação de sua viagem ao palácio do Sol, de onde trouxe o fogo para os homens que o desconheciam.

---

\* — *Pássaro do sol, vem me ajudar.* Tradução de J. Barbosa Rodrigues in *Poranduba Amazonense.*



Noite



## No princípio era a noite

No princípio era o escuro vazio do sem nome. E só o medo campeava no silêncio da treva. No princípio era o bafo, o hálito da morte, quando o dia fechava sua pálpebra e o sangue do Sol escorria dos montes.

No princípio era a noite. O fundo hospício. A face cabeluda do ignoto, do que sentado ao pé de mim fia os meus sonhos e com a curva da unha tece a malha, rede para um aflito coração, peregrino doente.

No princípio era o fosso, a muralha do escuro. Apavorada espera do sem nome. Até que o pensamento exausto, como um animal caçado, se escondesse na funda gruta do sono, e a tristeza amortilhasse a terra com a neblina de seu hálito de sombra.

## Neste escuro país

Neste país da noite,  
Meu tormento  
Como um cavalo em chamas,  
Como um potro  
Lacerado de espinhos.

Neste país do escuro,  
Nesta pátria  
De fúrias rodilhadas,  
Meu silêncio  
Como o beijo dos mortos,  
Como o frio  
Roçar do lábio ausente.

Neste incerto pedaço,  
Onde tudo  
Se faz possível,  
O sortilégio  
Tece sombras no escuro.

Morcegos degolados  
Contra um muro  
De frio e vento e medo  
E danação.

## O nascimento do dia

O tempo está maduro. A luz aflita rompe os muros do céu, os chumbos do oriente.

Sentinela do dia, um rumor de pássaros me anuncia a chegada.

O Sol, como um navio esperado, distende as suas velas, mensageiro luminoso de deuses tutelares.

Eu canto a luz, a chama dos altares, o hálito das manhãs coroadas de trigo.

Eu canto o mênstruo da aurora. Eu canto o parto do dia. Na trilha de meus sonhos, há canários despertos e cachos balouçantes de acácias amarelas.

Ah! o vento, o vento como um fauno, perseguidor e aflito, eriçado de unhas, pêlos, cornos, falo; o vento bailarino tange as nuvens da alba.

Alegria é este farol aceso no oriente e esta florida seara; lavoura semeada para os usos, espaço para os ritos mais secretos.

Eu canto o dia, o dia!



Lenda



## Uma estória sem nome

Esta estória não tem nome,  
Esta estória não tem jeito,  
É só um risco no escuro,  
É só o traço do açoite.

Este canto é como o sangue  
Navegando nos meus longes.  
Sou eu o Pássaro, o alcance  
Do gesto além do horizonte.

Busco o fogo, busco a chama  
Para além do meu cansaço.

O que busco é só o espaço,  
Sua imagem,  
Sua exata partitura,  
E o salto além da voragem.

Onde vou, vai o meu pássaro.

## Definição

Não vou contar do tempo  
Da viagem  
Nem vou traçar seu rumo,  
Sua incerta paisagem.

Não vou além de mim,  
Do que arrebatado  
Da lenda e seu fadário.

Canto, apenas canto  
— Assim quero cantar —,  
O resto é só disfarce,

É só um giro  
No ar, é só o inquieto  
Coração e seu compasso.

No mais:  
O mesmo Sol, mesmo grito  
De cor, mesmo infinito  
Pássaro bebendo nos aflitos  
Bebedouros do amor.

## Era uma vez um pássaro

Era uma vez um pássaro,  
Era uma vez  
Mais que um pássaro,  
Um sonho  
De cor e luz e audácia  
E transparência.

Era uma vez um homem  
Com suas asas  
E seu jeito de pássaro  
Encantado.

Era uma vez  
Um rumo azul traçado  
No limite da dor,  
No infinito  
Delírio das miragens.

Era uma vez um homem  
Com seu sonho,  
Asas soltas no tempo da viagem.

Era uma vez um risco  
No horizonte,  
Um rodopio de plumas, um alçar-se  
Ave-nave, quilha luminosa  
Mais que suspensa estátua,  
Ave,  
Ave de proa nos secretos ares.



# Metamorfose I - O pássaro



## Cantiga

Nas fontes de bem-querer  
Bebo águas de alegria  
Olho do Sol é meu guia  
Coaraci, Coaraci,  
Mãe deste dia.

Tua sede é meu caminho  
Veredas de meu viver.

Ai vinho de jenipapo,  
Sementinha de urucum,  
Tua luz é sumidouro,  
Precipício das manhãs.

Coaraci, Coaraci,  
Todo caminho é estrada,  
Toda fonte, bebedouro,  
Todo perigo, atalaia.

Coaraci, Coaraci,  
Tua luz é como espadas,  
Como espigas  
De uma roça,  
Semeadura e morada.

# Encantamento

Aqui o sortilégio  
Da beleza,  
O primeiro sinal,  
O estigma, o carisma.

Eu canto a tua imagem;  
A miragem  
De teu vulto flexível.

Decifro em tua face  
O prontuário,  
A receita sutil  
Dos íntimos venenos

E danço à tua volta,  
Ó perfeição,  
Ó brilhante animal,  
Filho espúrio do Sol!

Vagalume nos pés,  
Tateio o precipício  
— passagens deste rito —

E galgo o teu silêncio  
Como um muro,  
Flautas doces no escuro.

## Iniciação

É este meu feitiço:  
Estas folhas pisadas  
E o eco de cascavéis  
Farfalhando os chocalhos.

Bebe deste vinho,  
Do meu vinho  
De saliva e cauim.

Respira deste fumo,  
De meu fumo,  
Doce e misterioso  
Aroma  
De escondidas sementes.

Banha-te nestas águas,  
Minhas águas  
De salitre e jasmim.

E ungido e perfumado,  
Deixa que eu inscreva  
Em pérgamo — tua pele —  
O signo de meus deuses.

## O feiticeiro cego

O feiticeiro cego, o xamã,  
O sábio decifrador de búzios,  
O pajé, o agoureiro  
Adivinho das vísceras,  
O que sabe o segredo das ervas,  
O relicário  
Dos últimos venenos.

Este. O que move a roda escura  
Dos dias. Dos teus dias.

Este. O do vinho. O profundo  
Silente. O que te deu a asa  
E o poderoso destino de subir  
Aos mais altos sendeiros.

O que te deu o poder  
Do fero bico adunco  
E a leveza das asas.  
E as garras. As garras.

O que te deu o vôo  
E o destino de pássaro.

# Viagem ao palácio do Sol



## Ó força do destino

Ó força do destino,  
Ó fúria cega  
De asas para o alto.

Este vôo que em fogo  
Me arreбата  
Nasceu do chão  
Onde plantei meu sonho,  
Nos pés que pisam o barro.

Pássaro de fumo,  
Ó deus-fumaça,  
Refaço-me ao calor  
Das minhas brasas.

Onde nasceu meu canto  
Aí me agasalho,  
Ó Grande Espírito,  
Maíra —, coroadado de asas.

Onde o abutre não foi  
Aí fiz meu caminho  
De falcão degolado  
No tempo,  
A última morada.

Aí fiz meu pouso,  
Término de viagem.

## Heráldica

Fomos buscar o Sol,  
Fomos roubar  
O fogo.

Ó sagrado dever do homem,  
Ser preciso  
Navegar nestes ares.

Eu fui buscar o Sol  
No bico.

Eu homem-pássaro,  
Vestígio  
De antigos mitos.

Um falcão espalmado  
Contra o raio,  
Uma heráldica  
Águia de plumas de amianto.

Um ser além de mim  
Recortado, infinito.

# Regresso



## Formoso é o pássaro

Formoso é o pássaro:

Azul e cinza

E branco e solferino.

Turva ira, relâmpago

De suas asas

Quando, oblíquo,

Busca o caminho exato

Do regresso,

O tempo das feridas mais completo,

O pressentido tempo dos despojos.

Na garganta, o espaço

Fechado para o grito,

Como um bolo de serpes

Noveladas.

## O canto da terra

Ele virá,  
O deus-fumaça,  
O homem-pássaro  
Com seu fogo,  
Sua acha selvagem.

Ele virá com o raio,  
Com os incêndios  
Ele virá, virá.

Irmãs, dancemos,  
Na terra revirada  
Nossos pés como arados.

Ele virá com as garras,  
Com seu jeito de ave,  
Rapineiro e voraz  
Gavião  
Peneirando nos ares.

Ele virá com a chama  
Dos altares,  
No bico adunco  
O fogo,  
Labareda nos ares.

## Semeadura

O limite da luz  
É o espaço do salto.

É a asa do sonho,  
O caminho de volta,  
Extravio ou derrota.

O pássaro é este silêncio  
Cortando como faca.

É a bicada no ventre:  
Semeadura de mel  
Nos meus campos molhados.

Oh! eterno seja o passo,  
Minha pele no teu aço,  
Ó pássaro, pássaro.

Senhor do Sol me arreбата,  
Ó pássaro,  
Tuas garras como arado  
Revolvendo meus pedaços.

Meu corpo de sementeira  
Na raiz do teu abraço.

Um arco-íris de espigas  
No meu seio, meu regaço  
Como um odre

Na esperança de teu vinho,  
Meu canto no teu cansaço,  
Ó pássaro, pássaro.

## Asas

Como é doce o ruflar  
De asas na garganta,  
Como é doce o roçar  
De penas no pescoço.

O somido do vôo,  
O sibilo da flecha.

No fundo poço azul  
Do infinito infinito,  
O sol fia um colar  
De contas cegas.

O tempo se ajoelha  
No silêncio,

E o canto das uiaras  
Rompe as trevas  
Onde estátuas choram o sal  
Do momento indiviso.

# Metamorfose II - O homem



## Cicatrizes

A face calcinada,  
Ó desespero  
Do amargo desengano.

A alegria se foi.  
Restou-me o canto,  
Derradeiro refúgio,  
Último quarto  
Da obscura morada.

Restou o canto  
Ao pássaro,  
Restou o canto,  
O abecedário,  
A palavra;  
Inventário do homem.

Sobrou o que sobrou,  
O estilete na carne,

Sobrou o que sobrou,  
O louco intérprete  
Da alma de ninguém  
Do coração de tudo.

Hoje o homem é a sombra  
Do pássaro,  
Hoje o homem é o canto vivo  
Da ramagem,

A lembrança de fundas cicatrizes.

## Eu sou ninguém

Eu que não tenho face  
Eu sou ninguém  
No entanto  
Eu sou o canto a cólera a quimera  
Eu sou o pássaro sofrê  
Eu sou o homem  
Em busca de seu sonho  
Eu sou o sonho  
O fogo  
No tormento da volta  
Eu sou a rota  
Do pássaro no céu  
Eu sou a terra semeada  
Eu sou as mãos batendo  
O ritmo das palmas  
Eu sou  
A simetria e a cor  
Da palavra esperança.  
  
A primavera é nossa  
E a luz  
Cristalina paisagem

## Canto

A minha voz é o choro  
De um menino,  
Cantiga de ninar  
Em gargantas feridas.

Este canto é Destino,  
Presentido rumor  
De rios muito antigos.

Essa voz é decalque,  
É debuxo, é o risco  
Na areia,

É o que restou de mim  
Destroçado e vazio,  
Homem-pássaro  
Sem asas, sem caminho.

Rosto de cicatrizes,  
Rosto vário e tatuado  
Como um mapa,

Rosto de pergaminho,  
No espelho das águas  
Recupero o disfarce.

E não sou homem nem pássaro,  
Apenas canto  
De uma língua selvagem.



Solidão



## Cabedal

Eu tenho a minha infância e um eco surdo de tambores no escuro.

Eu tenho ainda o uivo no silêncio, tesouros que destruo. Velhos trastes estalam seus segredos e há um gosto de sal e lágrimas e degredo.

Eu tenho um arco e a seta dos luzeiros do céu. Eu tenho a luz do sol, olho duro de espiga. E quanto mais semeio mais destruo, searas do imprevisto.

Este deus é preciso, este deus, necessário como um cisne. Um deus como uma chuva de ouro, como um touro coroadado de folhas, frutos e raízes.

O resto eu própria invento. Esta viagem, este infinito delírio. Esta clave de chamas. E este pássaro destruidor e bruto nas entranhas.

## O escuro silêncio

Pássaro,  
Teu nome é como um risco  
De seta no ar.

Teu escuro silêncio  
É como um dardo  
No coração da noite.

Teu silêncio  
Como um rito,  
De medo e solidão.

Lá fora o vento  
Açoitava monstros cegos

E frios dedos de súcubos  
Na garganta  
(as unhas recurvadas como garras)  
Laceraram nosso sono mais secreto.

## Maíra

Meu cansaço  
Era um escudo de trevas  
Contra os altos  
Muros de pirilampos.

Onde os mártires,  
Os mártires  
Desta viagem ao Sol  
Do sem limites?

Ó Maíra, Maíra,  
Os ventos trançam espadas,  
E aqui onde sou pássaro,  
Na costura das asas,  
Crepitam tuas brasas.

Espírito de luz,  
Estrela do oriente,  
Estandartes de penas  
Recobrem tua face.

E a solidão me curva  
Como um arco.

## Limite

Meu destino é o país do obscuro horizonte.  
A pátria dos banidos. A sesmaria dos naufragos.  
O reduto final dos suicidas.

Detenho-me no limiar do silêncio absoluto,  
à beira do precipício onde lacraias alucinadas es-  
preitam minha queda.

Eu, que bebi do sangue imantado da terra,  
do vinho doce-amargo de lágrimas e de orvalho.

Eu, o escolhido, o ungido, o assinalado; o que  
guarda na pele a carícia da tinta no desenho sutil  
da pintura ritual.

Ainda ontem, no lago, boiava minha face e  
a beleza era um halo coroando-me a fronte.  
Ontem era a viagem, o delírio, a vertigem.

Ó dor! Ingratidão dos homens, hoje por mim  
turvaram-se os espelhos, e meu rosto de sombra  
e horror e cicatrizes é como um rescaldo ardente  
de fogueiras morrendo.

Ó trágico destino de vencer e ser vencido.  
Castigo de sonhar além de ultrapassar o sonho e,  
como o vento, alucinado e profético, destruir-se.

De mim ficará a marca, a lembrança, o sinete;  
a sílaba talvez de uma gesta imprecisa. Rastro de  
plumas, cinzas, sobre a face do Sol.

Como um cíclope doente, ajoelho-me e entrego,  
numa cesta, minha cabeça aos chacais.

Salpicado de estrelas e amoras silvestres, fecho a  
gaiola dos pássaros absurdos e encerro-me para  
sempre, ave invisível e abstrata, com a garganta  
de aurora palpitando inclemência.

E reinvento a primavera deste canto como cin-  
cerros, como sinos de água.

No ar, um penetrante aroma de amarilis.

## Inventário

**Luz:** hálito de murta e flor de laranjeira.

**Fogo:** tua língua silente e ativa, o teu bafo de ouro.

**Sol:** teu dardo de amaranto na planície, saraivadada de espigas.

**Dia:** corpo de vagalume e folhas de alfazema.

**Raio:** no coração da noite o signo, a sagrada escritura.

**Brasa:** no fundo do silêncio, teus carvões como olhos selvagens.

**Cinza:** o que restou de tudo o que restou.

**Fênix:** o canto renascido, a pátina, o legado.

**Lenda:** o que se fez de luz, de fogo e esquecimento.

*Salvador, 1983*



# Os deuses lares



*Tentar o não tentado  
expatriado esconjuro aos deuses lares*  
Haroldo de Campos



1

Adeus.

A deus nesta viagem  
— velas, mastros, velas...

Quilhas como bicos,  
azul e prata e  
espuma  
No remoto horizonte.

Aveso da noite  
— o não sonhar,  
périple absoluto  
ao fim do sono.

Descer ao mais profundo;  
ares úmidos do Tártaro,  
suas fontes.  
Águas de olhos mil  
                                    e cérberos  
brabantes.

Viagem ao não sei onde.

O não sei onde — vago,  
vergas, vagas —,  
enquanto o outro lado,  
o sem fim do roteiro  
te embruxeda.

Espera e devaneio.

2

De que serve a memória  
— fuso e roca —  
se,  
farta de prodígios,  
tinjo e lavo  
o fio das meadas,  
o fio desta vida.

lavo com água e  
mornos sais  
                                    o corpo

e, enquanto afagas  
tua remota cicatriz,  
tuas  
chagas enigmáticas,  
heróicos feitos, falos,  
eu refaço  
as feridas  
minhas — doces talhos  
de incruentas batalhas.

### 3

fundo mergulho e  
o seio com  
seus bicos, sua  
suavidade antiga  
de guardados.

e vejo, revejo  
envolto em algas  
um instante confuso  
— roca e fuso —  
o olhar que me despia e

frente a frente, nós,  
distantes  
como antípodas  
e o mar e sempre  
o vento uivante...

alguns enlouquecem, outros  
— vários — vagam,  
sombrias viageiras,

mastros, faróis acesos e  
velas, sempre acesas,  
com seus panos  
na fímbria, no remoto,

no fundo dos armários,  
onde  
guardo, vários,  
o pó de onde não fui,  
em claros frascos, vários.

4

Assim passam meus dias,  
teares se movendo, e um vento morno  
arrepinando as carnes  
do pescoço.

Thalassa, thalassa...

Onde respiro é o mar,  
onde me deito. Oceano é  
o sal

e pélago

o mais distante.

Assim passo meus dias;  
fazendo e desfazendo  
o nó dos nomes,  
o fio da meada e  
— mapa estranho —  
os riscos do bordado.

Fazendo e des  
fazendo  
ponto  
a  
ponto  
o teu (o meu) sudário.

Sozinho,  
o cão envelhece  
na soleira da porta.

5

Nesta jornada sem fim  
ao pé do fogo,  
navegante de mim,  
consulto a chama  
— os roteiros, o arcano —,  
labaredas compondo  
portulanos.

Este o (meu) mar-oceano,  
mar que lambe

o pano do vestido  
e o sal da pele.

Domesticado abismo  
seminal e  
mais profundo que o  
outro,  
o de sargaços.

Astucioso Odisseus,  
mais vale ser  
deus de si próprio  
                                tecendo-se  
como bicho-da-seda  
em seu casulo,  
  
noite e dia fiando-se,  
se escondendo e  
se expondo,  
explícita crisálida,  
que partir e voltar  
ao mesmo ponto  
— derradeira viagem  
ao fim de onde.

6

Porisso vivo  
do que teço:  
ponto e nó  
                                laçada,  
azeite e sal e terra  
aos deuses lares.

Porisso  
mais que perfeito traço  
e desfaço  
o perfil das sereias  
e Circe, com seus filtros  
— lã vermelha e azul  
sobre o trançado —,  
um Polifemo risonho  
e infantil  
com seu olho bordado.

E Circe com seus sumos,  
seu tropel de encantados,  
e a voz, a voz, a voz...

Meus venenos eu faço  
destes cuspes, desta saliva  
amarga,  
desses fusos  
— roca e roca.

Porisso vivo  
do que tenho:  
um oco no vazio,  
um poço, um túnel.

O lado escuro  
do avesso,  
o sem avesso.

7

Decifrar este cão;  
antes que a noite venha  
e com ela o alarido.

Os adivinhos negam  
— as vidências, as frases,  
os presságios, as vísceras —,  
mas nunca lhes dou ouvidos.

Decifrar este cão.

Ferro contra ferro  
a noite é das espadas.  
Ouço gritos.

Olhos de cão.  
Os olhos deste cão,  
como quem (a)guarda  
o dono,

Como (me) guardo, como  
(me) protejo  
de tudo além  
da espera,  
deste perau sem fundo,

desta  
infinita espiral  
que à noite se revela.

Descabelada Penélope,  
nas janelas,  
olhos no escuro açoite  
destes ventos,  
destes olhos de cão,  
famintos, devorando...

## 8

Ponto a ponto  
componho meus altares;  
deuses lares.

Te amo como a mim,  
como me amo  
refletida no espelho;

tua barba em minha mão,  
minha mão que vagueia  
e descobre-me o corpo  
onde navego e vou além  
do *mare nostrum* ao derradeiro  
arcano.

Tecer, infinitamente  
tecer,  
até que venhas ou  
nunca, nunca mais...  
... e sempre

o mesmo cão deitado  
e a mesma porta.

## 9

Inesgotável mar  
o meu,  
interior, onde mergulho e  
volto.

Mar sagrado,  
mediterrâneo abismo  
entre lábios, murmúrios,  
toque sutil  
suave nave, ave  
penetrando os arcanos.

Nenhum roteiro, nenhum  
mapa previsto.  
Esta viagem é sem volta  
e sem começo.

Passagem entre colunas,  
mar anverso,  
via de regresso  
ao não ter ido.

Mar dentro de uma  
concha,  
vulva intacta.  
Mar intra,  
útero, unha,  
tão diverso  
do outro onde navegas,  
mar profano.

## 10

Olhos vigilantes  
como  
faróis acesos  
sobre a ilha  
e o mar...  
sempre vazio e aço  
nas escamas.

Sempre, sempre o  
vazio  
— os teares, a lã, a tesoura,  
as meadas —, os dedos lacerados  
desmanchando e  
tecendo  
e sonhando e apagando  
na tela da memória

o risco dos dias  
(dos meus dias)  
— um susto no coração  
como um arrepio de febre.

Fidelidade a uma sombra  
jurei,

mas a espera é como  
um pássaro,  
como um falcão no braço.

E já me vence o cansaço.

## 11

O uivo deste cão,  
a ausência  
como um fuste,  
estilete na carne.

Ó minha bela cidade,  
a luz oblíqua  
lava velhas feridas.

Habitar-te (me)  
é viver um destino  
não cumprido.

Olho de pássaro  
redondo,  
formosura simétrica  
de cântaro,

Ó minha bela,  
a vida é só a sombra  
de velas no horizonte.

## 12

Em meu quarto  
vazio  
invento o cais.

O quarto  
onde lâmpadas aquecem

tua lembrança  
e os derradeiros  
portulanos.

Âncoras sobre o  
peito  
e o balançar de leve.

Esta viagem é sem volta,  
esta é a longa  
descida ao fim  
do mundo.

Pressinto  
que (um dia) virás  
— vidrilhos e missangas —,  
o convés lavado, e  
a quilha separando  
as águas cor de sangue.

Olhos como verrumas  
no mar,  
íris de prata lavada  
sobre mim  
e a chama  
tatalando nos mastros.

13

No Tártaro  
onde (me) habito,  
negra é a terra  
das margens.

Viageira Penépole  
vigilante  
companheira das sombras  
respirando  
o atormentado ar  
do fundo das cavernas,  
rendilhando  
o sempre adiado sonho,  
pássaro  
mergulhando  
nos abismos de Ceres.

Ó infernos!

                                meu prazer  
é um rangido de passos  
que não chegam.

Certeza que me fala  
de retorno ou vingança  
— e um doce dom  
dos deuses.

14

Em vão,  
refiz de novo  
os meus bordados.

Três vezes pela noite  
aticei o borralho  
e na veia acalmei  
o fogo de teu nome.

Em vão correm  
meus passos  
este inquieto palácio.  
Em mim é que habitas,  
meu dono e

                                meu  
comparsa.

Mais que um corpo  
em meu corpo;  
uma sombra, um pedaço.

Tapeçaria infinita  
que bordo  
e que desfaço.

15

Descer ao mais profundo,  
ao finismundo de si,  
ao imperfeito buraco,  
fenda oblíqua  
no caos,

                                à gruta anversa

onde guardados estão  
todos os mapas.

Sombra abissal de outro mar  
— o de sargaços —  
se abrindo para o norte,  
água lustral e azeite  
nas agulhas.

Contornar os rochedos,  
os segredos,  
rumo ao fundo da terra,  
ao limite  
do último portulano.

Mar insano.



# Femina



*Calarami Nuts*



## *Ars poetica*

Poesia é coisa  
De mulheres.  
Um serviço usual,  
Reacender de fogos.

Nas esquinas da morte,  
Enterrei a gorda  
Placenta enxundiosa

E caminhei serena  
Sobre as brasas  
Até o lado de lá  
Onde o demônio habita.

Poesia é sempre assim:  
Uma alquimia de fetos,  
Um lento porejar  
De venenos sob a pele.

Poesia é a arte  
Da rapina.  
Não a caça, propriamente,  
Mas sempre nas mãos  
Um lampejo de sangue.

Em vão,  
Procuro meu destino:  
No pássaro esquartejado  
A escritura das vísceras.

Poesia como antojos,  
Como um ventre crescendo,  
A pele esticada  
De úteros estalando.

Poesia é esta paixão  
Delicada e perversa,  
Esta umidade perolada  
A escorrer de meu corpo,

Empapando-me as roupas  
Como uma água de febre.

## Dejanira

Eu sonho com um centauro  
Toda noite.  
Este monstro me beija  
E me escouceia.

Galopamos no escuro  
Todo o tempo,  
E o tempo é o oceano  
Sem fronteiras.

Ele me bate com as patas  
E me sacia  
Com seus dedos de fera  
E de argonauta.

Ora durmo em seus braços,  
Ora navego  
Ao som cadenciado  
De seus cascos.

Às vezes ele me acorda,  
Outras me embala  
E rasga com seus dentes  
Minha carne  
E bebe do meu sangue  
E me açoita  
Com o vento de sua cauda.

E enfim, quando exausta  
Eu desfaleço  
Na cama ensangüentada,  
Ele deita ao meu lado  
E lambe as chagas.

# A pequena notável

*Para Carmem Miranda*

Tão requebros  
E o lacre,  
Aquele boca,  
A desmedida curva  
Dos lábios,  
Os trejeitos.

Mirar, mirando,  
Os olhos como bolas,  
Carambolas  
De vidro, revirando  
Nos espaços da máscara.

Todos os jogos, fogos  
Dos dedos  
Tatalando em chamas.

Um vulcão de sapatos,  
Um bípede com plumas,  
A cascata das saias  
E o turbante, yes,  
Ainda temos bananas.

Isto é Brazil, talvez,  
O caricato  
País.  
Oh! beautiful, beautiful,  
My love,  
Pero nem tanto.

*Agosto, 1993*

## Pasifae e o touro

Neste pasto sem fim,  
Neste campo de flores,  
Navego teu silêncio como um barco,  
E como um barco navegas  
Meu silêncio.

Toda palavra entre nós  
Carece de sentido.  
Apenas nos olhamos,  
Enquanto a pele estala  
Como um fruto.

Sou delicada e cruel,  
Tu és manso e assassino,  
Mas não posso tocar-te  
E não ousa perder-te.

Contemplar-se  
E contemplar,  
Este o nosso destino.

Inexorável, à nossa volta,  
Constrói-se o labirinto.

# Joana

Fogo...

Antes de tudo,

Eu sabia.

Eu sabia, sabia.

Antes de

Qualquer chamado,

Antes da voz,

Do corpo profanado

No silêncio. Eu sempre

Soube.

Foram línguas ardentes

Que uma tarde

Desceram sobre mim.

Nunca mais, nunca mais

A antiga calma.

Só a guerra. E na guerra,

Meu cavalo,

Minha armadura de prata

E o sudário

Que em silêncio eu tecia

E carregava.

Onde estará o Rei

Que me abandona?

E Deus e Deus e Deus?

Não será talvez

A própria chama

Que me mata e redime

Ao consumir-me?

Não gritarei de dor,

Mas, na passagem,

Verei meus pés

Em chamas,

Verei os ossos

Perfurando esta pele

Que se abre

Estalando ao furor

Da flama avara.

Desta língua  
Que incandesce as correntes  
E devora  
Meus olhos, minha carne,  
Meus cabelos...

Voa, ave maldita,  
Na fumaça.  
A santidade jaz,  
Insepulta, nas brasas.

## Anunciação

Uma vez, foi a estrela  
De Jacob,  
A outra — um anjo.

Pelejamos no escuro  
Toda a noite.  
Morte — estava escrito,  
Mas foi somente a aurora  
O que esmaguei nos dentes.

De outra vez,  
Foi a chuva de ouro.  
Numa torre, cercada de vento  
E solidão,  
Vi pepitas descendo  
Como flocos  
Inflamados de paina.

Mais tarde, foi um cisne,  
Ave tão rara!  
O doce alisar das penas,  
Branças asas...

Um dia foi um touro  
Com seus cornos  
De bronze,  
O outro — um raio.

E, por último,  
Foi apenas a voz,  
E eu caí, trespassada.

No quarto ao lado,  
Meu esposo dormia,  
José, o carpinteiro,  
Vencido de cansaço.

## Judite

Esta noite eu irei à tenda  
De Holofernes.

Lá o encontrarei reclinado  
Em seus coxins de ouro.

Esta noite eu irei  
Pé ante pé ao abismo,  
Ao vértice candente  
— Espiral, sumidouro.

Esta noite levantarei  
Lentamente a cortina.

Aflito em meu peito  
Já um pássaro se agita,  
E eu habito este instante  
Como meu sangue habita  
As gargantas do corpo  
— Corredeiras aflitas.

Esta noite eu irei  
À noite de meu príncipe.

Meus olhos queimam  
A tarde,  
E a seda dos vestidos  
Transpira ansiedade  
E gozo e malefício.

Esta noite eu irei,  
Sacerdotiza, ao sacrifício.

Já sinto em minha boca  
Os seus dentes aflitos  
E o dourado esplendor  
De suas unhas polidas  
Desenhando em meu corpo  
O rastro do suplício.

Esta noite eu beberei  
De seu vinho encarnado  
E lhe darei leite e mel  
Em taças ovaladas.

Desatarei a trança  
Que prende meus selvagens  
Cabelos ondedos  
Como serpes em cio,

Esta noite eu irei.

Esta noite eu irei...  
Já farejo o caminho  
E o perfume envolvente  
De seu corpo ungido  
Com óleo de jasmims  
E sangue de inimigos.

Há no ar um cheiro agreste  
(Ou nos meus próprios sentidos?)  
De suor de cavalos  
E sumo de narcisos.

Esta noite eu dançarei  
Entre facas e abismos,  
Sua espada nas mãos,  
Seus urros nos ouvidos.

Depois:  
A cabeça rolará  
Suave,  
E não se ouvirá  
Um grito.

Só o doce esguichar  
Do sangue  
Em meus dedos aflitos.

## A dama e o unicórnio

Desenho o teu perfil  
Como um bordado:  
Matiz e labirinto.

Uma anca abaulada,  
Um pé suspenso  
E a preciosa cabeça  
De encantado.

Passeias nos meus sonhos,  
Nos meus bosques  
De sombra e solidão.

Solitário também  
E assustado:  
Tão delicado risco  
— Elfo e onagro.

\*\*\*

Nunca virás a mim.

Por mais que espreites  
(E te espreite),  
Não virás.

Desejas no entanto  
Meu regaço.

Mas nunca o terei nos braços.

... Nunca o doce  
Calor de seu pêlo,  
Nunca o suave  
Parafuso do chifre...

— Que linha furiosa nos separa?

Neste jogo de espelhos,  
Divididos,  
Nos buscamos em vão.

Não me escutas,  
Nem voltas a cabeça.

Nem eu atiro o laço.

## Maria Bonita

Esta noite em Angico  
A brisa é calma.  
No silêncio farfalham  
Minhas anáguas  
Como farfalham asas,  
E no escuro minha carne  
Cheira a mato.

Vem, meu amor, e lavra  
Este roçado  
Como quem quebra  
Um cântaro,  
Como quem lava  
A casa;  
Águas frescas na tarde.

Tuas limpas carícias,  
Teus dedos como pássaros  
E teu corpo que arde  
Como estrelas  
No espaço.

Não quero tua candeia,  
Só meus sonhos acesos  
E eu te direi de nácar,  
Terciopelo,  
Coisas antigas, pêlo de  
Leoa; voz de cego na feira.

Não quero teu braseiro,  
Tua intensa  
Cintilação que queima  
Meus vestidos,

Só quero a tua volta,  
Tua presença  
Iluminando a noite  
Que me cerca  
Como uma luz acesa  
No postigo.

Que sabes de minha vida  
Além da morte  
Inquieta que me ronda?  
Que sabes desta chita,  
Destes panos  
Que envolvem minha nudez  
Como uma chama?

São teus olhos  
Carvões que me devoram,  
São teus beijos  
Fosforescências de mel,  
Travo forte das frutas.

Teus dedos como setas  
Apontam meu destino:  
Meu caminho  
Na planta de teus pés;  
Meu horizonte  
No risco de tuas mãos  
E meus cabelos  
Esparsos sobre a relva  
Em que me habitas.

Sou teu medo, teu sangue,  
Sou teu sono,  
Tua alpercata  
De couro,  
Teu olho cego, miragem  
Dos vidros  
Com que miras  
A mira do mosquete.

Sou teu sabre,  
Facão com que degolas.  
Sou o gosto do sal,  
Veneno que espalharam  
No prato.  
Sou a colher de prata  
Azinhavrada. Sou teu laço.

Teu lenço  
No pescoço.  
Sou teu chapéu de couro  
Constelado

Com estrelas de prata,  
Sou a ponta  
De teu punhal buscando  
O peito dos macacos.  
Sou teu braço,  
A cartucheira cruzada  
Sobre o peito,  
Sou teu leito  
De angico e alecrim.

Sou a almofada  
Em que deitas a face,  
O cheiro agreste  
Dos homens que mataste.  
Sou a bainha,  
E a lâmina é meu resgate.

Sou tua fera. Sussuarana  
No escuro — bote e salto.  
Jaguarica acesa nestes altos  
Mundéus de teu alarme.  
Sou o parto  
Da morte que te espreita.

Sou teu guia,  
Tua estrela, teu rastro, tua corja.  
Sou tua mãe que chora,  
Sou tua filha. Teu cachorro fiel,  
Tua égua parida.  
Sou a roseta na carne,  
O lombo nas esporas.

Sou montaria e cavalo,  
Fúria e faca.  
Ferro em brasa na espádua  
Sou teu gado,  
Tua mulher, tua terra,  
Tua alma,  
Tua roça. Coivara  
Que incendeias e apagas,  
Tua casa.

Areia no sapato.  
Sou a rede  
Aberta como um fruto,

Sou soluço. Fome escura  
De poço.  
Sou a caça  
Abatida. Lebre e gato,  
Coisas quentes ao tato.

Vem, meu dono, meu sócio,  
Meu comparsa.  
Desarma o teu cansaço,  
Desata a cartucheira,  
A noite é farta,  
Como besta no cio,

A noite é vasta.  
Vem devagar  
E habita meu silêncio  
Como se habita  
Um claustro.

Teus beijos como  
Lâminas. Como espadas.  
Pasto de aves meu corpo  
Que trabalhas  
Como quem corta e lavra.

Desata a cartucheira,  
Teu campo de batalha  
Sou eu.  
Por um momento,  
Esquece o que te mata  
— Fúria e falta —,  
E enquanto a noite é calma,  
Vem e apaga,  
Na pele de meu peito,  
Esta fome sem data.

## Salomé

Tantos anos depois,  
Não faz nenhum sentido  
Estória tão antiga...

— Eu te amo, eu disse,  
Em meu vestido azul  
Que um girassol floria.

— Eu também. E teu corpo,  
Encostado  
Ao meu corpo, tremia.

Embriagada, eu dançava,  
Dilacerando os vestidos.

A interdição entre nós  
Crescia como um bicho,  
Serpente de pele lisa  
E anéis coloridos.

Tantos anos depois,  
Ainda sonho com isso,  
Um brilho de lâmina  
E o sangue  
A escorrer no ladrilho.

O tempo todo e eu sabia  
Que, arrancados os véus,  
Restaria o suplício. Restariam  
As feridas. Um corpo ausente  
E a lenda de um remoto país  
Onde habitei um dia.

Ó funesta tentação  
De voltar àquela tarde  
Em que, dançando selvagem  
Ao som de flautas,  
Congelei a tua imagem  
No fundo das retinas.

O topázio do sol  
Ardia como brasa,  
E eu lavei as mãos

E limpei as sandálias.  
No espelho, meu rosto  
Tinha a carne das estátuas.

Na espessura do silêncio,  
Um gotejar de mágoa.  
Na bandeja, os despojos,  
Ainda tintos de vinho,  
A cabeleira e os olhos  
Acesos como círios.

Tantos anos depois  
Não faz mesmo sentido,  
Mas guardo ainda o espelho  
Onde espreito minha sorte,

Onde dia e noite espreito  
A sombra que flutua  
E se cola  
Como máscara em meu rosto,  
Como chaga no coração,  
Bem no peito onde o tempo  
Enfiou sua adaga.

E danço como nunca mais  
Dancei. O rei agora dorme,  
Dourado, em seu sarcófago.

Mas ainda tenho os véus,  
A bandeja e a espada.

Sete poemas, de amor e desespero,  
de Maria de Póvoas,  
também chamada Maria dos Povos,  
à partida do poeta Gregório de Mattos  
para o degredo em Angola

*Horas de sofrimento,  
instantes de alegria*  
Gregório de Mattos

I

Não me deixes ficar,  
Não me abandones  
Neste ninho de abutres,  
Neste burgo  
Que espreita o mar  
De cima de seus montes  
Como fera que espreita,  
Ave de rapina  
Atenta aos inimigos  
Que surgem no horizonte.

Não me deixes ficar,  
Não espedaces  
O que ainda resta de mim,  
Não abandones  
A quem te deu o corpo  
E o pensamento  
E a quem pisaste um dia  
Como pisa o dono  
O chão de seus alqueires.

Não me esqueças aqui.  
Arrasta com teu fado  
Este bicho inocente  
Que fareja teu rastro,  
Esta pobre coisa triste  
Que existe porque existes.

Ai, não me deixes, não.  
Apaga nos espelhos  
A imagem que criaste,  
O sono e o pesadelo.

*Horas de sofrimento,  
Instantes de alegria,*

O açoite da chibata  
E o bálsamo dos dedos,  
O caminho para as Índias  
E o rastro para o abismo.

A curva de meu seio  
Em tua mão tremendo,  
Minha boca em tua boca  
As sílabas repetindo  
Deste amor que me trouxe  
Como dote e destino,  
*Horas de sofrimento,  
Instantes de alegria.*

## II

... às vezes o teu amor  
É como o mel que embriaga  
Mas, às vezes, como açoite,  
Me corta o corpo em pedaços.

E então me olhas com raiva,  
Me humilhas, me maltratas,  
E tua língua tem o frio  
Fino corte das navalhas.

Tuas palavras são farpas,  
Punhal que fere e que mata.  
Me desprezas como coisa  
Que se usa e se despreza,  
Como uma negra fugida  
Que o feitor persegue e caça.

Triste amor que me separa  
De minha terra e de tudo,  
Amor que engole os minutos  
Como cobra engole o rabo,  
Amor que aponta o caminho  
Mas não dá o itinerário,  
Amor que arma suas velas  
Mas depois afunda o barco,

Amor que arde em meu corpo  
Como círio nos altares,  
Como lâmpada na parede,  
Lanternas que o vento apaga.

### III

Maria de Póvoas,  
Maria dos Povos,  
Maria, alma ardente  
E as mãos tão vazias...

Que vida enganosa  
A tua, Maria,  
Tecendo as esperas,  
Somando as partilhas,  
O sexo em chamas  
E a fala macia.

Maria... a cinza na testa,  
A oração na madrugada,  
Maria, um lobo na espreita,  
Um verso como cilada,  
O amor é como veneno,  
Como sombra na calçada,

Assombração que faz medo.  
Maria, é só um poeta  
Caminhando pela estrada,  
E a noite esconde o segredo  
De tua pele alvoroçada,  
De tua língua, de seus dedos...

Somente um poeta  
E a chama  
Que te confunde e reclama

O ontem já tão distante...  
Tantos dias, longos anos,  
Maria, tanto abandono,  
Somente o vento nas folhas  
E no peito... desenganos.

## IV

Eu sou o avesso do mundo,  
Eu sou a terra  
Que pisaste, cuspieste, que esmagaste,  
A poder de ferraduras  
E de açoite.

Eu sou a terra  
A quem amaste tanto,  
Que caíste a sangrar  
Em suas pedras  
E onde rolaste, porco,  
A chafurdar na lama.

Eu sou a flor escura  
De teu sexo  
Buscando outras canalhas,  
Outros usos,  
Por desejares demais  
E além da conta...

Não pode o amor humano  
Ser medido  
Senão na intemperança,  
Na luxúria?

Neste bernal de pústulas  
Tamanhas  
Que criaste a teu gozo  
E meu martírio?

Ó amor feito de nada,  
O que desejo  
É apenas o côncavo do escuro,

Apenas  
Habitar os teus olhos como pássaro  
Que habita nestas torres,  
Nestes altos  
Campanários que soam pela tarde,  
Quando a tarde é como um pano  
Que desatas  
Ao vento deste mar,

Apenas uma vela  
Neste oceano sem fim onde navegas,  
Ó navegante bêbado!  
Sem norte, sem destino, sem chegada...

## V

Esta Cidade tão suja  
E tão deserta,  
Esta Cidade que ladra  
À minha porta  
Como um cachorro faminto  
E que desperta  
A lembrança de coisas  
Tão remotas...

Esta Cidade-abismo  
Que devora  
O amor, a esperança, a mocidade...  
E converte a beleza que cantaste  
Em cinza fria, em pó,  
Em sombra, em nada.  
Esta cidade que arde  
Como um câncer,  
Como um cautério na carne  
E que arrebatava  
A nós todo o futuro  
E a mim divide a vida  
Em dois pedaços.

Esta Cidade, meu amor,  
É como um claustro  
Onde te ausentas de ti,  
Do teu cansaço,  
De inventar equilíbrio  
Ao desacerto.

Esta Cidade é como  
Um corpo aceso,  
Ofegante de mágoa e de desejo  
Colado à tua boca que blasfema  
De amor, de impiedade  
E que arrebenta

Os diques do silêncio  
Nestas tardes  
Em que galopam soltos pelas veias  
Meu sangue, meus desejos, meus alarmes,  
Aves reinventando minhas mágoas.

## VI

Como posso, Poeta,  
Decifrar-te,  
Se és sempre a incerteza,  
A dissonante  
Face dupla do amor,  
Sombria e clara?

E como maldizer  
O sofrimento,  
Se ao martírio de amar  
Me fiz constante,  
Companheira da dor,  
Irmã do engano?

Como posso, meu Poeta,  
Nesta hora,  
Desvendar em silêncio  
Teus segredos,

Inventando entrelinhas  
Na escritura  
Vacilante e indecisa  
De teus dedos?

Como posso falar  
Do desespero,  
Se a força do desejo  
Em tua boca  
É um delírio de pragas  
E de beijos,

Se a angústia de perder  
O que me mata  
Faz-me a vida odiar  
Mais do que a morte,

Pois que, ao perder-te,  
Perco mais que a vida,  
Perco o sonho, a memória,  
A fantasia...

E este gosto de viver  
Como quem morre.

## VII

Caminhos, encruzilhadas,  
Becos, vielas, quebradas,  
Ladeiras que se despencam,  
Caminhos que se bifurcam,  
Beijo salobro das praias,  
Beijo doce das nascentes,  
Brejos, diques, atalaias...

Uma cidade é como gente  
Que se alisa e maltrata,  
Como uma fêmea deitada  
Que o amante navega e sente...

Assim se fez de meu sangue  
Esta Cidade encantada,  
Este burgo, esta alimária  
Como uma fera empinada,  
Esfinge que espia o Outro  
Surgindo da encruzilhada...  
Me devoras, te devoro,  
No fim não restará nada.

Só a sombra na parede,  
Somente o nó da laçada,  
Ou melhor:  
Resta o que resta,  
A tua boca de brasa,  
O sinal desta passagem  
Como uma gesta tatuada.  
Como um vendaval de açoite,  
Vento sul de madrugada.

Resta a poesia nascendo  
De tua língua danada,

Resta o poema crescendo  
Como flor e como espada,  
Resta o que resta, restolho,  
Que de mim não restou nada  
Além do verso e da mágoa.

*Salvador, 1987*

# Calendário



# Janeiro

Verão.

E esta cidade como um sáurio,  
Como um réptil,  
Emergindo das águas.

Verão...

E esta cidade  
Como um pássaro  
Renascendo das brasas.

Verão...

E esta cidade como um signo,  
Astrolábio ou mandala,

Esta cidade  
Como um dado  
Atirado ao acaso

De males nunca dantes  
Confessados.

## Fevereiro

O sol divide o mundo  
Em dois luzeiros,

Metade ainda é febre,  
A outra metade  
É fogo devorando  
Seus altares.

Arcano é o tempo,  
Anil sem asas,  
No azul fuzilante  
Das mortalhas.

Leão coroadado, o sol,  
Com suas garras,  
Separa devagar  
Vagos despojos.

Púrpura é o limite,  
Som de prata lavada.

Ao cintilar dos clarins  
O dia explode,  
E uma estrela de cinzas  
Desenha-se na cara.

## Março

... e estes marços doendo  
como pedras nos rins,  
charadas que não invento  
e nem sei de memória,  
se há memória  
além de um domingo de março  
azul, perfeito.  
todas as areias rolaram sobre  
de todas as possíveis clepsidras,  
só o olho-farol, olho brilhante  
antigo, a me guiar nas trevas  
do regresso. não haverá,  
não haverá porto, viajante,  
nenhuma Ítaca te espera,  
nenhuma Cólchida, nem mesmo os arrecifes  
no cais de tua infância.  
apenas a morte suave de olhos tristes  
tão rápida e indolor, tão limpa guilhotina.

... e estas tardes de março  
viageiras. sei o peso da ausência. sei a dor  
das lembranças tatuadas  
na carne, coladas e desfolhadas  
como pele queimada que se arranca.  
nenhuma presença é mais real  
que a falta. corpo de solidão  
deslizando entre móveis, marfins,  
folhas soltas de um livro,  
marca da prata, desenhos no tapete,  
cavalos, leão de pedra, lembranças  
que se acendem em faróis iluminando  
o outro lado do abismo,  
o precipício, o vazio, onde tudo se acaba.

## Abril

Escrevo de memória.  
A infância é um bolo  
Na garganta  
E a dor de dividir-se  
Nos espelhos.

Que foi feito de mim,  
Daquela estória  
Que eu me contei um dia  
E que perdi?

Escrevo sempre à noite;  
Pela manhã apago  
E recomeço.

É tão difícil viver,  
É tão de açoite  
O vento nas vidraças!

É abril e chove,  
E a terra morta  
Onde o lilás floresce  
É minha pátria agora,  
Meu destino. Ínsula.

## Maio

Agora que se foi  
Sem medo e sem disfarce,  
Descola-se do álbum  
O último retrato.

Vestido de seda verde,  
As mãos tão claras,  
Um castiçal de prata  
Sobre a mesa, e hortências  
Desbotando de rosa a azul lavado.

Rosa mística de maio,  
Luz dançante  
Nos dedos de minha mãe.

O espírito de Deus  
Pairando sobre as águas.

# Junho

Noite fria, neblina...  
Nos corpos acesos,  
O esplendor das fogueiras.

Adorávamos o fogo;  
Tão limpos e cruéis,  
Tão santos e assassinos.

Pele de ovelha nos ombros,  
Na boca,  
Um gosto de salitre  
E asas verdes.

Ah! os cátaros.

Um tronco de jaqueira,  
As espigas de milho,  
Arco-íris de papel  
Na memória intocada.

Ah! os cátaros!

Do outro lado do abismo,  
Outros fogos acesos  
E os jogos, as adivinhas,  
As sortes, os presságios...

À meia-noite em ponto,  
Nos olhávamos no espelho;  
Era tudo tão confuso,  
Tão lampejos de prata, tão  
Relâmpagos de faca.

A dançarina louca  
Despia-se de suas pétalas,  
Ah! os cátaros, os cátaros,  
O amor tem destas fúrias,  
Destas fomes de fera  
E cabeças cortadas.

Ah! os cátaros!

# Julho

*Para Cecen, com a devida licença*

Era no mês de julho.  
Nenhuma pugna travada,  
Nenhum grito.

Só a brisa forasteira  
No verde leque  
Das gentis palmeiras...

Saia de xadrez cinza-azulado,  
Suéter cor-de-rosa.  
Depois da praia, o cinema.  
Era domingo. Secretamente,  
Elisabeth Taylor amava  
James Dean.

E o anjo da morte, pálido,  
Não cosia  
Nenhuma mortalha ainda,  
Nenhum pedaço roto do infinito  
Dos sonhos que sonhávamos,  
Tão bonitos.

# Agosto

Mês de agosto,  
Desgosto.

Era de cântaros  
(Encântaros)  
O barulho da chuva  
Nos telhados.

A casa não tinha  
Sete torres,  
Mas o amor era tanto  
Que matava.

Mês de agosto,  
Feliz aniversário.

Só o gosto,  
O explícito, o cruel,  
O fino gosto  
De estender toalhas  
Nos altares.

## Setembro

Subitamente,  
Te invoco, minha Baby  
Babylônia,  
Neste setembro secreto.  
Sem flores, sem  
Asas de borboleta  
E raízes brotando.

Teu nome Baby, longe,  
Longe, longe,  
Como a síntese perfeita,  
Gosto de mel e laranjas.

Teu nome, Baby Babylônia,  
A perversa, a pervertida,  
Ilusão de contar  
A derradeira história.

Todo o tempo carregando  
Os meus jardins de sonho,  
E o doce sabor  
Dos inúteis mistérios.

Nada mais resta agora.  
Nem a lembrança do rio  
Correndo em minhas pernas  
Nem a sombra das muralhas  
Onde ganiam leoas.

Na terra devastada,  
Entre o sono e a vigília,  
Contemplo a sombra esguia  
Que se alonga como lança,

Enquanto o sol se deita  
Atrás dos zigurates.

# Outubro

Caroço de tempestades,  
Nó de cobras ardentes,  
Este é um mês de chuvas cálidas  
E de ventos.

Subversivo ao calendário,  
Fruto amargo  
Na colheita ancestral.

É sempre outono  
Em outubro,  
É sempre vento.

Nenhuma cintilação,  
Somente o escuro.

E no escuro, esta sombra  
Graciosa e febril  
Dançando à luz dos raios

— o canto áspero —  
E o pescoço  
Carregado de contas.

É sempre guerra  
Em outubro,  
Sempre vermelho e azul.

Sempre pendões na ponta  
Das estacas  
Deste campo minado  
A que chamamos destino.

## Novembro

Agora Escorpião  
Inicia a jornada.

Plutão na sétima Casa  
E Marte, tão guerreiro,  
Tão belo e protegido  
Com seu elmo,  
Seus encantos de macho.

Signo tão cruel,  
Sorte tão vária,  
A descida aos Infernos  
É somente o princípio,

Lembranças guardadas  
Como amêndoas,  
Num frasco.

Vermelho é a cor da estrela  
Que preside meus atos;  
Uma parte é o brilho,  
Outra parte, o veneno.

Centelhas de ouro puro,  
A dor,  
A lâmina sobre a pele

E um gosto de romãs  
E flores de jacinto.

## Dezembro

Na mesa do Natal  
Duas velas acesas,  
Fina luz verberando  
O amarelo dos pêssegos.

Era contada sempre  
A mesma história,  
Na sombra-verde-sombra  
Dos pinheiros.

Uma estrela de papel,  
Entre tâmaras e purpurina,  
Apontava o caminho  
Aos magos tutelares.

No pátio, um leão vermelho  
Quebrava nozes com as patas.

# Idílios



## Pássaros no coração

No espaço vazio  
De meu peito,  
Voam pássaros.

Asas feitas de enganos,  
Promessas como penas  
Soltas ao vento.

## Navegações

Não tenho mapas,  
Somente as aves  
Conhecem meu caminho.

Ó navegante de mim,  
Consulta o astrolábio.

## Noturno

Este barulho do mar  
Em minha porta,

Este marulho de mar  
Em minha alma.

## Ocaso

No horizonte vermelho,  
O sol  
Como uma chaga.

Contemplá-lo  
É contemplar-se.

## Robinson

E este selvagem buscar  
Esta mensagem  
Cifrada nas garrafas...

Sou náufrago de mim  
E invento minhas ilhas.

## Plenitude

Um verso que sonhei;  
Mais do que um verso,  
Estrela,  
Faz minha vida brilhar  
E a faz completa.

## Viagem

Pássaro de água,  
Ó onda alada  
De um engenhoso mar,

Em tuas asas,  
Deixei partir meu sonho  
Para o nada.

## Bucólica

Na noite sem estrelas  
Acenderam-se os vagalumes,  
E o céu ficou mais perto.

## Filosofia

A regra é a exceção,  
A parte cão  
Do não.

## Marinha

Mais um dia e o verão  
Finalmente se acaba...

O perfume do mar  
E o leve arquejo  
De gaiotas na tarde.

## Paráfrase

Céu de opalina azul,  
Frescos ares macios  
De minha terra natal.

Sombra escura das mangueiras,  
Perfumes do laranjal...

Meu país era o quintal.

## Moema

E se morrer de amor  
Fosse preciso,  
Morreria no mar,  
Na impetuosa  
Corrente do mar alto.

## Na praia

Eternidade  
É aquele momento  
Vivo na lembrança

De uma manhã de sol  
E água clara

... a mão mergulhando  
À procura de conchas.

## Distância

O tempo passado,  
O amor já passado,  
Dormem em meu coração  
Como um pássaro cansado.

Felizes foram os dias  
Em que amei.

Foram felizes os dias  
E o coração descuidado.

## Cromo

Um cheiro de jasmim  
E meu amor caminhando...

Fosforescências na estrada.

## Cetraria

O peso das mãos  
Como um pássaro  
No ombro.

Amor é só memória?  
Forma ausente  
De nada?

O calor das mãos  
Como um pássaro  
Pousado.

## Prudência

Como um jardim semeado,  
Como um campo de flores,  
Assim sou quando me olhas.

No entanto, me guardo.

Prudência.  
Passada a primavera,  
Murcham as pétalas  
Como passam os anos.

## Sachê

Um saquinho de alfazema  
Entre os lençóis  
E o brilho casto dos linhos.

Perfume de amor  
No calor de teu corpo.

## Saciedade

Quando as mãos se juntaram  
O prazer se fez calma.

## Lembrança

Tuas mãos  
Em meu rosto  
E o beijo.

Ficou um pouco de saliva  
No lábio,  
Como orvalho.

## *Spleen*

Absolutamente igual:  
Os trens que partem  
Como os trens que não partem  
E os cupins,  
Inexoravelmente,  
Roendo-me a carcaça.

## Helênica

Então Quironte, o bom centauro,  
Arrancou a flecha  
E pensou a ferida com cuidado.

Um ferimento que não se apaga  
Nunca,  
Uma dor que não cessa.

Em meu coração, o veneno se agita:  
Mordidos fomos pelo mesmo dardo.

## Ressaca

A paixão é como vinho  
Passada a embriaguês  
Resta um co(r)po vazio

## Poema

Assim a pedra  
Dura e fechada  
Em sua aresta

Não guarda ausência  
Nem traz semente

Somente a pura  
Carne das pedras  
Sem morte dentro



# Bestiário



## Harpia

Um bicho como um sopro,  
Corpo ausente,  
Rasante e astuto  
Arremessar de asas  
Nas sobras do banquete.

Vinho e vinagre  
Aplacam minha sede  
— O rapinar de febre  
Reacende temores...

Três gotas de sangue  
E o corte no peito,

As unhas como pregos  
Nas espáduas.

E nos pratos,  
*Chantilly* e torta  
De morangos.

## Cobra de vidro

Me entrego, transparente,  
A este desígnio:  
Espaço e precipício.

Apenas um vestígio  
Como um rastro  
Na areia.

Apenas um decalque,  
Leve traço,  
Marca de dente na pele,  
Beijo ou faca.

O que não foi e mata  
E frágil se espedaça.

Uma serpe com asas,  
Um relicário,  
Inocente e selvagem.

Cobra de vidro,  
Teu veneno em meu sangue  
Como um fogo,  
Implacável.

## Falena

Ao crepitar do verão,  
Te acendem asas,  
Ó flor alada.

Imóvel movimento,  
Olhos pintados  
(Inda é dezembro)  
E um leve traço  
No ar.

Bailarina do sol  
Assim te expões,  
Exata.

Dividido percurso,  
Partitura, compasso,  
Entre alfinete e calor.

Casulos tão buscados.

## Centauro

O que espreita  
No espelho  
E se divide,

Incompleto e perfeito  
Neste duplo.

Animal,  
Este beijo  
É como espora.

Não existes  
E se existes,  
Ó monstro,  
Quando afloras,

Que ambigüidade  
Acendes  
Com tuas patas.

Ó besta  
Mitológica e inexata,  
Teu relincho no escuro  
Me apavora

Ao noturno galope  
Que acende, em minha carne,  
Um desejo ancestral  
De caminhos sem volta.

## Tarântula

Profundo,  
Mais que abismo,  
O signo das espécies.

Voragem,  
Este embolar de patas  
Negras,  
Este peludo feixe  
De venenos.

Crava o teu punhal de vida  
Em mim  
Que a morte espreita,

E além do prazer  
Te espera o sono  
E mais do que o sono  
O eterno

E te devoro.

## Salamandra

Este animal sagrado,  
Esta quimera  
Nascida não sei onde.

Este arrastar-se em chamas,  
Esta flama  
Que cria a ilusão do arabesco,  
O fio da volúpia.

Este imolar-se inteira  
Nas espadas  
Da língua-labareda  
De suas brasas,

Esta ilusão que morre  
E que renasce  
Mais fogo do que o fogo,

Ó carne incendiada,  
Ó fúria,  
Ó fábrica,

De seu próprio calor  
Avara e perdulária.

## Lycaios

Minha é a pele que vestes,  
Meu o faro,  
O úmido focinho aceso  
Nestes ventos.

Meu o instinto do bando  
E minha a fome  
Ancestral e maligna  
Como um câncer.

A inocência do cão  
E sua presa,  
Os caminhos do lobo,  
Seus atalhos.

De muito imaginar,  
Sei a mandíbula  
E as presas como ganchos,  
Como aflitos  
Anzóis em minha sede.

É meu o ultraje,  
O desespero,  
Uivo solto no escuro.

... uma alcatéia furiosa  
Corta o sonho  
Desta noite sem sombras  
Na parede.

## O súcubo

Na calada da noite,  
Tua sombra me visita  
E me habita,

Como se habita um claustro,  
Como habitam  
Os pássaros suas torres,  
Como habita  
A fera seus domínios,  
Como pisa o senhor  
Os limites do paço,  
Dono do labirinto  
E de seus quartos.

Na volúpia da posse,  
Teu estigma  
É como marca na carne,  
Ferro em brasa

Que se dilui e apaga  
E deixa apenas  
Rastros,

Apenas o apagado  
Percurso de teus dedos  
Nas espáduas.

## O abutre

O abutre se alimenta  
De suas asas,  
De seus longos vôos  
Altos.

Nem a astúcia  
Da cobra  
Nem a sábia  
Mimese dos lagartos  
Impedem sua caça.

O abutre fareja  
No espaço  
Entre o mergulho e o  
Salto.

No coração de ave,  
A pena mais grave,  
O bronze de uma  
Pluma, suave  
Lembrança de Estinfale.

## A fome das águas

Esconder-se é esconder  
O ouro das piranhas.

As vorazes  
Cintilações da água,  
As ferozes  
Agulhas como enxame  
Sobre a carne.

Devorar-se é devorar  
O imaginado.

Enfim, agora é tarde  
(Águas turvas na tarde)  
Em mim nada mais arde.

Neste rio de fúrias  
Aplacadas,  
Turbilhona meu sangue  
E bóiam meus pedaços.

# Poliedro



## Fonte

A vida que passou  
— Água tombada  
Dos bordos  
De tua taça.

O eterno fluir,  
O doce encanto  
Com que se miram  
Ninfas  
Pela tarde.

Ó suave marulho,  
Ó farfalhar de asas...  
— Pássaros nascendo,  
Invisíveis, das águas.

Tua concha como  
Um cálice  
Borbulhante, intocado,

Música de sombras verdes  
Teu murmúrio em cascata.

E o tempo, o tempo,  
O tempo...  
Gotejando sua mágoa.

## Calor

Uma tarde pesada  
Como um odor de lilases  
E na língua, desmanchando-se,  
Alçaçuz e chocolates.

A ponta do cigarro  
Mergulhando na taça...

Licores fortes  
Como meu desejo,  
A fumaça no ar  
Desenhando arabescos.

## As rosas vermelhas

Rosas vermelhas  
São apenas rosas,

Mas o tempo,  
Em seu filtrar macio  
De ampulheta,  
Trabalha, sem cessar,  
As suas pétalas.

Na construção da morte,  
A sedução do aroma  
E o requinte do prazer  
Sempre adiado.

## Cotidiano

Não me venhas falar  
Do cuspe em tua cara,  
Nem do rubro calor  
Da última bofetada.

Difícil é caminhar  
No fio  
Das navalhas.

No mais,  
Apenas um surdo bater  
De corações aflitos.

Resignação talvez  
Seja uma palavra difícil.

## Pastoreio

Ventos da tarde  
Sacudiram as árvores  
E a cabeleira fresca  
Das sereias.

Onde o mar  
Que cantava em meu silêncio  
Palavras que meus lábios  
Repetiam?  
Inútil procurar coisas eternas...

Busca o que ficou pelos caminhos  
E constrói o teu redil  
De sonho e pedra.

## Solário

Neste verão, um doce  
Revolver de feridas,  
Um dedo passeando,  
Aligeirado, nas chagas.

Neste verão de luz  
E cor,  
Um travo amargo,

Como se todos os verões  
Doessem  
Subitamente na carne.

## Testemunho

Antes que o tempo torne  
Sem memória  
A dor que nos doeu,

O gosto amargo  
Dos frutos do verão  
Colhidos cedo,

Sopra ao vento da tarde  
Teu segredo.

## Estátua

Tudo são memórias,  
Tatuagens  
Na carne.

Que fina erosão  
Esculpe  
Meus sentidos?

E em cada poro  
Desenha  
O peso exato  
Da mão no meu vestido?

# Corpo

O corpo,  
Esta ilusão,

A transparência  
Onde o tempo se inscreve,

A esculpida  
Relembração  
— o não vivido.

O corpo,  
Este completo desfrutar-se,  
Onda, peixe, sereia,  
De barbatanas selvagens  
Como facas.

Corpo — o corpo,  
Território do nunca,  
Inigualável  
País do meu espanto.

De todos os espantos.  
(des)encontros, naufrágios,  
Precipícios.

Pássaro-fêmea, carne  
Colada em moldura,  
Pele, poro.

## Cinzas

E sempre e sempre  
A cinza  
Em minha boca

E esta cruz na testa,  
Acesa, eternamente,  
Como brasa dormida  
Que se assopra  
E cresce.

Tudo passou...

Porta-estandarte  
De um cordão de espectros,  
Assustadoramente  
Escuto, como um eco,  
A voz de antigos carnavais  
Vibrando.

*Salvador, março, 1992*

# Chuva

Reminiscências  
A inquietar  
Como a chuva nos vidros.

Sei que avança,  
Inexorável,  
O tempo, com suas marcas,

Sua umidade em rios,  
Dissolvendo a paisagem,

Seu mofo, sua  
Insidiosa presença  
Escorrendo da tarde.

Um gotejar sinistro,  
O salitre  
Infiltra-se nas frestas  
Reacendendo feridas.

Ó coração,  
Não te atormentes,  
Não te levantes contra mim,  
Esquece.

*Salvador, fevereiro, 1992*

## Provérbios

Mais vale o ato  
Falho  
Do que o prato  
Feito,  
Troca de alhos por  
Bugalhos.

Mais vale um  
Pássaro  
Na mão que a  
Contramão: os cães  
Passando e a caravana,  
*Stop.*

Quem com o ferro  
É ferido  
Não cria fama,  
Morre na cama.

O bocado não é  
Para quem faz  
É para quem manda.

O resto, esquece.

## Possessão

O poema me tocou  
Com sua graça,  
Com suas patas de pluma,  
Com seu hálito  
De brisa perfumada.

O poema fez de mim  
O seu cavalo;  
Um arrepio no dorso,  
Um calafrio,  
Uma dança de espelhos  
E de espadas.

De repente, sem aviso,  
O poema como um raio  
— Elegbá, pombajira! —  
Me tocou com sua graça,  
Aceso como chicote,  
Certeiro como pedrada.

*Salvador, abril, 1995*

## Daniel na cova dos leões

Pupilas alongadas,  
Grânulos de alpiste  
Sob a juba,

Na íris de açafião  
Girassóis estriados.

Fixo olhar imantado  
E a língua pelos cantos  
Da boca.

O silêncio entre nós  
Crescendo como pães  
Fermentados no escuro.

A imobilidade é  
Minha arma única, secreta,  
Contra a espera voraz  
Que lambe as patas.

De repente, do fundo da garganta,  
Ouço, rouca, a minha voz  
Que canta — ou será outro?

A fera, apaziguada,  
Fecha os olhos  
E dorme.

## Felliniana

A desmesura,  
O descompasso,  
O ríctus.

Marca feroz, carmim  
De outros punhais.  
O lambuzado riso.

O estilete e a lâmina,  
A borboleta  
Espetada em alfinetes.

Ironia cruel,  
Cortante como vidro,  
Nos pulsos.

Lantejoulas pregadas  
Em carne viva.

Cintilação de pele, pérola,  
Enxundia nacarada.  
A vida como um circo,

Ouro fatal dos guizos.

## O arquiteto

A linha no papel,  
A marca no cimento.

Asas e arcos  
Nascendo como flores  
Na simétrica paisagem.

Sempre o risco, o compasso,  
Sempre a régua, o cilício,  
A janela, o caixilho,  
Falenas grampeadas  
Nos postigos.

Ilhas brancas de cal,  
Azulejos na tarde...

As paredes da casa  
Como o dorso  
De um animal severo  
Que se afaga.

*Dezembro, 1994*

# Clepsidra



## A casa

Pedra sobre pedra  
Construí esta casa:  
Tijolo, sonho e argila.

Custaram-me os alicerces  
A metade da asa  
Direita,  
A outra metade  
Serviu de escora  
Às traves que a sustentam,  
A asa esquerda perdeu-se  
Na argamassa.

Esta casa, para fazer,  
Levou-me anos  
De solidão e fomes  
Aplacadas.

Uma casa tão clara,  
Aberta aos ventos,  
E a cada dia sempre  
Renovada.

Aqui plantei minha vida,  
Nos esquadros  
E soleiras das portas.  
Ancoradouro e barco,  
Minha casa,

Daqui se ouvia o mar  
E o canto das sereias,  
Se nostálgico das janelas  
O olhar se alongava.

Mas o perfume do incenso  
Rolava nos altares, deuses lares,  
E eu ficava e fui sempre  
A guardiã da casa.

Pássaro do abismo,  
Mensageiro da desgraça,  
Meus olhos marinheiros  
Presentiram o desastre.

Ventos do sul sopraram  
Sobre a casa. Marés de março  
Enormes, com suas vagas,  
Submergiram e arrasaram  
Da soleira aos telhados.

Olho de furacão,  
Espiral de sargaços,  
Conheci o sumidouro,  
A fúria da voragem.

Sobrevivente do escarcéu,  
Hoje, naufraga, na casa,  
Sei que as paredes permanecem  
Intactas, com suas marcas,  
E novamente, aos poucos,  
Com meus dedos quebrados  
Vou recompondo lentamente  
A cumeeira arrasada.

*Salvador, 10 de junho de 1990*

## Natal de 1993

Porque agora é Natal,  
te escrevo letra  
de sangue em meu poema.

Nunca as ruas como hoje  
cobertas com o limo  
asqueroso da falta.

Como sacos vazios  
nas portas, como  
o papo dos perus, entufados  
de frutas,  
meu poema se constrói  
no interstício, na falha,

no lapso. Lá, onde míseros  
mínimos carneiros  
emprestam sua lâ  
ao encanto dos presépios  
e, verberando ao calor enjoativo  
das grutas,  
minha infância perdura,  
borboleta  
espetada em alfinetes.

No ar, adocicado,  
um cheiro de suor  
e soro de placenta  
testemunha o milagre.

E porque hoje é Natal,  
inscrevo signos  
de falsa rutilância  
à luz de velas.

Labirinto de aljôfar,  
purpurina,  
te escrevo, solidão?  
letra escarlata.

E meu poema se fecha  
como um laço,  
como um presente no sapato.

## Viagem a Marrocos

Na cara o vento sul,  
— Ou será o simum? —  
O balançar ondeado  
Dos camelos.

Fez, Rabat e Casablanca,  
Terracota sutil de Marrakesh,  
A cristalina fonte  
Em meio à pedra.

Azilah, tuas sílabas  
Adejam como aves,  
Como asas roçando  
Em minha face.

O meu deus é ninguém,  
Morreu menino e é doce  
Como um fruto,  
Como as águas de Oxum  
Lavando-me as feridas.

Guarda para mim,  
Azilah,  
Tuas tâmaras mais doces,  
Mais secretas...

Um minarete escreve  
Linhas tortas  
No canto que se enrola  
Pela tarde.

Como um risco de giz  
Meu caminho é um círculo,  
As caravanas passam...  
No regaço, o cão, morto, não ladra.

*Salvador, 1990*

## *Réveillon*

Noites inteiras chorando,  
E o dia  
Acumulando nuvens sobre  
Juncos, baronesas,  
Golfinhos que se estendem  
Qual tapete  
No lago onde, afogados,  
Jazem sonhos, pastos verdes,  
Cercas e o umbigo  
Enterrado na sombra  
Da porteira.

Lembranças como cortinas  
Sobre a bruma,  
E os tambores  
Ressoando, devorando  
O que inda resta de equilíbrio  
E fina dor na ponta dos cabelos.

Há uma noite comprida  
À nossa espera,  
Leve trincar de taças  
E beijos como silvos  
De ventosas  
Ao pipocar de champanhe  
E fogos de artifício.

É cruel, é cruel,  
Fingir que isto é possível.  
Que esta noite  
Cobriremos o corpo de alfinetes  
E seremos felizes.

No entanto, é preciso  
Suportar esta festa.  
Um animal estranho  
Senta-se em meu ombro.  
É pesado e incorpóreo.  
Carne de sombra  
E um crocitar de corvo.

Ao longe, vê-se o mar,  
Uma taça de cobalto.

O dia morre como fera,  
Como doce pantera  
Em sangue no poente.

— Ó sagrado animal,  
Aqui se acaba o sonho  
Ou recomeça?

Chegamos cambaleantes  
De outras farsas  
Com pinheiros verdes e punhais,  
Grandes salas vazias  
Onde as dádivas apodrecem.  
Trezentos e sessenta e cinco  
Dias...

A tarde se arrasta  
Como um réptil.

No canto esquerdo do tapete,  
Uma cachorra dorme. É cega  
E não tem pêlos. Um pouco de Tírésias,  
Talvez, nos olhos secos,  
E na memória, como filme antigo,  
Seu ritmo de cadela  
Nova, e em nós o brilho  
Da inocência esquecida.

Trezentos e sessenta...  
Este ano, outra vez,  
Debruçados na taça,  
Tentaremos decifrar  
O enigma do vinho.  
Rosas brancas no mar  
E velas  
Acesas sobre a praia.

Trezentos e sessenta e cinco  
Dias e um caminhar severo  
Sobre espadas.

*Salvador, janeiro, 1990*

## Catarse

Porque Deus (ou o Diabo?)  
Me deu o dom da fala,  
Palavras como cravos,  
Como estigmas  
Na página,

Como ácido  
Corroendo o mais profundo  
De mim, o mais secreto,  
Entranhas onde guardo,  
Intestinas,  
As lembranças mais cruéis,  
As mais silentes, graves,  
Irreveladas paisagens,  
Dores,  
Amores não cumpridos,  
Solidão, incertezas.

E aquele ato falho.  
E aquele beijo-cobra,  
Bífida língua,  
Veneno que não mata.

E aquela, aquela, aquela  
Menina entre bordados,  
Entre linhos, cambraias,  
Entre sótão e clarabóia,  
E o medo a subir, devagarinho,  
A escada onde os degraus  
Estalam.  
Pele de ovo, pele de asno,  
Sob o colchão, a falta  
Como um grão de mostarda.

Um dia ele morreu  
E era domingo,  
E eu nunca esquecerei  
O olhar da passagem.

E agora Deus, o Diabo,  
O Setestrelô, as Parcas,

O raio de Xangô,  
A Pitonisa, as Cartas,  
Quem me dará o rumo?  
Em que terreiro  
Baixará o Espírito  
Que me queima e conserva,  
Brasa sobre brasa?

Porque isso me pertence,  
É parte do legado.  
Esse dom, essa falha,  
Esse esgueirar-se  
Entre sílabas, sinais,  
Entre o visto e o nomeado.  
Apenas o Cordeiro de Deus  
E entre nós as palavras. Mansas  
Como feras mortas.  
Degoladas, intactas.

*abril, 1994*

# O que dizer a um poeta cem anos depois

*para Arthur Rimbaud*

Olhos de miosótis...  
Azul cobalto, a febre  
De teus olhos. Anjo  
De súbito acendendo  
No coração  
As lâmpadas da memória,  
Num suavíssimo adejar  
De asas sobre o peito,

Sobre o leito,  
Esquife onde navego  
Num oceano de brumas,  
Dividido  
Entre a divina loucura  
Do amor transbordante  
E a última revelação  
Das toutinegras de maio.

Agora no silêncio,  
A paixão é como um filtro.  
E tua presença a meu lado,  
Súcubo insolente,  
Faz girar o corpo esbelto  
Da ampulheta,  
Detendo por instantes  
As areias do tempo.

Nenhuma canção nos trará  
O repouso. A carne das vogais  
Apodrece na página,  
E ao toque de tuas mãos,  
Minha criança linda,  
A poesia se desfaz  
Em chuva de asteróides.

A noite é um caminho longo  
Como um rio. Nesta viagem infernal  
O óbulo de um verso

Pagará a passagem. E o barco  
Viciado sedutor, filho dileto do abismo,  
Ébrio, nos levará a qualquer parte.

Depois...

Depois só o deserto  
E no deserto a luz  
Dos fogos de Abissínia.

Saciados adormecem  
Os tigres  
Sobre os lírios.

O toque de tua mão  
Como uma carícia breve...  
Sabemos que hoje é o fim  
Mas assim mesmo fingimos.

## Poema anterior: ocasos

### I

Travo de angostura  
amor —  
Campo intocado.

— Tu, você.  
Olímpica cabeça  
de touro  
    ouro no  
    olho de ametista:  
pedra lunar, topázio.

Ouro no fio seco  
das espadas. Ouranos:  
devorando / devorado.

Cabeça de touro,  
luminosa tatuagem.  
O início se constrói,  
bicéfalo / bifronte  
— os afiados cornos.

A sedução do abismo  
— o sagrado, o conflito.  
Canto escrito na areia:  
paisagem / passagem /  
personagem.

Fabulário

na minha pele em chamas.

### II

Inventa-se um passado.  
Nós — Eu e o Duplo;  
criança inclemente  
soletrando o destino.

Não haverá relato.  
Plena ausência — limbo absoluto  
da fala — a não fala,

febre de vogais  
implorando inocência.

Plasma, esperma, lama,  
Apenas a voz  
de um corpo ausente.

Silabário incompleto,  
o signo, o aleph,  
perpetuando a morte,  
código,  
nos poros mais secretos.

# O banquete das musas

*Vinde fantasmas! Eu vos amo ainda.*

Antonio de Castro Alves

*Poesia, marulho e náusea,*

*Poesia, canção suicida*

*Poesia que recomeças*

*De outro mundo, noutra vida.*

Carlos Drummond de Andrade



## Idalina

Água de anil na tarde,  
A roupa no varal  
Acena despedidas.

Tua roupa lavada,  
Teu perfume,  
Cumplicidade de cheiros  
Mais secretos.

A poesia como linho  
Que se carda, como o puro  
Esmalte das tigelas,  
Onde a sopa  
Evola seus incensos.

Quando chegares,  
A ceia estará posta.

Teu doce favorito,  
Teu prato predileto,  
Frutas sobre a mesa  
E a nódoa  
De vinho na toalha.

A lâmpada acesa a um canto  
E a luz mais forte  
Do poema que escreves,  
Enquanto a noite  
Desata seus cabelos sobre a cama.

Esquecida no prato, a sopa,  
Coagulando lembranças,  
Como álibi.

## Eugênia

Não te darei,  
Amor,  
Profundas mágoas,

Mas indomada  
Paixão,  
Oceano de lavas.

Não te direi  
Sou tua,  
Porque minto.

Só em mim,  
Em mim mesma  
Pressinto  
O êxtase de pisar  
No risco que divide.

Tumulto é minha voz  
Cintilando, nos palcos.  
Minha voz que é tua voz.

Cicuta é meu veneno,  
Meu perfume, absinto.

Adeus, para sempre,  
Adeus.  
No cálice a última gota.

O mais é precipício.

## Leonídia

Guardo comigo um trapo,  
Um fio de cabelo,  
Um farrapo de sonho  
E o resto de um retrato.

Como um tesouro  
Escondido,  
Um filho morto que levo,  
Aos trambolhões,  
Comigo.

Tantos anos a fio,  
Tantos fios  
Tecendo o que não foi,  
Um bordado esquecido

E que ainda guardo  
No peito,  
Como parte de mim,  
Relíquia  
Do meu amor antigo.

Um fardo que carrego,  
Como um homem carrega  
Sua infância esquecida.

O cetim dos vestidos,  
A pesar-me nos ombros.  
E na testa a grinalda,  
Roxa, de boninas.

.

## Consuelo

Tanto tempo perdido,  
Tanto tempo,  
Meu corpo como um cálice,  
Cristalino, intocado,

À espera de tuas mãos,  
Em busca de um abraço  
Que não tive jamais.

Nos teus olhos febris,  
Que ardem como brasas,  
Adivinho a ferida aberta  
Em tua sorte madrasta.

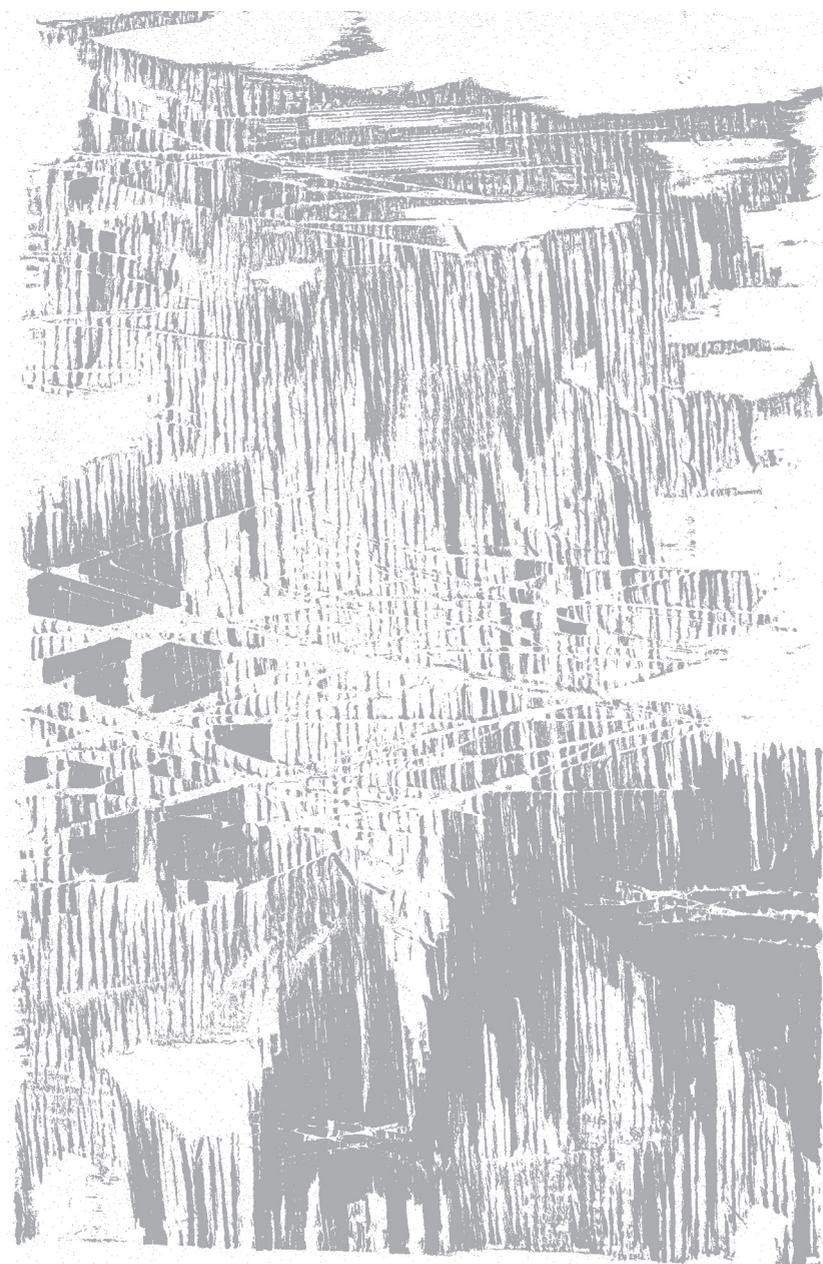
Maligna febre esta febre  
Que te arrasta,  
Amante mais cruel  
E mais avara.

Não sobrar  mais nada  
Além da mancha  
No lenço  
E o sangue que se espalha.

Sobre nós dois a lua  
Derrama sua prata.

*Salvador, 17 de novembro de 1999*

# Inéditos e esparsos





## Poema

O canto é o mesmo.  
Farol de destinos  
Decapitados.

Brancos os campos  
De sol mais claro  
E os olhos baços.

Fita de pedras  
Circundando o exato.

No corpo de vidro  
As serpentes se agitam,  
E as enxadas na pedra  
Reconstroem o espaço.

Antes era o silencio,  
Água tranqüila  
Onde nadavam peixes,

Antes era o não ser,  
A flor boiando escura.

Hoje existe apenas  
A fadiga da pedra,  
O sono amortecido das esferas,

E o corpo se descosendo,  
Inexoravelmente.

## Consumação

Saber que o tempo restringe  
O que no espaço é infinito,  
Guardando o calor da chama  
Numa máscara de prata,

E que o absoluto compasso  
Com súbita opacidade  
Nitidamente se esgarça,

E o metal branco dos olhos  
Já não reflete:  
Estilhaça.

## Pássaro inútil

Então sonhei um pássaro  
De vidro  
E calculei o tempo de seu vôo.

Traçada a rota, eclipse,  
E a transparência,  
De ignotas origens  
E distância esquecida  
Fabriquei a trajetória,  
O espaço e as asas.

E soprei sobre o vidro,  
Dei-lhe cor e vida  
E um destino de pássaro.

Mas o rumo era incerto,  
As asas frágeis,  
Ou talvez não acreditasse  
No meu pássaro.

E hoje resta apenas  
A lembrança do vôo,  
E o fragmento inútil  
De um cristal maior.

## Narciso

O que busco no espelho  
Não é a face,  
Exterior e alheia.

E nem me encanta a textura  
Ou simetria dos traços.  
O que procuro está além  
Do contemplado.

Dentro de mim, talvez  
Um tempo estranho,  
Anterior à superfície  
(ou face), se desdobre  
Sob o cristal manchado  
Das pupilas.

Atrás do fixado  
E além do rosto  
É que procuro a sombra  
Desta ausência  
Em que é medido o mundo,  
Seus enganos.

## O trapezista

No vôo, todo se alcança  
E se ultrapassa.

Não o voar calmo  
Das águias  
Que em asas se sustentasse.  
É mais a rasgada linha  
Das andorinhas.

Como andorinha  
Que medisse  
Seu próprio peso,  
E em asas, interior,  
Se abrisse,  
Gerando seu mesmo impulso  
Urgente e limpo.

E é neste extremo sentir-se,  
Nesta lucidez serena,  
Que vê o espaço vazio  
Como algo a ser palmilhado,

Onde o tempo se faz torre,  
E o silêncio, argamassa,  
Que o universo se fabrica  
Do gesto calmo e pensado,

Em que o ardor todo é contido  
Em duras fibras de carne,  
E o músculo se adelgaça  
Na pele lisa e a sustenta.

## Impotência

Embora eu tenha a transparência exata  
E saiba escolher a fibra mais precisa,  
Nada me serve, nada me sustenta,  
Pois o que eu quero está além da vida.

Se no estilhaço busco a unidade antiga,  
E na gota de água, o rumo azul dos rios,  
E um fragmento de asa seja um mapa  
Para o vôo aclarar, sua distância e origem,

Sempre haverá para mim portas fechadas,  
E navios que partem inutilmente,  
E caminhos que levam a emboscadas.

Sempre haverá para mim esta outra face  
Perdida atrás da face dos espelhos  
E que me espreita nos olhos e ameaça.

## O navegante

Comandante do acaso ou rei dos ventos  
Desdobro as minhas velas no silêncio  
Que a solidão do mar foi meu destino.

Seta lançada à beira do horizonte,  
Povoei o vazio, o mar sem nome.  
Onde estive não sei, só sei do tempo  
A devorar meu sonho, sua fome.

De tormenta e memória ainda trago  
Molhados os meus olhos que se apagam.  
Sou o que fiz, um gesto desgarrado.  
A incerteza do mundo foi meu fado.

Mas a espuma do tempo em minha face  
Clareia o que passou e tenho medo  
Ao escutar meus passos no lajedo.

*Salvador, 1968*

## Ressureição

Havia um Anjo de pé  
Na porta  
E aquela pedra  
Afastada e caída  
Na soleira.

Havia no deserto  
Aquela chaga  
E um crocitar de corvos  
Nos altares.

Havia aquela ausência,  
Aquela sombra  
Do corpo decalcado  
No sudário.

Um agitar de asas,  
O faiscante  
Azul dos olhos que miravam  
Extáticos.

E a luz, a luz,  
A luz resplandecente  
E o vulto de um homem  
(ou de um Deus)  
que se afastava.

*Salvador, 1987*

## Héstia

Apoio os meus pés no tempo,  
Fêmea, sagrada e imóvel,  
No que invento.

Centro do mundo,  
Alfinete do compasso,  
Assim desenho o espaço,  
Projeção minha,  
Passagem,  
Tensão das linhas  
Que traço.

Do meu fixo ponto  
Exato,  
Lanço os sinais  
Do meu dardo.

O outro que siga  
O rastro.

*Salvador, 1987*

## Carnivale

Porque a carne  
É a carne  
E tudo mais é fraco,  
A vida se renova  
A cada novo acaso.

Será mesmo a alegria  
O gole mais amargo  
De um Pierrot que a si mesmo  
Reconhece palhaço?

Ó espelho, ó espelho,  
Cada dia mais baço,  
Que alvo contorno é este,  
Que disfarce  
Afasta deste rosto  
O ríctus de cansaço?

Mas se é apenas um rito,  
Se é apenas passagem,  
Um frenesi, um espasmo,  
Um galope de cascos,  
Rutilantes, no asfalto,

E ao estridente soar  
Das guitarras em pânico  
O tempo se desdobra  
Em mil estilhaçados  
Fragmentos de nada...

Ó Deusa Carnivale,  
Embala nos teus braços  
A alegria dos tristes,  
Este embaraço  
Do sorriso que se perde  
Em carmim e alvaiade.

No rescaldo da festa,  
Recolhe os pedaços  
Deste deus que é delírio  
Mas que é também fracasso.

Breve,  
Todo ardor será cinza.  
Somente a enigmática  
Face nos espelhos  
Recompondo o disfarce.

*Salvador, 1987*

## A uma folha encontrada entre as páginas de um livro

O tempo não desfez a delicada  
Textura, nem o risco  
Do contorno perfeito que perdura  
Como a lembrança do aroma  
E a verde essência  
Adivinhada nas fibras do tecido.

Sente-se ainda a brisa a perpassar  
— ou talvez pássaros —  
Na trama delicada de sua malha.

Perdura também o encanto,  
Aquele força serena  
Que me fez escolher,  
Entre tantas, uma folha;  
Última ilusão de capturar o  
Instante antes que o vento,  
Murmurando nas copas,  
Destruísse o sortilégio  
Do imaginado rumor  
De ampulhetas fluindo.

E porque agora é verão,  
Súbita chama se apossa de mim,  
E embora o dia acabe (tudo acaba)  
Como o esgarçado tecido desta folha,  
Me reencontro no gesto, aquela tarde,  
Espírito do outono anunciado,  
A colorir de leve as nuvens altas.  
Enquanto a noite caía, e a solidão  
De súbito  
Andava ao pé de mim

Em plena luz dourada  
Numa alameda de longas  
Finas árvores,  
Ouro infiltrado nas sombras, réstia  
De luz e, de relance,  
A recortada silhueta

Dividida em nervuras, como o risco  
De um desenho infinito e repetido.

Refaço na memória aquele instante  
E o verde de uma folha  
Palpitando de leve contra o vento  
E que ainda guarda nos poros o perfume  
Discreto de um percurso  
Feito de passos lentos e zumbidos  
Fervilhantes de abelhas.

Isto eu recordo agora neste toque  
Desidratado e incolor,  
E esse momento, perdido na memória,  
Num reviver de seduções subitamente acesas,  
Renasce como antigas cicatrizes  
Tatuadas na carne.

Isto eu recordo agora, quando o fogo  
De um novo verão acende seus braseiros,  
E um outono esquecido renasce na lembrança  
De um dia em que, vagando sozinha e tão distante  
Numa alameda de esbeltas, finas árvores,  
Erguendo a mão, ligeiramente aflita,  
Recolhi as cisalhas  
De uma tarde de ouro que findava,  
Avermelhando devagar as copas altas.

*Salvador, 1997*

# Estatuária

*para Camille Claudel*

Desenho tua ausência  
Na memória do barro,  
O que preciso se faz  
Guardar, ou esquecer,  
Na desmesura da falta.

O contorno da espádua  
Em curvatura breve  
E os braços cinzelados,  
Onde as veias ressaltam.

Pouco a pouco,  
Refaço  
O longo espaço,  
Declive que vai  
Da nuca ao encaixe  
Do quadril.

Entre a primeira  
E a sétima vértebras,  
A dor desenha(va)  
Um som de aves,  
Como garras que pousassem.

As omoplatas, salientes  
Como asas.

Do vértice do sexo  
Ao chão  
As pernas alonga(va)m-se  
No equilíbrio de estátua.

Doce frescor de argila  
Entre os dedos, restauro  
A cabeça ovalada  
E a face,  
Onde os olhos afloram  
No engaste das pálpebras.

Ressalte-se:  
O aprumo do pescoço,  
O desenho fenício  
Do perfil,

A ossatura leve,  
E os zigomas  
Sob a pele de ágata.

As narinas arfantes  
Como pássaros.

*Salvador, setembro, 1997*

## Helena

Ele estava parado  
À entrada da sala.

Olhos postos no chão,  
Os pés unidos,  
E a seda da túnica  
Flutuando  
Sobre o torso flexível.

Das sandálias de couro  
Alongavam-se as pernas  
Como mastros de um navio.

Tanta beleza, meu Deus!

Em mim cavou-se o abismo.  
Recuaram, como onda na praia,  
Os artifícios  
Que ainda me mantinham,

E o precipício  
Atraiu-me com um som  
Claro de sinos.

Deixei para trás o lar,  
O marido e os filhos,  
A chama da lareira  
Mudou-se em pedra fria.  
Mas a deusa foi cruel.

Cada beijo de amor  
Transformava-se em crime,  
Por cada instante de paixão  
Cobrava-se o dízimo.

Tróia foi apenas um sonho.

Resta a sombra do cavalo,  
Como uma estátua,  
Na praça.  
Restam ruínas, destroços...  
A morte no meu leito  
E o vingador à porta.

*Salvador, 1998*

## Estória antiga

A mulher de Putifar  
Chegou-se de mansinho,  
Beijou-me a descarada!  
Com seu sujo carmim.

As ancas abauladas,  
Dançando ao som de cítaras,

Tentou-me com seus laços,  
Cercou-me com seus guizos,  
Rolando no tapete  
Enfurecida, aos gritos.

Enquanto isso, eu,  
Pobre José do Egito,  
Vendido como um porco,  
Caçado como um bicho,

Chafurdando no pó  
De tão grande suplício,

Buscava decifrar,  
Nas areias do Nílo,  
Os sonhos de faraó  
E minhas próprias esfinges.

*Salvador, setembro, 1998*

## O mirante

Tarde de ouro brilhando  
Nas vidraças, sol de puro êxtase,  
A peregrina luz dourada, no mirante  
Que se projeta no ar, como uma ave  
Pousada nos telhados, sobre a praça.

No peitoril em brasa, nos esconsos  
Portais onde habita o silêncio,  
Devoro cada momento, cadela de  
Murchas tetas, cega da luz excessiva,  
Babando um uivo longo sobre o mar  
Que se precipita na distância e,

Mais além, no horizonte incendiado,  
Regurgita velhas lendas, restos de naufrágio,  
Batelões espanhóis, caravelas de proas alongadas  
Surgindo das águas tintas, do encantado perau  
Onde habita o improvável.

A cidade mergulha na sombra alaranjada  
Que, aos poucos, sobe do golfo imenso  
E, suavemente, se espalha  
No recorte do Recôncavo, povoado de ilhas.

Conjuração de pombos e de sinos,  
A tarde apodrece como um fruto  
A repartir-se em gomos nas esquinas.

O que farei agora, quando, exausto,  
O coração se inclina para o abismo  
E lenta, lentamente, instala-se o conflito?

O tempo colou em minha boca  
Sua boca de granito.  
Neste mirante, debruçado  
sobre o verde infinito do mar  
E torres centenárias,  
O passado renasce nas ladeiras  
De velhas pedras polidas,  
Soturnas transversais  
Onde habitam avantesmas,  
E à noite vêm cantar,

Com goelas roucas, raparigas  
De longos véus diáfanos e turbantes.

Esculpido pelo vento, o pelouro ressurge  
À luz que vem do ocaso, com argolas  
De ferro e marcas no tronco rijo.

Ao estalar do chicote, um cheiro ácido  
De sangue, de água suja, de cusparada  
E mijo se espalha ao som crescente  
De rezas, bruxarias, esconjuros, gemidos.

Na encruzilhada, luz e trevas,  
O falo ereto, hierático, ardente  
Como um círio, Elegbá  
Se apodera das mulheres,  
Perdulário de amor e malefícios.

No portal das igrejas recomeça a litania.

*Salvador, outubro, 1999*

## Os pássaros do Natal

Os pássaros do Natal  
(Ruflar de asas)  
Coloriam de plumas  
Os telhados.

Seus bicos de coral  
Traçando exatos  
Grafitos nas paredes,  
Seus olhos de ametista,  
Seu cansaço  
E o peso da solidão  
Em suas penas.

Os pássaros do Natal  
Rodaram aflitos  
Afugentando a fome  
Dos caminhos.

Sei que vieram de longe,  
Sei que um teto  
De gruta, estábulo  
Ou Berço  
Por uma noite hospedou  
O sonho aflito  
De sua longa viagem  
Em busca do infinito.

Os pássaros do Natal,  
Aves pernaltas,  
Sonharam debruçadas  
Sobre o rio  
E nem viram a Estrela  
Ou pressentiram  
A pisada dos reis  
Pelo caminho.

Os pássaros do Natal  
Se confundiram  
Entre ovelhas e cabras  
E os pastores,

No escuro da noite  
Presentiram  
Anjos e aves estranhas  
Sobre as casas.

Os pássaros do Natal  
Teceram mantos,  
Da plumagem do peito,  
Sobre o ninho  
Onde dormia, pássaro,  
A Criança  
Serena em sua palha,  
Humilde e real na manjedoura  
Quente do bafo quente  
Da alimária.

Os pássaros do Natal  
(Vagos presságios)  
Vieram antes dos Magos,  
Vieram antes do sangue  
Do cordeiro,  
Antes da morte cruel  
Dos inocentes.

As aves do Natal,  
Naves serenas,  
Carregadas de ouro, mirra  
E incenso,  
Navegavam no tempo.

E de repente,  
Como flores se abrindo,  
Como pétalas,  
Os pássaros floriram  
Com suas asas  
A sombra do Calvário  
Na parede.

## O verbo encarnado

*A carne é triste*

Stéphane Mallarmé

A carne não é triste.  
É só delírio  
O que vejo na tarde,  
É apenas rastro  
Do verão que se afasta  
Como um bicho,  
Rastejante, se afasta.

Apenas o sol,  
Com seu brilho de facas,

E meu corpo se agita  
Ao calor dessa luz  
Que me apura os sentidos,  
E estalo como fruta,  
Como a pele das frutas,  
Incontidas, aflitas.

Maduras fontes calmas,  
De mel e de alfazema,  
A serena, a doce aparição  
Da face nos espelhos.

O momento que passa  
E pode ser o último,  
(Sempre pode ser o último.)  
E, no entanto, esperdiças,  
Quando a vida é apenas  
Um céu azul polido  
Na barra das manhãs  
Coroadas de brumas.

E a esperança  
É como aquela face  
Perdida nos vazios  
De um olho que escurece,  
Esquecido de seus brilhos.

Não direi, não direi,  
Mas como pesa

Uma lembrança morta  
E rediviva  
A cada novo verão,  
Quando o sangue se agita  
E atropela-se nas veias,  
Como enguias aflitas.

Sabe a silêncio e sal  
A minha boca.  
Aqui se comemora o instante  
E, mais que o instante,  
O súbito fulgor  
Da palavra saudade.

Porque agora é verão  
E novamente o milagre  
É esperar o impossível,  
O desejado, o eterno  
Faiscar de pirilampos  
Nas esquinas do tempo.

Sopro no vazio,  
Aliança no barro,  
E esse rumor de mar,  
Esse marulho,  
Dividindo minhas águas,  
Apagando em meu corpo  
A maligna tatuagem,  
Corrosiva e perfeita  
Como um beijo.

A carne não é triste,  
A carne é doce  
Como uma palavra de adeus  
Soprada nos ouvidos,  
A lembrar que neste verão,  
Talvez,  
Ainda exista o milagre,  
E o sangue, devagar,  
Encontre seus atalhos,

E a chama, sempre a chama,  
Incendeie os altares  
Onde o verbo, revelado,

Enfim, se faça carne  
E como um deus habite  
O corpo que lhe cabe.

*Salvador, 2006*

## O gato

O gato é puro ato.

Salto no vazio,  
Sombra furtiva  
A deslizar no escuro.

A presença do nada  
Que encanta e resvala,  
Estátua,  
Na almofada da sala.

\*\*\*

O gato:  
O brilho olho do gato,  
Fogos-fátuos na sombra,  
O verde olhar  
Feito de chama e lava.

Círculo de luz  
Iridescente e mágico  
Iluminando a noite,

Lâmpada de esmeralda  
A flutuar nos telhados.

*Salvador, fevereiro, 2007*

## Álbum de família

*Para meu tio, Lafayette Pondé, ao completar cem anos.*

Como areias que escorrem da ampulheta,  
Assim correm os dias, nossos dias,  
Na constante esperança de uma noite  
Que nos devolva em sonhos a memória  
De um tempo que se foi e não retorna.

Cem dias navegando e mais cem dias  
A percorrer o rumo dos contrários.  
E cem e mais cem até que os anos  
Se fechem como um aro, e do vivido  
Nada mais reste além dessas lembranças,  
Como fotos antigas em álbum de família.

Uma fachada de azulejos sobre a rua  
E cortinas de renda nas janelas.  
Havia um corredor e havia a espera  
Do pai que não chegava,  
A bengala e o chapéu postos de lado.  
E o ramalhete de cheiros de uma sopa  
Repartida entre todos quando à volta  
Da mesa se sentavam, para a ceia.

Tios, tias, a mãe reinando ao centro,  
Aquela mágoa nos olhos dos irmãos e, no retrato,  
Uma estação de trem, a inscrição apagada:  
— São Gonçalo, uma parada de dor,  
Das muitas que passaram.

É tudo tão confuso, tudo tão apagado,  
Como o risco de um desenho que renasce  
Do mais fundo do coração, do mais sagrado  
Escaninho, onde, guardados, permanecem  
Os anos que não voltam,  
Ai, que não voltam nunca, nunca mais.

Rodopiam as lembranças como vidros  
Coloridos, girando num caleidoscópio.  
Debruçada na sacada, aos sábados,  
Minha avó esperava a visita pontual,  
Recordando o passado e o quintal de outra casa,  
Onde a infância ficara perdida nos atalhos.

Cem anos é muito tempo para um homem,  
Quando a vida se mede na excelência  
De viver como quem traça o itinerário,  
Sabendo que haverá sempre o inesperado  
Atrás de cada curva do caminho.

E tudo se torna cinza, tudo aos poucos se esgarça,  
Ao flutuar constante de imprecisas imagens  
Mas, mesmo na distância de um tempo passado,  
Vejo o vulto impecável, a elegância do gesto,  
A voz sempre contida e a ironia do riso  
A flutuar discreto em lábios finos.

Cem anos e mais cem seria o tempo  
De recordar os dias e, mais que os dias,  
Uma manhã de maio, luminosa,  
Como as flores num jarro sobre a mesa,  
Em que, resignados, dividimos as lágrimas,  
Como se repartem os pães na eucaristia.

Dos momentos vividos, das lembranças,  
Com que reinvento os verões  
Que me devolvem o sonho,  
Fui tecendo estes versos, sem medida e sem rumo,  
A reinventar segredos no jardim da memória,  
Como as crianças da fábula que voltam para casa  
Guiadas pelas marcas que deixaram na estrada.

*Salvador, março, 2007*

## Meu pai

Penso em meu pai, caminhando a meu lado,  
Numa praia ensolarada. Sua passada larga  
Arrasta-me a uma distância maior que meu destino.

Penso em meu pai, o olhar deslumbrado  
Desvenda-me a voluta, decifra o arabesco,  
E, pousado na esquina, descobre a harmonia  
Que habita nos beirais do sobrado em ruínas.

Penso em meu pai, sua voz cristalina  
A tirar de um livro sons que parecem violinos:  
— *Tange o sino, tange, numa voz de choro,*  
*Numa voz de choro... tão desconsolado...*

Eu era tão menina...  
Hoje sinto os sinos tangendo na alma.

Penso em meu pai, cada momento vivido  
Em mim traz sua marca: mãos acariciando marfins,  
Mãos transformando a dor em açúcar-cândi e balas.

Na penumbra da sala, uma poeira rosada  
Escorre dos vitrais da bandeira da porta,  
A música invade o espaço e, do fundo do silêncio,  
Uma voz de contralto vinha cantar sua mágoa,  
*Um bel dì vedremo...* E eu chorava.

Como choro o instante incomensurável da falta,  
Um pedaço de mim, a melhor parte, suponho,  
Que ficou para trás, brilhante, intocada,  
Nas teias da memória que ainda guarda, intacta,  
A lembrança de um jardim sombreado de acácias.

O jardim de meu pai...

Encantadas permanecem as hortências e as rosas,  
A murta com suas flores fervilhando de abelhas,  
E as begônias debruçadas na fonte de azulejos,  
Onde à tarde uma ninfa borbilhava sua mágoa.

Penso em meu pai e, num sonho, novamente,  
Como num filme antigo, me vejo a seu lado,  
Como se não houvesse entre nós esse espaço,

Esse rio que separa o tempo em duas partes,  
Como se não houvesse esse hiato, como se...

Eternidade, talvez, seja a palavra exata.

*Salvador, agosto, 2007*

## Herança

Quando cheguei ao mundo,  
Tróia não mais existia,  
Mas em meus sonhos mais cruéis  
Nunca deixei de procurá-la.

A cidade  
Onde os homens  
Morriam pela beleza,  
E as mulheres se encantavam,  
Quando o amor era apenas  
Um pretexto para os deuses.

Como suportarei viver  
Neste mundo, exilada,  
Vendo o sol nascer  
Sobre o pó das muralhas,

Enquanto no horizonte,  
A esvair-se em lenda,  
A sombra de um cavalo  
Transforma-se em miragem

E ontem, como hoje,  
Tudo será passado.

## Circunavegação

E refizemos mais uma vez  
Os caminhos de outrora,  
Buscando os arrecifes  
Onde vivem as sereias,  
Com sua pele delicada  
E a cauda  
De escamas cor-de-rosa;

Braços finos como hastes,  
Talos de erva balouçando  
Aos suspiros do vento.

Ali, cercados de maresia,  
No defendido espaço  
Do mais alto penhasco,  
Decifrando o grito agudo  
Dos pássaros selvagens  
E o azulado desenho  
Das veias, sob a pele,  
Recordamos outro tempo,  
Outro horizonte,

Onde hortências cor de vinho  
Debruavam os gramados,  
E um enxame de abelhas  
Sorvia o mel das tardes.

Longe e há muito tempo,  
Aqueles tardes,  
Tatuadas na memória,  
Como espinhos na carne,  
Amarelando ao calor  
De outros verões sonhados.

Quando havia então no mar  
A certeza de um barco  
E a esperança de um porto,  
Além, muito além,  
Da tentação dos naufrágios.

E buscávamos adivinhar  
A mensagem cifrada

Na escritura das aves,  
Pequenas bailarinas  
De pernas de alabastro  
Que, em longos vôos enigmáticos,  
À procura dos mastros,  
Como encantadas nereidas,  
Desterradas das águas,  
Imprimiam na areia  
Seus rastros estrelados.

Talvez, então, pudéssemos sentir,  
Novamente, o salitre nos lábios,  
Onde um poema cantava  
A doçura da hora,  
Quando tudo era encanto  
E era tudo sagrado,  
E meu amor estava vivo  
E era belo e adorável  
Como um touro selvagem

E não dormia como agora,  
Como dorme o afogado,  
De braços sobre as ondas,  
Coberto de sargaços.

*Salvador, 2007*

## Alma mater

A mãe caça mosquitos  
Nos cortinados do tempo,  
Inocente predador vigiando alfazemas,  
Cambraias, altares...  
Doce abutre pousado atrás do berço.

Sete punhais no peito, sete selos,  
Uma bruxa e uma fada, e uma criança  
Crescendo nas cavernas do ignoto,  
No úmido aqueduto que conduz ao futuro  
Encontro de outras águas,  
Rios a renascer do estuário de outros rios.

Um coração dividido, um olhar delicado,  
Um medo na garganta, um respirar aflito,  
Os tumultos do sangue a exorcizar pesadelos.

O peso do filho sobre o peito, esconjuro  
Guardado a sete chaves, antes que...

Antes que nada aconteça.

\*\*\*

Bem-aventurado o tempo das lembranças,  
Os dias que não voltam, as placentas  
Enterradas no quintal do esquecimento,  
Onde uma fera emboscada dominava o silêncio.

A mãe separa o côncavo do convexo  
Ao repartir o pão de cada dia  
Na fina louça branca disposta sobre a mesa.  
Acerto e desacerto, o tudo e o nada,  
Assim desfaz o risco dos bordados  
Redesenhando miragens, incertos caminhos,

O mistério da vida por um fio,  
Tênuo cordão a unir os contrários.  
A mãe é sortilégio dos contrários,  
Tubarão e pelicano: devoradora e devorada.

\*\*\*

A mãe ensina coisas práticas:  
A metafísica do limbo, a dor da passagem,  
A ciência de se proteger dos sapatos molhados  
E das correntes de ar.

Os xaropes, as abluções, o cataplasma,  
Contraponto ao segredo que se oculta  
No fundo dos armários, onde dormem  
Os tesouros sagrados:  
Um cacho de cabelos, um dente de leite,  
Uma fita desbotada.

O amor tem muitas formas de doer.  
Ave de rapina, os olhos doces,  
A mãe escolhe o espaço para o pouso  
E lá se instala  
À espera da hora, do bote, do holocausto.

Num trono de cristal, mutante, vária,  
Entre esconjuro e escapulário,  
Ela devora os filhos. E finge que não sabe.

*Salvador, março, 2008*





# Sumário

<b>Poesia e memória</b>	
<i>Evelina Hoisel</i>	9
<b>Marinhas</b>	23
<b>Pescadores de Mar Grande</b>	29
<b>A ilha</b>	37
<b>Sesmaria</b>	45
A cidade	47
A cidade	49
Repetição de paisagem	51
O dia	52
E a noite	53
Noturno	54
Domingo	55
Farol	56
Os fantasmas	57
Pedro Álvares Cabral em Santarém	59
Francisco Pereira Coutinho	60
D. Baltasar de Aragão	61
Tomé de Souza	62
Catarina	63
Caramuru	64
Francisco Frias ou das fortalezas	65
Anchieta	66

Hipupiara	67
Os ancestrais	68
Gabriel Soares	69
Os naufrágios	71
Galeão Sacramento	73
Galeão Rosário	74
Nau Sra. da Vitória ou a morte do Bângala	75
Os invasores	77
Memória	79
Revelação	80
Das grandezas	82
Os invasores	84
O aviso	85
A espera	86
Os marranos	87
A maldição do bispo	88
D. Diogo	89
As tardes de maio	90
O medo	91
A chegada	92
Pânico	93
A fuga do bispo	95
Vigília de D. Diogo	96
A derrota	97
A rendição de D. Diogo	98
A cidade conquistada	99
A resistência	100
O santo guerreiro	101
Arraial do bispo	102
Combate	103
Os gigantes da fúria	104
Francisco Padilha	105
Frei Vicente	106
A Morte de Johann Van Dorth	107
Francisco Nunes Marinho	111
O socorro	112
D. Francisco de Moura	113
O império	115
A esquadra	116
D. Fradique	117

A jornada dos vassallos	118
O desembarque	120
O general	121
A reconquista	122
A morte	123
Diogo Ferreira	124
As trombetas	125
Carta a el-rei	126
Os enforcados	127
Os heróis	128
Epílogo	129
Índice onomástico	131
<b>O livro dos adynata</b>	135
I - Definição ou da impossibilidade de dizer	137
II - Paisagem ou da impossibilidade de ver	145
III - Persona ou da impossibilidade de ser	153
<b>O risco na pele</b>	161
A esfinge	163
Cão de caça	164
Desencanto	165
O avião	166
Barragem	167
O gavião	168
Cidade da Cachoeira I	169
Cidade da Cachoeira II	175
O potro de cinzas	181
Espaço jornal	184
Os retratos	188
Sobrado amarelo	190
Desenho rupestre	196
Corpo a corpo	199
Olho de vidro	202
Labirinto	204
O risco na pele	208
Os cinco sentidos	211
Medusa	213

<b>As purificações ou O sinal de talião</b>	215
Explicação (quase) desnecessária	217
O talhe das pedras	219
As purificações	221
Vórtice I	222
Vortice II	223
Rotação	224
Teogonia	225
Atavismo	226
Metamorfose	227
Arqueologia	228
Sabat I	229
Bestiário	230
Litúrgico	231
Altamira	232
Imaginária	233
O vaso ritual	235
Os argonautas	237
Iniciação	240
Roteiro	241
Ícone	242
Mapa	243
Arúspice	244
Memória	245
Sinete	246
Desalento	247
Linhagem	248
Astrologia	249
Anátema	250
O sinal de talião	251
Guerrilha	253
Metáfora	254
Simetria	255
Retórica	256
Sabat II	257
Ritual	258
Trajectoria	259
Minopauta	260
Terror	261

Inquisição	262
Cabala	263
Penélope	264
Motim	265
Geografia	266
Rotina	267
Banquete	268
Albergália	269
Espelhos	270
O sétimo selo	271
A anunciação do silêncio	273
Parábola	275
Antielegia para John Lennon	277
<b>A lenda do pássaro que roubou o fogo</b>	283
Noite	287
No princípio era a noite	289
Neste escuro país	290
O nascimento do dia	291
Lenda	293
Uma estória sem nome	295
Definição	296
Era uma vez um pássaro	297
Metamorfose I - O pássaro	299
Cantiga	301
Encantamento	302
Iniciação	303
O feiticeiro cego	304
Viagem ao palácio do Sol	305
Ó força do destino	307
Heráldica	308
Regresso	309
Formoso é o pássaro	311
O canto da terra	312
Semeadura	313
Asas	314

Metamorfose II - O homem	315
Cicatrizes	317
Eu sou ninguém	318
Canto	319
Solidão	321
Cabedal	323
O escuro silêncio	324
Maíra	325
Limite	326
Inventário	327
<b>Os deuses lares</b>	329
<b>Femina</b>	343
<i>Ars poetica</i>	345
Dejanira	346
A pequena notável	347
Pasifae e o touro	348
Joana	349
Anunciação	351
Judite	352
A dama e o unicórnio	354
Maria Bonita	355
Salomé	359
Sete poemas, de amor e desespero, de Maria de Póvoas, também chamada Maria dos Povos, à partida do poeta Gregório de Mattos para o degredo em Angola	361
Calendário	369
Janeiro	371
Fevereiro	372
Março	373
Abril	374
Maio	375
Junho	376
Julho	377
Agosto	378
Setembro	379

Outubro	380
Novembro	381
Dezembro	382
Idílios	383
Pássaros no coração	385
Navegações	385
Noturno	385
Ocaso	385
Robinson	386
Plenitude	386
Viagem	386
Bucólica	386
Filosofia	387
Marinha	387
Paráfrase	387
Moema	387
Na praia	388
Distância	388
Cromo	388
Cetraria	389
Prudência	389
Sachê	389
Saciedade	390
Lembrança	390
<i>Spleen</i>	390
Helênica	390
Ressaca	391
Poema	391
Bestiário	393
Harpia	395
Cobra de vidro	396
Falena	397
Centauro	398
Tarântula	399
Salamandra	400
Lycaios	401
O súcubo	402
O abutre	403
A fome das águas	404

Poliedro	405
Fonte	407
Calor	408
As rosas vermelhas	409
Cotidiano	410
Pastoreio	411
Solário	412
Testemunho	413
Estátua	414
Corpo	415
Cinzas	416
Chuva	417
Provérbios	418
Possessão	419
Daniel na cova dos leões	420
Felliniana	421
O arquiteto	422
Clepsidra	423
A casa	425
Natal de 1993	427
Viagem a Marrocos	428
<i>Réveillon</i>	429
Catarse	431
O que dizer a um poeta cem anos depois	433
Poema anterior: ocasos	435
O banquete das musas	437
Idalina	439
Eugênia	440
Leonídia	441
Consuelo	442
<b>Inéditos e esparsos</b>	443
Poema	445
Consumação	446
Pássaro inútil	447
Narciso	448
O trapezista	449
Impotência	450
O navegante	451
Ressureição	452

Héstia	453
Carnivale	454
A uma folha encontrada entre as páginas de um livro	456
Estatuária	458
Helena	460
Estória antiga	461
O mirante	462
Os pássaros do Natal	464
O verbo encarnado	466
O gato	469
Álbum de família	470
Meu pai	472
Herança	474
Circunavegação	475
Alma mater	477



**Myriam Fraga**, nascida em Salvador, Bahia, estreia em livro com *Marinhas*, poesia, no ano de 1964, pelas Edições Macunaíma — editora especializada em publicações de tiragem limitada e de alto padrão gráfico, sob a orientação artística do gravador Calasans Neto.

Com poemas traduzidos para o inglês, francês e alemão, tem participado de diversas antologias no Brasil e no exterior. É citada em várias publicações nacionais e estrangeiras, entre elas: *Pequeno dicionário de literatura brasileira*, de José Paulo Paes e Massaud Moisés (1968); *Grande enciclopédia Delta Larousse* (1972); *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Afrânio Coutinho (1990) e *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno Picchio (1997). Tem participado, como escritora convidada, de inúmeros eventos no Brasil e em outros países, como: I Encontro da Poesia Brasileira - Semana Joaquim Cardoso, Recife (1981); II Bienal Nestlé de Literatura, São Paulo (1984); Brazilian Writers Project, EUA (1985); 40º Congresso da União Brasileira de Escritores-UBE, São Paulo (1986); III Bienal Nestlé de Literatura, São Paulo (1986); 5º Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros, PUC-Rio Grande do Sul (2001); Simpósio sobre a Cultura e a Literatura Caboverdianas, Mindelo, Cabo Verde (1986); Encontro Poesia em Lisboa, Lisboa (1998); III Congresso Nacional de Escritores, Recife (2002); Colloque Jorge Amado, Sorbonne, Paris (2002); Encontro sobre poesia, Universidade de Rennes, França (2005); Festival Literário de Parati-FLIP, Rio de Janeiro (2006); Festival Literário de Porto de Galinhas, Pernambuco (2007); Semana do Brasil, La Rochelle, França (2007).

Eleita por unanimidade membro efetivo da Academia de Letras da Bahia, tomou posse no dia 30 de julho de 1985, passando a ocupar a cadeira de n.º13, que tem como patrono o poeta Francisco Moniz Barreto, na vaga de Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa. Foi membro do Conselho Federal de Cultura, do Conselho Federal de Política Cultural, do Conselho Estadual de Cultura e do Conselho Editorial da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Integra, atualmente, o Conselho da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB.

Diretora Executiva da Fundação Casa de Jorge Amado desde sua instituição, em julho de 1986, vem se dedicando, igualmente, à área de Administração Cultural. Entre 1980 e 1986, esteve à frente de projetos pioneiros na Fundação Cultural do Estado da Bahia, quando coordenou a Coleção dos Novos e foi responsável pelo projeto de criação do Centro de Estudos de Literatura, hoje Departamento de Literatura.

Membro da Associação Baiana de Imprensa-ABI, além de manter colaboração em revistas e jornais, foi responsável pela coluna Linha D'Água, sobre assuntos culturais, publicada aos domingos no jornal *A Tarde*, Salvador, de 1984 a 2004.

## Bibliografia

### Poesia

*Marinhas* (Salvador: Macunaíma, 1964)

*Sesmaria* (Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1969. Prêmio Arthur de Salles); (2.ed. Salvador : Macunaíma; Omar G., 2000)

*O livro dos adynata* (Salvador: Macunaíma, 1975)

*A cidade* (Salvador: Macunaíma, 1979)

*O risco na pele* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979)

*As purificações ou O sinal de talião* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981)

*A lenda do pássaro que roubou o fogo* (Salvador: Macunaíma, 1983)

*Six poems* (Trad. Richard O'Connell. Salvador: Macunaíma, 1985)

*Os deuses lares* (Salvador: Macunaíma, 1992)

*Die Stadt* (Trad. Curt Meyer-Clason. Salvador: Macunaíma, 1994)

*Femina* (Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Copene, 1996. Prêmio Copene Cultura e Arte)

### Antologias

*Cinco poetas* (Salvador: Macunaíma, 1966)

*Antologia da moderna poesia baiana* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967)

*25 poetas da Bahia* (Salvador: DESC, 1968)

*Sete cantares de amigos* (Salvador: Arpoador, 1975)

*Antologia de poetas da Bahia*, em alfabeto Braille (Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976)

*Em carne viva* (Org. Olga Savary. Rio de Janeiro: Anima, 1984)  
*Poetas contemporâneos* (Org. Henrique Alves. São Paulo: Roswitha Kempf, 1985)  
*Simulations* (Org. Richard O'Connell. Flórida: Atlantis, 1993);  
*Síncretismo - a poesia da geração 60* (Org. Pedro Lyra. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995)  
*Modernismo brasileiro* (Org. Curt Meyer-Clason. Berlim: Druckhaus Galrev, 1997)  
*Poésie du Brésil* (Org. Lourdes Sarmento. Paris: Vericuetos, 1997)  
*Poesia em Lisboa* (Lisboa: Casa Fernando Pessoa; P.E.N. Club Português, 1998)  
*A poesia baiana no século XX*. (Org. Assis Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 1999)  
*Águas dos trópicos* (Org. Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2000)  
*Antologia de poetas brasileiros* (Sel. e org. Mariazinha Congílio. Lisboa: Universitária Editora, 2000)  
*A paixão premeditada* (Org. Simone Lopes Pontes Tavares. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2000)  
*Poetas da Bahia: século XVII ao século XX* (Org. Ildásio Tavares. Rio de Janeiro: Imago; Biblioteca Nacional, 2001)  
*Antologia da poesia brasileira* (Org. Xose Lois Garcia. Santiago de Compostela: Laiovento, 2001)  
*Companhia de poetas* (Org. José Alberto Pinho Neves. Juiz de Fora: Funalfa, 2003)  
*Perfil Grécia - em poetas do Brasil* (Org. Stella Leonardos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004)  
*Geopoemas / Geopoems*. (Org. Luiz Angélico da Costa. Salvador: EDUFBA, 2007).

## Prosa

*Flor do sertão* (Salvador: Macunaíma, 1986)  
*Uma casa de palavras* (Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1997)  
*Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves* (Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2002).

## Infanto-juvenil

*Castro Alves* (São Paulo: Callis, 2001. Coleção Crianças Famosas)  
*Jorge Amado* (São Paulo: Callis, 2002. Coleção Crianças Famosas)  
*Jorge Amado* (São Paulo: Moderna, 2003. Coleção Mestres da Literatura.)  
*Castro Alves* (São Paulo: Moderna, 2004. Coleção Mestres da Literatura.)  
*Luiz Gama* (São Paulo: Callis, 2005. Coleção A Luta de Cada Um)  
*Carybé* (São Paulo: Moderna, 2005. Coleção Mestres da Pintura.)  
*Graciliano Ramos* (São Paulo: Moderna, 2007. Coleção Mestres da Literatura.)

## **Títulos e prêmios**

Prêmio Arthur de Salles (Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, 1969); Prêmio Casimiro de Abreu (Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, 1972); Medalha Castro Alves (Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, Salvador, 1984); Medalha do Mérito Castro Alves (Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, 1984); Personalidade Cultural (União Brasileira de Escritores - UBE, Rio de Janeiro, 1987); Medalha Maria Quitéria (Câmara dos Vereadores da Cidade do Salvador, 1996); Prêmio COPENE de Cultura e Arte (COPENE, Salvador, 1996); Prêmio Alejandro José Cabassa (União Brasileira de Escritores - UBE, Rio de Janeiro, 1998).

